

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA RODRIGUES

**“*EDUCAR, ASSISTIR, MORALIZAR*”: A EXPERIÊNCIA
DOS CLUBES DE MÃES EM LIMOEIRO DO NORTE – CE
(1960 – 1990)**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP
Programa de Pós-Graduação em História Social.

Maria da Conceição Silva Rodrigues

**“*EDUCAR, ASSISTIR, MORALIZAR*”: A EXPERIÊNCIA
DOS CLUBES DE MÃES EM LIMOEIRO DO NORTE – CE
(1960 – 1990)**

Dissertação apresentada à
Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título
de MESTRE em História sob a
orientação da Profa. Doutora
Olga Brites.

PUC – SÃO PAULO

2011

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

A Francisco Rosa Albuquerque

(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo re-encontro com Deus, não imagino como conseguiria concretizar esse sonho sem a proteção dessa força maior. Agradeço a minha família, Nedina e Davi por todo carinho, cuidado e compreensão dispensados.

Agradeço aos amigos do Ceará, pessoas que sorriram comigo, mas também lamentaram os percalços e deram força para continuar. Obrigada Neiva Melo, Jane Oliveira, Wellington Machado, Kelson Gérison, Joicyana Darllay, Regiane Machado, Vera da Costa, Moises Rodrigues, Rogaciano dos Santos e Rakel Bezerra, a esta ultima, meu obrigada pela leitura e correção atenta deste trabalho. Obrigada ainda a Ranulfo Alexandre pela incalculável ajuda.

Aos amigos de São Paulo que tanto me apoiaram, agradeço a Clarissa Schimidt e Josberto Montenegro por me recebem em sua casa nos primeiros passos dessa caminhada, a Theotônio Pauliqueves pela amizade incondicional, a Melvina Araújo e Alice Afra por me receberem em seu lar com tanto carinho, a todos da Associação Beneficente Santa Fé por me ensinarem mais sobre as pessoas e sobre a vida. A Ires que é tão especial para mim, obrigada.

Ao Renato dos Santos, por me dar a chave da sua casa e do seu coração, obrigada.

Agradeço ainda a todos os colegas de mestrado que de muitas maneiras ajudaram. A minha amiga Regiane Luzia, uma grande companheira, muito obrigada.

Aos professores do departamento de história, em especial às professoras Vera Vieira e Estefânia Caguçu pela leitura atenta de meu texto e ao professor Fernando Torres Lodoño pelos norteamentos num momento decisivo.

Minha gratidão também à professora e orientadora Olga Brites pelos pareceres, instruções e pela paciência.

Obrigada às professoras Mirna Busse e Yvone Dias, pelas indicações e dedicação no exame de qualificação que tanto contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Ao CNPQ agradeço pela concessão da bolsa integral, sem a qual este trabalho não poderia ser viabilizado.

A todas as mulheres que me concederam seu tempo e suas experiências através das memórias, muito obrigada.

RESUMO

Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte, Ceará, são organizações de ação social que emergiram no cenário público brasileiro em meados do século XX e ao longo de sua trajetória, ganham expressividade no âmbito da América Latina. São espaços que reúnem mulheres-mães em torno de interesses múltiplos como o assistencialismo, a identidade feminina, educação doméstica, a disseminação da moral cristã por sua vinculação com a Igreja Católica, assim como a propagação dos ideais higienistas. A presente pesquisa trabalha metodologicamente com depoimentos orais das mulheres que vivenciam essa formação. Utiliza-se também para compor as análises, diversos documentos como, atas e certidões de fundação, estatutos dos clubes, bem como projetos dos cursos oferecidos e livros de Tombo da Paróquia de Limoeiro do Norte. A problemática central do estudo é entender a dinâmica de assistir, educar e moralizar, presente nessas organizações, ao passo que busca entender como algumas mulheres que vivenciam esse espaço constroem suas experiências em meio à referida dinâmica. A análise dessas experiências possibilitou compreender as tensões vivenciadas por elas cotidianamente, os paradigmas de dominação, mas também como essas mulheres forjaram resistências, e resinificaram sua condição feminina.

.

PALAVRAS-CHAVE: Clubes de Mães, Igreja Católica, Limoeiro do Norte, experiência, condição feminina.

ABSTRACT

The Clubs of Mothers in Limoeiro do Norte, Ceará, are organizations of social action that emerged in the public Brazilian mid-twentieth century and throughout its history, gain expressiveness in the context of Latin America. They are spaces that gather women-mothers around of multiple interests such as welfare, female identity, domestic education, the spread of Christian morality by its relationship with the Catholic Church, as well as the spread of the ideals hygienists. This research work methodically with oral testimonies of women who experience this training. It is also used to compose the analysis, as various documents, records and certificates of foundation, statutes of Clubs, and projects of courses offered and Tombo books of Parish of Limoeiro do Norte. The central issue of the study is to understand the dynamics of assisting, educating and moralizing, present in these organizations, while seeking to understand how some women who experience this space build their experiences in the midst of dynamics referred. The analysis of these experiences enabled to understand the tensions experienced by them daily, the paradigms of domination, but also how these women forging resistors, and reframe their womanhood.

KEYWORDS: Clubs of Mothers, Catholic Church, Limoeiro do Norte, experience, womanhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

(mapas, figuras, quadros e tabelas)

Mapa 01	13
Tabela 01	50
Tabela 02	51
Gráfico 01	119
Gráfico 02	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

4 S – Clube 4 S: Saber, Sentir, Servir e Saúde.

ANCAR: Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural.

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base.

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

LBA: Legião Brasileira de Assistência.

MEB: Movimento de Educação de Base.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I: ENTRE O RIO E A CRUZ NASCE LIMOEIRO DO NORTE-CE	31
1.1 Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte-CE: Por uma história social	40
1.2 Clubes de Mães no sertão cearense	52
1.3 Os Clubes de Mães e a Igreja Católica	55
1.4 As memórias como “porto de partida”: A inserção social dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte-CE	63
 CAPÍTULO II: OS CLUBES DE MÃES: EDUCANDO E FORMANDO A MULHER IDEAL	75
2.1 A Igreja Católica e a Educação para mulheres nos Clubes de Mães	90
2.2 O Clube de Mães ensinando “tudo que a mulher precisa saber”	93
2.3 Os Clubes de Mães e o mundo do trabalho	98
2.4 O Trabalho e o Não-Trabalho	103
2.5 Benefícios ou sociabilidade: Por que ir ao Clube de Mães?	108
 CAPÍTULO III: OS CLUBES DE MÃES EM LIMOEIRO DO NORTE: MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E PERSPECTIVAS	113
3.1 A formação de lideranças comunitárias	122
3.2 No público e no privado: A moral dos Clubes de Mães	129
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
 FONTES	140
 BIBLIOGRAFIA	142

INTRODUÇÃO

Não sei se conseguirei, mas meus esforços, neste caso e nos outros, não objetivavam apenas a feitura de um livro, mas também mudar a mim mesmo, a meta de todo esforço humano. (Ítalo Calvino)

Já há algum tempo sabe-se que se vai ao passado por inquietações e interesses do tempo presente e que as escolhas de pesquisa desnudam um processo que diz muito de nós mesmos e de nossas trajetórias. Este exercício historiográfico, portanto, já vem se construindo desde meu envolvimento nas discussões acadêmicas sobre questões de gênero e participação em movimentos feministas, bem como, através das vivências e trabalhos, seja junto às famílias sertanejas, em projetos sociais, ou na educação de jovens da periferia do interior do Ceará.

Quanto à orientação teórica, dizer que esta pesquisa é tributária dos estudos culturais e da reviravolta epistemológica ocorrida na historiografia pós-Annales que provocou uma gama de novos interesses voltados, sobretudo, para o entendimento das tramas sociais disseminadas nas e pelas relações cotidianas.

Ou seja, os novos interesses historiográficos, em vez de se aterem a uma racionalidade universal, têm lançado os mais diferentes olhares sobre, por exemplo, às formas de organização das mulheres, traduzido aqui nos Clubes de Mães e, de modo mais particular, nas sociabilidades que perpassam a dinâmica dessas entidades.

A história das mulheres usufruiu e contribuiu para as transformações da História Nova, que alterou o conceito de documentação, diversificou os objetos de estudo e trouxe à tona a vida privada e a vida cotidiana de cidades e aldeias, como focos de interesse historiográficos.¹

Como nos lembra Rachel Soihet, “embora as mulheres não tivessem sido logo incorporadas à historiografia pelos Annales, estes contribuíram para que isto se concretizasse nas décadas seguintes”.²

Já o intelectual Stuart Hall esclarece que, na efervescência dos estudos culturais na Inglaterra de meados do século passado, os estudos femininos conquistaram um espaço acadêmico, mas que os mesmos já estavam em cena

¹ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. História das mulheres. Revista USP, Dossiê Nova História, 1998, p. 57-61.

² SOIHET, Rachel. Enfoques Feministas e a história: Desafios e perspectivas. In: Maria Izilda S. de Matos e Maria Angélica Soler. (Orgs.) Gênero em debate: Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. Ed. EDUC: São Paulo, 1997, p. 58-59.

fora desse âmbito. Hall, pensando aquele momento, faz uma autocrítica e ao seu grupo, negando o que ele chama de “tradicional” e “não inteiramente correta” a ideia de que o feminismo tenha surgido de dentro dos estudos culturais.

As pessoas dos estudos culturais estavam se sensibilizando para as questões de gênero naquela época, mas não em relação à política feminista. A verdade é que, como clássicos “novos homens”, quando o feminismo realmente surgiu com autonomia, fomos pegos de surpresa por aquilo que nós tínhamos tentado – de forma patriarcal – Iniciar.³

O intelectual revela com isso que o movimento insurge com uma dinâmica própria e independente da academia, nasce como resultado de lutas por melhores condições e igualdade de direitos para só então tornar-se preocupação no âmbito da academia. Mesmo em solo acadêmico, os estudos das mulheres percorrem uma trajetória plural.

Segundo Margareth Rago,

Os novos sujeitos femininos foram incluídos no discurso histórico, partindo-se inicialmente das trabalhadoras e militantes, para incluir-se, em seguida, as bruxas, as prostitutas, as freiras, as parteiras, as loucas, as domésticas, as professoras, entre outras.⁴

A autora ajuda na apreensão da diversidade de olhares que se vem pondo sobre as vivências das mulheres.

Muitos são os grupos dissidentes buscando alternativas às formas de pensamento estruturante que sobressaem grupos em detrimentos de outros. Estas relações hegemônicas na construção do conhecimento, já há muito tempo, veem sendo problematizadas, pois se compreendeu que, como nos diz Williams,

³ HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Org.: Liv Sovik; Trad.: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

⁴ RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (orgs). Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será totalmente ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e culturas alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade.⁵

Entre estes “elementos significativos”, citados pelo autor, encontramos os ideais feministas. Reconhecido hoje como um dos movimentos mais importantes do século XX, vem há muito na luta, dentro e fora das academias, por construir outras formas de ler o mundo, mais democráticas.

Ainda no âmbito das academias e da produção do conhecimento, o movimento tem caminhado no sentido da construção de uma crítica feminista que luta para desmontar o ideal de sujeito universal. Segundo Rago, esta empreitada busca pensar alternativas ao conhecimento científico dominante, excludente e justifica-se,

Se considerarmos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma *nova linguagem*, ou na produção de um *contradiscorso*, é inegável que uma profunda mutação vem se processando, também, na produção do conhecimento científico. (grifo do autor)⁶

Assim, compreende-se que as questões que envolvem o feminino, sejam na latência de uma agenda sócio-política com repercussões públicas, nas resistências dos *fazeres cotidianos*⁷ do privado ou ainda na organização de uma crítica feminista ao conhecimento hegemônico, as mulheres vem constituindo-se sujeitos da história.

Uma questão que se põe nos domínios deste debate envolve os riscos de tentar desmontar as relações de poder envolvidas no discurso moderno de

⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 116

⁶ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, p. 23.

⁷ Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

um sujeito ideal e universal, onde predomina como diz a música “*o macho adulto branco sempre no comando e o resto é o resto*”⁸, mas acabarmos por construir, a partir da perspectiva feminista, outras formas de poder-saber que tanto criticamos. Para Rago, contudo,

[...] é possível contra-argumentar, lembrando que não há como fugir ao fato de que todas as minorias relativamente organizadas, e não apenas as mulheres, estão reivindicando uma fatia do “bolo” da ciência e que nenhum dos grupos excluídos, com suas propostas de epistemologias alternativas, pode hoje reivindicar um lugar de hegemonia absoluta na interpretação do mundo.⁹

Isso porque, movimentos de mulheres, de negros, operários, minorias sexuais, jovens, camponeses sem terra, atingidos por barragens, ambientalistas grupos indígenas entre tantos outros e em seus desdobramentos e imbricações como ser uma mulher-mãe, negra e pobre lutando por moradia tudo ao mesmo tempo. Todos que se organizam, reivindicam e elaboram uma leitura de mundo tendo por base suas contradições.

Todo este debate nos remete ainda a discussão estabelecida pela historiadora Déa Ribeiro Fenelon, quando esta trata do posicionamento do pesquisador ante os embates epistemológicos que têm limitado os posicionamentos teóricos e metodológicos. Para a autora,

[...] Se estamos lutando por algo, seja em nossa prática social, seja na acadêmica, é pelo reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de batalhar pela construção de projetos alternativos e, sobretudo, de considerar que a nosso ver estaremos produzindo uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele. Por isso, vale enfrentar qualquer debate, que leve em consideração essa possibilidade, na esperança de estarmos, de alguma maneira, com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, na perspectiva transformadora a que sempre nos propusemos.¹⁰

⁸ VELOSO, Caetano. O estrangeiro. Álbum – O estrangeiro. Rio de Janeiro: Polygram, 1989.

⁹ RAGO, Margareth. Op. Cit., p 31.

¹⁰ FENELON, Dea Ribeiro. “Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa”. In, Projeto História, vol. X. São Paulo, 1993, p. 74-75.

Ainda para Fenelon, aonde vem a ser uma opção política para alguns, seria apenas uma opção intelectual para outros, entretanto, concluímos que, com uma opção desvinculada da outra não estaremos construindo verdadeiramente projetos alternativos que busquem fazer a crítica ao projeto moderno de civilização ao passo que sirva de meio pelos quais os excluídos da história “mostram” suas formas de resistir.

Neste sentido, este trabalho, para lembrar Raymond Williams, é constituinte, posto que tributário, mas também deve ser constituidor na perspectiva de uma crítica e busca de alternativas a esta episteme que engessa e exclui os sujeitos, para também lembrar Certeau, ditos “ordinários”.

No Brasil estas reformulações, estes “novos olhares”, irão se reverberar nas produções dos cientistas sociais. O sociólogo Eder Sader ¹¹ escreve na década de 1980, buscando compreender a dinâmica dos movimentos sociais na grande São Paulo nas décadas de 70 e 80. Em seu trabalho ele deixa claro fazer parte dos que já aprenderam a pensar de modo crítico os modelos teóricos estruturantes e engessadores.

Neste estudo Sader vai tratar, entre outros temas, da formação dos Clubes de Mães, nas periferias paulistanas e na busca por entender a dinâmica deste movimento, diz ele:

Na verdade é sempre possível relacionar os processos sociais concretos a características “estruturais”, só que esse procedimento não adiciona uma vírgula à compreensão do fenômeno. Apenas da aparência de segurança teórica, ao situar um caso particular num esquema interpretativo consagrado. Tomemos por exemplo os Clubes de Mães, que se generalizam pela grande São Paulo no decorrer dos anos 70. Eles podem ser vistos e “explicados” como expressão das contradições geradas pelo capitalismo “nas condições brasileiras”, como resposta popular às carências sociais ditadas pelos padrões de desenvolvimento vigente, pela ausência de canais institucionais de manifestação. São, assim, reduzidos ao campo geral das “lutas de um setor da classe operária para a defesa das condições de reprodução da força

¹¹ SADER, Eder. Quando os novos personagens entraram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970/80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

de trabalho”. O único problema consiste em que desaparecem nesse processo, as características singulares que mais chamam atenção se nos debruçamos para examinar o fenômeno em sua originalidade.¹²

Sader, em suas assertivas, propõe um salto para fora de formas limitadas de análises e compreensão dos fenômenos sociais; mais importante, para fora de uma segurança teórica, indicando que olhar o objeto de estudo requer debruçar-se sobre o que não está dado em princípio. É partir, portanto, da premissa que os referidos fenômenos são sempre mais complexos do que aparentam e do que nos proporcionam ler as teorias acabadas.

Se pensarmos aqui que nossa proposta é de pesquisar esta formação popular – os Clubes de Mães no interior do Ceará, nordeste brasileiro, onde encontramos, entre outras coisas, algumas particularidades próprias a esta espacialidade, se não percebermos a importâncias de perseguir as práticas, as experiências dos sujeitos sociais em sua cotidianidade que fazem parte desta formação, nos perderemos na tentativa de “amarrar” conceitos.

O historiador Edwad Thompson nos diz que pensar a história sem pensar as experiências humanas em sua diversidade de modos de viver, constitui-se numa “prisão conceitual”. Pois de acordo com Sader, “as maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer ‘agora’, ‘manipula’ a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação”.¹³

Estas experiências constituem-se das mais complexas maneiras e neste sentido, são as vivências das mulheres das comunidades sertanejas inseridas nos Clubes de Mães desse espaço, que poderão ajudar a compreender as particularidades que compõe suas vivências.

Esta compreensão nos ajuda, já de princípio, a desmontar muitos dos estereótipos que acompanham os olhares simplistas sobre os grupos e suas formas de existir. Nesta pesquisa é pensar formações populares imbricadas de designações do que compõe o papel social das mulheres enquanto normas,

¹² Idem, p 38-39.

¹³ THOMPSON, Edward P. A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

mas é pensar também, como estes sujeitos vivenciam suas experiências no campo das contradições.

Tentando, pois, refletir sobre essas contradições e as experiências do cotidiano de mulheres sertanejas ou da periferia do município de Limoeiro do Norte – CE¹⁴, que se propõe investigar as vivências e sociabilidades dessas mulheres a partir de um referente espacial específico – os Clubes de Mães.

As memórias de algumas dessas mulheres do interior do Ceará ajudam a compor um entendimento de suas experiências enquanto sujeitos históricos. Sujeitos que constituem uma trajetória e são por ela constituídos. Trata-se das mulheres que participaram da formação dos Clubes de Mães no município de Limoeiro do Norte – CE. Estas entidades, nascentes na cidade com o apoio e mediação da Igreja Católica e seus agentes pastorais, disseminaram-se, sobretudo na zona rural e de maneira geral, os Clubes de Mães têm a finalidade de reunir mulheres-mães em torno de atividades, ditas femininas, bem como de um referencial de moral cristã.

Teve-se, pois, a preocupação de pensar as mulheres associadas aos Clubes de Mães de Limoeiro do Norte levando em consideração, sobretudo, as particularidades que caracterizam as suas experiências no espaço sertanejo. Embora os clubes estejam disseminados também nos espaços urbanos do município, o período de análise possibilita pensar essas experiências tomando o âmbito rural como referente espacial, sobretudo porque até meados do século XX, grande parte da população do município habitava a zona rural ¹⁵.

Segundo a pesquisadora Maia, que analisa os saques no período de seca, organizados pelos camponeses na primeira metade da década de 1950, em Limoeiro do Norte, “quase toda a população habitava a zona rural e tinha como base econômica, a agricultura de subsistência [...]”.

Para além do entendimento historiográfico acerca dessa organização e dos espaços onde se estabeleceram, tornou-se imprescindível, para a

¹⁴ Limoeiro do Norte, cidade situada na Microrregião do Baixo Jaguaribe no estado do Ceará, distante 198 km da capital Fortaleza. Segundo Indicador demográfico do IBGE – censo de 2005, Limoeiro do Norte possui pouco mais de 55 mil habitantes. O município tem 78 comunidades rurais.

¹⁵ Cf. MAIA, Mônica Emanuela Nunes. “A necessidade do chicote”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 - 1954). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE. 2005.

compreensão das experiências das participantes dos clubes, uma vivência mais próxima de modo a estabelecer uma relação dialógica com as mulheres que vivenciaram e ainda vivenciam essa formação.

Ressalte-se que meu primeiro contato com os clubes ocorreu ainda no segundo ano de graduação, quando, depois de demonstrar meus interesses em pesquisar formações de mulheres no município, o professor de metodologia do trabalho científico, indicou-me pesquisar os Clubes de Mães locais. Na ocasião pensava em trabalhar a participação das mulheres nos sindicatos rurais ou mesmo em associação de moradores do campo. Entretanto, após a indicação do professor e a leitura do texto do sociólogo Eder Sader ¹⁶, logo ficou claro as possibilidades e contribuições historiográficas poderiam emergir ao analisar essa formação de mulheres no município.

Pode-se dizer que essa pesquisa comporta duas fases, a inicial compreende a investigação nos cartórios da cidade, a visita ao Centro Social que é o órgão da prefeitura responsável pela assistência social do município. No primeiro momento, também fiz um mapeamento e estabeleci contatos com os clubes do município, quando pude coletar documentos como certidões de fundação, atas de reuniões, estatutos, bem como realizei cinco entrevistas às sócias do primeiro clube fundado em uma comunidade rural – o Clube de Mães Eunice Mendes ¹⁷. Como resultado dessa pesquisa inicial, produzi um ensaio monográfico ¹⁸, onde me detive mais a compreender a construção das identidades de gênero, especial às femininas, através dos trabalhos que elas realizam nos clubes.

A segunda etapa consolida-se neste texto dissertativo, quando aprofundo as análises e volto ao campo de pesquisa para mais entrevistas, agora com representantes de mais de um clube. Nesse segundo momento, penso os clubes de dentro de um contexto maior e analiso questões latentes, a exemplo da estreita relação dessas organizações com a Igreja Católica, que não foram contempladas.

¹⁶ SADER, Eder. Op. Cit.

¹⁷ Clube de Mães Eunice Mendes, fundado em 1967, localizado na comunidade de Arraial, distante aproximadamente seis quilômetros da sede do município Limoeiro do Norte – CE.

¹⁸ RODRIGUES, Maria da Conceição Silva. Entre o Público e Privado: Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte-CE (1960 - 1990). Monografia de Graduação. UECE, Fortaleza-CE, 2007.

Por essa razão as entrevistas possuem um espaço de tempo relativamente grande entre as realizadas em ambas as fases. O que não gerou prejuízos uma vez que voltei a campo com mais segurança e mais familiarizada com a dinâmica das entrevistadas no momento de gravar as entrevistas.

Em ambos os momentos, o contato com as mulheres foi uma tarefa, em geral, estabelecida com certa tranquilidade até o momento de gravar as memórias delas, pois nenhuma se sentiu confortável com o pequeno equipamento eletrônico, somente passados os primeiros instantes de desconforto e superada a perspectiva do “eu não tenho nada de importante a dizer”¹⁹, tão recorrentes nas conversas de aproximação, que a conversa fluía bem.

As vivências das depoentes deste trabalho serão mais bem compreendidas no desenvolvimento do texto, mas, desde já se faz necessário apresentá-las, mesmo que de modo conciso.

A primeira depoente foi a Sra. Maria Vilian Moura de Sousa, que na época contava 64 anos, casada, residente na comunidade rural de Arraial, uma das sócias mais antigas e ex-presidente do Clube de Mães Eunice Mendes da mesma comunidade. Nossa entrevista gravada ocorreu em sua residência em dezembro de 2005. Sra. Vilian, uma narradora por excelência, ajudou muito na delimitação dos próximos passos e indicou ainda alguns nomes das sócias mais antigas do clube que, segundo ela, ajudariam a entender melhor o processo de formação dessas entidades no município e em especial em sua comunidade. Vilian também demonstra uma nostalgia de um momento passado que considerava mais movimentado e com mais benefícios.

Nas primeiras visitas ao Clube de Mães Eunice Mendes, não procurei gravar nenhuma entrevista e tentei me inteirar da dinâmica das mulheres naquele espaço.

A jovem Sra. Gilvania Maria Galvão Nonato, de 22 anos na época, casada, residente na comunidade de Arraial e também sócia do Clube de Mães Eunice Mendes, foi à segunda entrevistada em janeiro de 2006.

¹⁹ Expressão utilizada na maioria das falas das mulheres entrevistadas.

Nesse momento eu ainda não havia delimitado metodologicamente que entrevistaria só as mulheres mais velhas dos clubes, o que acabou sendo importante para as análises futuras em torno das questões geracionais.

Maria do Carmo, entrevistada em fevereiro de 2006, prefere se chamada por seu apelido Ducarmo. No momento da conversa ela contava 61 anos, casada, residente na comunidade de Arraial e também sócia do Clube de Mães Eunice Mendes.

Nossa conversa, na calçada de sua casa, voltou aos tempos de sua juventude, passando pelo casamento, filhos, até chegar ao clube e a relevância dessa organização em sua vida. Assim como a Sra. Vilian, a nostalgia dos primeiros anos dessa formação marcou grande parte de sua fala.

No mês abril entrei em contato com a Sra. Maria do Carmo de Jesus, de 71 anos, viúva, residente na mesma comunidade das anteriores e sócia do mesmo clube. A Sra. Maria do Carmo narra sua vida de lutas e dificuldades ao lodo do marido e filhas e traz, como elemento marcante em sua entrevista, a afeição que demonstra pelo clube ao qual pertence a mais de três décadas.

A Sra. Claudina de Araújo, com 78 anos na época, foi a entrevistada mais idosa com quem conversei, viúva, residente na comunidade de Arraial e sócia do mesmo clube das anteriores, cedeu a entrevista também em abril de 2006. Além de rememorar suas motivações para o ingresso no clube, ela verbaliza uma crítica às novas gerações de mulheres que o frequentam, por não se dedicarem aos trabalhos manuais como em sua época, demonstrando um saudosismo não só da dinâmica passada dos clubes, mas também de um paradigma de feminilidade.

Com a Sra. Áurea Aureliza Moura Bessa, conversei em mais de uma ocasião, mas só gravei entrevista em abril de 2010, quando retomei a pesquisa. Sra. Áurea possui uma trajetória de participação significativa na história dos clubes em Limoeiro do Norte, pois chegou a presidir o primeiro clube fundado no município. Com 63 anos, separada, residente no bairro Bom Nome e sócia do Clube de Mães Maria Luiza de Marilac, ela tem uma história atuante nos movimentos da Igreja.

No mesmo mês, conversei e gravei entrevista com a senhora Socorro da Silva Regis. Viúva a mais de vinte anos, conta mais de 65 anos, residente na

comunidade de Sapé e é sócia do Clube de Mães João XXIII a mais de três décadas, pouco antes dela, sua mãe ingressou nessa formação e chegou a presidir o clube local; nenhuma de suas filhas participa de clubes, por não residirem na comunidade. Socorro Regis é uma das poucas senhoras, segundo ela mesma, que não desistiu de participar do clube.

Júlia dos Santos de Lima, de 65 anos, é sócia do Clube de Mães Nossa Senhora de Fátima da comunidade de Canafistola. Casada há quase 50 anos, ela é uma liderança comunitária, artesã, participa do coral da Igreja, promove as festas de santo e os terço em sua comunidade. Em sua entrevista, gravada em novembro de 2010, é marcante como ela se orgulha de ser tão atuante nos trabalhos da Igreja.

Ainda em novembro de 2010, conversei e gravei uma entrevista com a Sra. Bernadete de Freitas Silva, de 57 anos, casada, residente na comunidade rural Malhada e participante do Clube de mães Santa Helena. A Sra. Bernadete deixou sua marca entre as entrevistas ao sinalizar para um dos motivos do declínio na participação das mulheres em sua comunidade, bem como a dinâmica da disseminação dos clubes.

Em geral essas conversas demoravam quase uma tarde inteira, enquanto que as gravações não passavam, em média, de uma hora e meia, pois requeriam muito tempo e familiarização para que elas se sentissem à vontade para gravar a conversa.

Dizer ainda que, por uma opção metodológica e ética, tentei transcrever os depoimentos orais de modo a conservar a estrutura da fala das depoentes, com todos os vícios de linguagem, regionalismos e equívocos da norma culta da língua portuguesa, entendendo como um respeito à condição sociocultural dessas mulheres.

Mesmo sendo o trabalho com depoimentos orais algo já problematizado e aceito nas academias e meios de produção do conhecimento, se faz necessário aqui, ressaltar alguns elementos que compõe essa escolha metodológica – e porque não dizer política? – para o desenvolvimento do trabalho.

No artigo intitulado “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”²⁰, os seus autores tentam traçar a trajetória dos estudos de história oral e fazer um balanço deste debate. Elucida Thomson que,

O nascimento da história oral nos anos 70, na Grã-Bretanha e na Austrália, foi profundamente influenciado pelas críticas dos historiadores documentaristas tradicionais. O principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica, porque era distorcida por nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado.²¹

De fato, são os elementos apresentados acima constituidores da memória, sim, mas isso não foi nem o é capaz de desqualificar ou impedir o trabalho com estas fontes, posto que não se ignore a crítica, trabalha-se a partir destas. Assim como as demais fontes utilizadas pelos historiadores, a oralidade não é tratada sem problematizações e busca justamente nestes elementos de distorções o que há de complexo no estudo em curso.

Ao tentarem descobrir uma única história, fixa e recuperável, alguns historiadores orais foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores. Eles não se deram conta de que as distorções da memória podiam ser um recurso, além de um problema.²²

Recompôr essa trajetória situa esta pesquisa numa determinada área de influência, ou seja, é na busca da crítica desse lugar seguro de uma positividade das fontes, tributária de uma cientificidade cartesiana, que se localiza a possibilidade de reconhecer nas memórias de mulheres do interior cearense sua importância para historiografia.

²⁰ THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In, AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos e Abusos da História Oral. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 66.

²¹ Ibidem.

²² Idem, p. 67.

Por traz dessas críticas estava a preocupação de que a democratização do ofício de historiador fosse facilitada pelos grupos de história oral, além do menosprezo pela aparente “discriminação” da história oral em favor das mulheres, dos trabalhadores e das comunidades minoritárias.²³

Ou seja, a história oral possibilitou a inclusão de sujeitos sociais antes relegados privilegiando, assim, o esforço em compreender as complexidades do trabalho com essas fontes, sabendo-se estar ajudando a construir novas alternativas a uma história do dominante, dita oficial. Deste modo, não por acaso, este trabalho poder compor hoje, o espaço da produção historiográfica.

Thomson insiste em dizer ser um erro não perceber que o processo de relembrar é “um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual”²⁴, neste sentido, sabe-se que estas memórias configuram-se num diálogo entre indivíduos e as sociedades, uma construção social, portanto.

Assim, ao eleger, através da oralidade, as memórias dessas mulheres como ponto de partida para pensar os significados sociais de fazer parte de um Clube de Mães, entende-se que suas falas são, em grande medida e antes de tudo, condicionadas por suas vivências e experiências sociais e por suas pertinências do tempo presente.

O historiador Pierre Nora, ao pensar a relação História e Memória, faz pensar nos desafios de chamar a memória ao trabalho historiográfico:

Memória, história: Longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações²⁵.

²³ Idem, p. 66.

²⁴ Ibidem.

²⁵ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Trad.: Yara Aun Khoury. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP. 1981.

Dadas as questões próprias da análise de Nora em seu texto, o mesmo, quer ajudar a pensar metodologicamente o trabalho com as memórias dessas mulheres, relativizando e considerando o conjunto de sociabilidades de que elas são tributárias.

E é na compreensão dessa dialética da lembrança, usos e manipulações, dessas repentinas revitalizações, que o pesquisador precisa estar atento ao trabalhar com depoimentos orais, pois diferente daqueles ofícios que utilizam o depoimento como sinônimo da verdade dos fatos, dando-se ao trabalho de transcrevê-los para assegurar verossimilhança, o ofício historiográfico entende o relato como a ponta do *iceberg*.

Não obstante, elucida o intelectual francês, Michel de Certeau ²⁶: “que mais poderia a memória fornecer? Ela é feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças” ²⁷.

Para Portelli, “as estórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa)” ²⁸. Neste sentido, ele orienta metodologicamente a repetir entrevistas, estabelecer vínculos, o que ajudaria a combater o tempo. Pois, “enquanto o entendimento e a amizade aumentam, os detalhes que no começo foram reprimidos podem ser revelados” ²⁹.

Por questões como essas elucidadas por Portelli, que em pesquisa de campo participei de algumas reuniões em Clubes de Mães e realizeis todas as entrevistas, com exceção de uma, nas casas das mulheres, em geral na calçada em cadeiras de balanço ao final da tarde, quando sabia que elas não teriam a preocupação com os afazeres domésticos.

Mesmo não sendo possível repetir as entrevistas tentei construir os laços referidos por Portelli em visitas anteriores as gravações, o que eu chamo ao longo do trabalho de conversas informais ou conversas não gravadas. Assim, visitar as mulheres para uma primeira apresentação, pedir-lhes

²⁶ CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

²⁷ Idem, p. 164.

²⁸ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In.: FENELON, Dea. Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d’água. 2004, p. 298.

²⁹ Ibidem.

documentos referentes aos clubes, pedir para ver seus trabalhos artesanais e eventualmente adquirir alguns, como forma de valorizá-los, tudo isso me possibilitou constituir, de um modo ou de outro uma relação mais próxima com as depoentes.

As repetições dos temas nos depoimentos das sócias dos clubes possibilitaram compreender que mesmo tratando-se de experiências singulares, havia se constituído ao longo dos anos uma experiência coletiva no espaço dos clubes.

Em seu texto, Portelli ainda faz uma autoavaliação e traz as questões que não podem ser deixadas de lado. Ele diz,

Não importa o quanto falemos sobre nós mesmos como historiadores que lidam com relatos orais, a própria tecnologia do nosso trabalho é transformar o oral em palavra escrita, congelar material fluido em um momento arbitrário no tempo. Isto talvez não seja nem “bom” nem “ruim”; de qualquer maneira, talvez não haja nada que possamos fazer. Mas, pelo menos, devemos estar conscientes de que é isto o que fazemos.³⁰

Ou seja, não se pode perder de vista a responsabilidade que o trabalho com fontes orais exige, tendo claro que o que se faz é apropriar-se das palavras dos narradores para compor o próprio discurso historiográfico. O que, insiste Portelli, “não é uma pequena interferência”³¹.

O autor insiste para não se entender a problemática com as fontes orais como a busca de transmitir,

Uma pureza, ou salvar a “autenticidade” das fontes da “infecção” trazida pelo contato com o historiador. Deveríamos preferivelmente, diz ele, deixar que nosso discurso seja contaminado – hibridizado, mestiçado e “miscigenado” – pela característica de romance com que os narradores contam estórias. (grifo do autor)³²

³⁰ PORTELLI, Alessandro. Op. Cit., p. 313.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.

O que marca a trabalho de Portelli, quando pensa os significados do trabalho com a história oral, é o seu persistir num experimento de igualdade; onde o desafio no campo da pesquisa é “o encontro de dois sujeitos que se reconhecem entre si como sujeitos, e consequentemente isolados, e tentam construir igualdade sobre suas diferenças de maneira a trabalhem juntos” ³³. Não ajudando neste processo, um posicionamento austero de intelectual inquiridor.

Esta perspectiva remete a construção da própria identidade, enquanto pesquisador, como o diz: “ajudar-nos a reconhecer a nós próprios no que nos faz, semelhantes embora diferentes dos outros” ³⁴.

Penso que este reconhecimento está posto, não de modo generalizante, já no momento em que se supõe escolher o objeto de interesse investigativo, tendo em vista, como alerta Freitas que,

As escolhas são movidas por interesses íntimos, curiosidades, inquietações pessoais, questões políticas ou pelo compromisso ético com o grupo de convívio, assim a pesquisa pode impulsionar a descoberta de que, a temática pesquisada, desnuda a própria identidade do autor. ³⁵

E é sobre essa via de mão dupla, onde o pesquisador forja seu trabalho, mas também é forjado por ele, que Portelli, faz crer,

Quando o encontro tem lugar à luz da igualdade, não somente o observador, mas também o “observado”, podem ser estimulados a pensarem diferentemente sobre si mesmos. Pois, o fato de que nossa presença possa facilitar mudanças significativas na autoconsciência das pessoas que encontramos ainda é talvez uma forma, útil, de ação política. (grifo do autor) ³⁶

Nesta pesquisa, não são raras às vezes das conversas se iniciarem com um questionamento por parte das mulheres: “Mas, o que eu posso dizer que

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem.

³⁵ FREITAS, Francisca Consolação de Sousa. *Imagens de Mulher: Questões de gênero na memória de velhas camponesas*. Monografia de graduação, Russas-CE, 2004, p. 09.

³⁶ PORTELLI, Alessandro. *Op. Cit.*, p. 315.

tenha importância?”, revelando a modéstia dos sujeitos que não se percebem como constituintes da história, menos ainda de uma produção historiográfica.

A expectativa, então, é a mesma lançada por Portelli, no sentido de semear uma autoconsciência que de alguma forma lampejo, fomite e construa uma ação política, não importando a esfera, se pública ou privada, onde se manifeste.

Não obstante as reflexões sobre o ato de violar as memórias ³⁷, as reflexões de Mirna Busse Pereira ³⁸ possibilitou entender que esse trabalho, “ao fazer uso da história oral, como instrumento de pesquisa, está tirando do isolamento e do espaço privado das lembranças dessas mulheres para trazê-las ao campo da Memória e da História”.

Mesmo com todas as implicações que se apresentam ao lançarmos mão da memória pela oralidade ³⁹, onde se deve o esforço de relativizar e problematizar as escolhas feitas através da fala do que interlocutor considerou importante ser dito, trazer para discussão as lembranças de Sra. Maria do Carmo sobre suas lidas diárias, por exemplo, ajuda a pensar o que está posto entre os ideais e as experiências dos fazeres cotidiano, nos valendo para não encerramos o feminino na superficialidade dos estereótipos.

Relacionar os depoimentos com os documentos ditos oficiais sempre tentando fugir da hierarquização das fontes foi um exercício importante, bem como, o esforço de aliar teoria e prática no que concerne o fato de estarmos violando as memórias dessas mulheres, mas sabendo que o intuito é de construir novos olhares e democratizar as experiências desses sujeitos históricos, possibilitando também que os mesmos se percebam enquanto tal.

Metodologicamente essa pesquisa priorizou analisar os depoimentos das sócias mais antigas dos clubes, não obstante, entrevistar uma jovem sócia, só contribuiu para as análises, ajudando a pensar as problemáticas a partir de uma perspectiva geracional.

³⁷ Cf. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Violar Memórias e gerar a História. In. CLIO – Revista de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Pernambuco – nº 15. Recife, Universitária, 1994.

³⁸ A professora e pesquisadora Mirna Busse Pereira, foi umas das avaliadoras dessa pesquisa no exame de qualificação e na ocasião produziu um texto referente a sua leitura que elucidou muitas questões ainda não compreendidas ou percebidas.

³⁹ Ver: PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In. Revista Projeto História. PUC-SP. N.14. São Paulo, 1997.

Gravei entrevista com nove mulheres, mas conversei informalmente com muitas outras, o que ajudou sobremaneira na compreensão da trajetória dos clubes bem como das vivências dos sujeitos neles inseridos.

O recorte temporal foi apreendido a partir das possibilidades oferecidas pelas fontes, ou seja, o material coletado possibilitou estender as análises ao longo de três décadas. Entendendo que um trabalho historiográfico não é estaque, esse recorte pode anteceder ou ultrapassar de acordo com a necessidade de análise.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos, sendo que, no primeiro capítulo buscou-se apresentar a trajetória dessa formação de mulheres o interior do Ceará, tentando entendê-los num contexto mais amplo, mas também em suas particularidades dando ênfase a relação dessa organização com a Igreja Católica.

A importância deste capítulo reside em buscar refletir sobre outras formas de fazer-se sujeito historiográfico, fora de um eixo da produção do conhecimento que, mesmo trazendo a cena os novos personagens, priorizaram formações populares das grandes capitais do país. Não se quis com isso, minimizar a relevância histórica desta produção, não obstante, pensar outras temporalidades, outros imaginários.

Nessa perspectiva foi de grande ajuda as preocupações do historiador Edward Thompson ⁴⁰ quando este apresenta o que chama de “O termo ausente: Experiência”. Para o autor, pensar a história sem pensar as experiências humanas em sua diversidade de modos de viver, constitui-se numa prisão conceitual. Pois, “as maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer “agora”, “manipula” a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação” (grifo do autor) ⁴¹.

Para Thompson, “homens e mulheres experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidade e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura” ⁴².

⁴⁰ THOMPSON, Edward P. O termo ausente: Experiência. In: A Miséria da Teoria. Op. Cit.

⁴¹ Idem, p. 189.

⁴² Idem, p. 182.

Estas experiências manifestam-se “das mais complexas maneiras” ⁴³ e neste sentido, são as vivências das mulheres inseridas nos Clubes de Mães desse espaço, que puderam ajudar a compreender as particularidades que compõe suas experiências.

O segundo capítulo trabalha os depoimentos tentando construir temas que pudessem dizer dos modos e costumes, da manutenção, através da educação oferecida pela Igreja e seus agentes pastorais, de uma moral nos quais estas mulheres e suas famílias estiveram e ainda estão inseridas, pensando deste modo o seu entendimento do mundo do trabalho, seu cotidiano em comunidade, dos significados de ser mãe e esposa. Por último, os significados de fazer parte do Clube de Mães.

Ainda em diálogo com os depoimentos, o terceiro capítulo tentou enfatizar as vivências de algumas mulheres que se tornaram lideranças comunitárias num processo constituinte e constituidor referido por Willians; pensando nós em sua atuação em seus locais de sociabilidades, os conflitos e a resistência que pressupões essa atuação, mas também como elas ajudam na manutenção dessa ordem por seu papel de liderança, pensando assim, as ambiguidades desse processo.

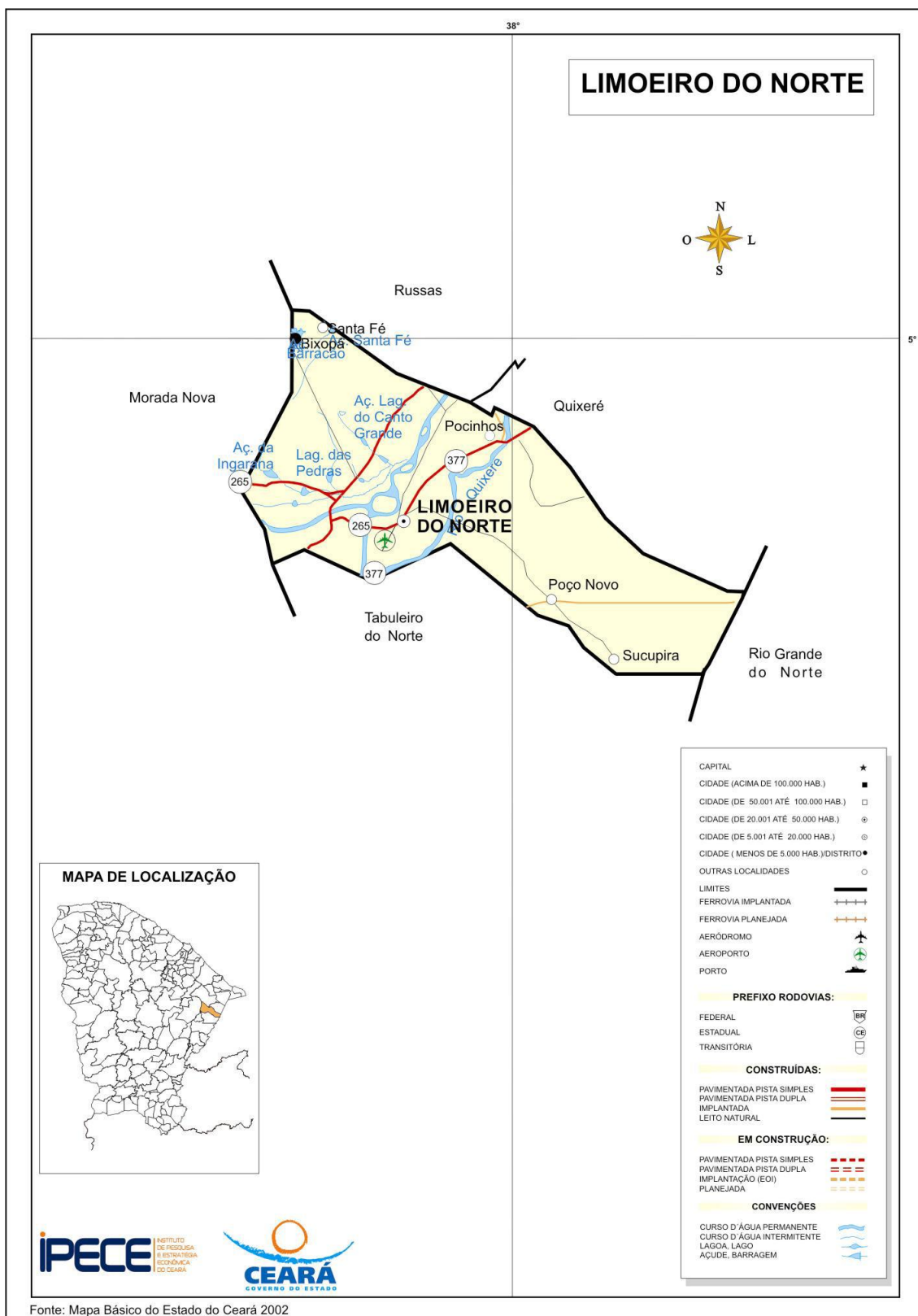
Ainda nesse capítulo apresenta-se um cenário atual dessas organizações, mesmo extrapolando o recorte temporal os depoimentos deram a entender que as sócias ainda participantes dos clubes desejavam tornar público a atualidade dessa organização.

Por fim, dizer que este trabalho, como se deve ser qualquer produção historiográfica, buscou suscitar mais questionamentos sobre o tema do que encerrá-los.

⁴³ Ibidem.

CAPITULO 1.

ENTRE O RIO E A CRUZ NASCE LIMOEIRO DO NORTE-CE



Mapa 01: Mapa de Localização Territorial de Limoeiro do Norte-CE.
 Fonte: Perfil Básico de Limoeiro do Norte-CE. IPECE.

Limoeiro do Norte é uma cidade “do extremo leste do Estado do Ceará, na microrregião do Vale do Jaguaribe” ⁴⁴ e que faz limites com o Estado do Rio grande do Norte. Possui um clima semiárido e uma vegetação predominantemente de caatinga, e tem a agropecuária como sua principal atividade econômica. Sua população, segundo o senso de 2010, compreende em torno 56 mil pessoas, sendo que aproximadamente 51% de mulheres e 49% de homens. Dessa população, 58% vivem na zona urbana e 42% na zona rural.

Em período mais próximo do recorte temporal dessa pesquisa, sabe-se que a população de Limoeiro era predominantemente rural. Segundo a pesquisadora Maia, os dados referentes ao município na década de 1950, demonstram que “a densidade demográfica da cidade, com população de 4.647 habitantes, aproximadamente, em que 80% das pessoas vivem e sobrevivem na zona rural, tendo como principal atividade econômica a agricultura conciliada com a pecuária” ⁴⁵, ou seja, de quase trinta 30 mil habitantes vivendo no município, a grande maioria ocupava o espaço rural ⁴⁶.

Todos os Clubes de Mães fundados no município, até a década de 80, foram estabelecidos na zona rural, onde claro, entedia-se a maior necessidade da presença deles, mas também pelo expressivo número populacional nesse espaço. Com exceção do primeiro Clubes de Mães, estabelecido no Colégio Patronato, situado no centro da cidade.

Em sua gênese, como muitas outras cidades do Ceará, Limoeiro do Norte, por estar entre as margens do rio Jaguaribe e do rio Banabuiú, com suas férteis planícies, logo se tornou agente da cobiça por parte dos ditos desbravadores dos sertões, que por longo tempo disputaram o território com os nativos lá existentes.⁴⁷ No que diz respeito às disputas pelo território que veio a chamar-se Ceará, o historiador Francisco Pinheiro esclarece que,

⁴⁴ MAIA, Mônica Emanuela Nunes. Op. Cit., p. 04.

⁴⁵ Idem, p. 13.

⁴⁶ Em nota, a autora ressalta que os dados referentes ao número de habitantes divergem dos fornecidos pelo Almanaque do Ceará, Ano de 1951 que já anuncia 4.959 habitantes.

⁴⁷ Cf.: PINHEIRO, Francisco José. De um espaço livre dos povos indígenas para uma região da pecuária. In: Propostas Alternativas - Vale do Jaguaribe: Natureza e Diversidade Cultural I (Nº 06), Fortaleza, 1999. Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC).

A ocupação da capitania do Ceará pelos conquistadores europeus ocorreu de forma tardia, se a compararmos com o processo de conquista do litoral açucareiro. Na área açucareira, a conquista começou já no início do século XVII e início do seguinte. Analisando as diferenças nos modos de vida, tendo na disputa pela terra a principal questão, é que vamos compreender o confronto entre nativos (indígenas) e lusitanos, em face do projeto de dominação portuguesa no Ceará.⁴⁸

Não obstante, os registros historiográficos sobre a cidade, livros de memorialistas, por exemplo, buscarem delegar aos primórdios da cidade uma aura de passividade e linearidade, tentando mostrar, através das cartas de sesmarias, o nascedouro do município. A História Social, contudo, se empenha em desconstruir essa narrativa oficial, trazendo à cena as lutas, os conflitos, as descontinuidades.

Já o processo de consolidação do povoamento no Ceará, como indica Lima, “[...] é obra dos padres, simbolizada pela construção da capela, inicialmente, de taipa, onde se celebravam os ritos litúrgicos de batizado, de casamento e de óbito, dando coesão e dinâmica à vida social da comunidade nascente.”⁴⁹

O pesquisador Machado, quando analisa a formação das elites⁵⁰ do referido município apresenta um quadro geral do desenvolvimento da região Jaguaribana, onde se situa Limoeiro do Norte,

A atual estrutura fundiária do Baixo Jaguaribe começou a ser gestada no início de seu povoamento e exploração econômica. A sesmaria onde se encontrava o território que hoje chamamos de Limoeiro do Norte, estendia-se da foz do Rio Jaguaribe, no município de Aracati, até o Boqueirão do Cunha, no Município

⁴⁸ PINHEIRO, Francisco José. *Mundos em Confrontos: povos nativos e europeus na disputa pelo território*. In: *Uma nova história do Ceará*. Org. Simone de Sousa; Adelaide Gonçalves... [et al] 2. Ed. rev. e atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

⁴⁹ LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza-CE: Assis Almeida, 1996; p. 213.

⁵⁰ A categoria Elite aqui utilizada, está em conformidade com a seguinte leitura: “A elite, em sua significação mais geral, denota um grupo de pessoas que, numa sociedade qualquer, ocupa posições eminentes. Mais especificamente, designa um grupo de pessoas eminentes num determinado campo – principalmente a minoria governante e os círculos onde é recrutada”. Cf. *Elite no Dicionário de Ciências Sociais* – FGV. 1986. Apud. ANDRADE, Maria Lucélia de. Op. Cit., p. 19.

de Alto Santo. Foi nesse vasto espaço que nasceram os patriarcas das primeiras elites do século XVIII e XIX.⁵¹

Assim como nas demais cidades do Ceará, Limoeiro surge, enquanto município, do resultado de conflitos, disputas e massacres de nativos da região, seguido da imposição, por parte dos padres, de uma suposta civilidade. Limoeiro do Norte, contudo, por não possuir relevância econômica até as primeiras décadas do século XIX, mesmo já possuindo terras doadas para tal, não possuía uma capela, o que só foi possível em meados do mesmo século. Daí, a elevação à condição de vila. Foi somente no final do XIX, precisamente em 30 de agosto de 1897, que Limoeiro do Norte adquire status de cidade.

São diversos os aspectos a serem analisados para se compreender a construção material e discursiva de Limoeiro do Norte. Os ciclos econômicos, por exemplo, sustentam-se até o século XIX, no cultivo do algodão e na pecuária, foi somente em “inícios do século XX, quando a cera de carnaúba entrou no mercado internacional, favorecendo, desse modo, o desenvolvimento de uma rústica indústria da referida cera”⁵², que Limoeiro conquista expressividade no cenário econômico.

A história de Limoeiro do Norte traz imbricações nos âmbitos político, econômico e religioso. Um exemplo emblemático era que o primeiro fazendeiro e o primeiro padre eram da mesma família, sendo este último de grande influência não somente religiosa, mas também política. Esta é uma disposição não exclusivamente de um indivíduo isolado, posto que a vida de Limoeiro e a sua história se confundem com a história de sua igreja. Não é possível distanciar os fatos políticos dos fatos religiosos; eles caminham juntos, paralelos⁵³.

Para Andrade, ao pesquisar a formação da Irmandade Leigo-religiosa para mulheres católicas e solteiras nas primeiras décadas do século XX – a Pia União das Filhas de Maria, que objetiva constituir as futuras mulheres-mães da

⁵¹ MACHADO, José Wellington de Oliveira. “Começou a surgir como uma flor”: o discurso das elites de Limoeiro do Norte – CE e a invenção da “Princesa do Vale”. Monografia, Limoeiro do Norte – CE, 2007, p. 21.

⁵² Idem, p. 23.

⁵³ PINHEIRO, Francisco Irajá. O Menino da Ilha. Fortaleza: Assembleia Legislativa do Ceará – Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – INESP, 1997. Apud: MACHADO, José Wellington de Oliveira. Op. Cit.

elite pautadas na moral e nos costumes da referida igreja, o entendimento das relações Igreja-Estado no município de Limoeiro é de primeira ordem.

O domínio político agregado ao poder eclesiástico é quase sempre a norma quando se refere ao Ceará das primeiras décadas do século XX. Essa espécie de conúbio entre o Estado e a Igreja era muito valorizado pelos líderes políticos limoeirenses, que controlavam cuidadosamente a indicação dos sacerdotes que ficavam a frente da igreja local ⁵⁴.

Os referidos líderes políticos são os filhos das elites locais, gestados quando Limoeiro ainda era uma fazenda. Acompanhando a dinâmica social de Limoeiro, contudo, percebe-se não haver somente continuidades, houve as disputas e os revezamentos dessas elites no poder local. Algumas poucas famílias, chefiadas pelos chamados coronéis, começavam a ocupar os espaços da urbanidade que se constituía. Com a construção do primeiro cartório e da câmara municipal, estes coronéis e seus filhos disputavam e se alternavam no poder.

Conforme sugerido anteriormente, essa elite era formada da hibridação dos poderes políticos, econômicos e religioso, não sendo possível dissociá-los. Exemplos dessa afirmação são encontrados na historiografia sobre a cidade.

No ano de 1900, o padre que acabara de assumir as atividades paroquiais também é indicado pelo chefe político local ao cargo de presidente da câmara. Esta participação dos padres na política era recorrente e mais de uma vez levou a suspensão das atividades sacerdotais em detrimento de suas funções na política local ⁵⁵.

As referidas disputas davam-se não somente nas fronteiras de Limoeiro, mas em âmbito regional. Limoeiro, antes de ser de fato cidade, teve de disputar com outras vilas da região Jaguaribana às benfeitorias que pudessem elencar seus status.

Nas primeiras décadas do século XX, essas disputas se acirram por conta da alocação da sede do Bispado da região. Não foi a fé dos limoeirenses

⁵⁴ ANDRADE, Maria Lucélia de. "Filhas de Eva como anjos sobre a terra": A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2008, p. 27-28.

⁵⁵ MACHADO, José Wellington de Oliveira. Op. Cit.

que determinou que o palácio episcopal ocupasse, com sua pomposa arquitetura para época, o centro da cidade, foi o poder aquisitivo e as influências política das elites local que deram o ultimo amém.

Estas influências e o enriquecimento das elites com ciclo econômico da cera de carnaúba trouxeram transformações urbanas, a exemplo do palácio, como já citado e também uma série de construções voltadas à educação dos filhos dessa elite para que não precisassem se deslocar à capital ou outras cidades.

Segundo Lima, nas primeiras décadas do século XX, Limoeiro presencia a construção do Palácio Episcopal, do seminário, da Escola Normal, do Colégio Diocesano, a chegada da luz elétrica, do cinema, do rádio, fábrica a vapor, o primeiro carro e o primeiro caminhão que possibilitaria o transporte entre Limoeiro e a capital Fortaleza ⁵⁶.

Todos estes elementos constituem um projeto de modernização para a cidade, uma modernização que, mesmo sendo desejada, não menos conflitante por beneficiar a poucos em detrimento de uma maioria que não teve acesso, como por ser acompanhada de novos ideários políticos.

Ideias de organização dos trabalhadores com o anarquismo e o comunismo começavam a ventilar politicamente em Limoeiro, o que, de imediato, fez emergir reações por parte da Igreja Católica e seus tributários, a exemplo da Liga Eleitoral Católica – LEC e Ação Integralista Brasileira – AIB.

Para Regis a constituição desses partidos e formações políticas, “Deixou efeitos que ainda podem ser percebidos na organização política e social deste município, nos dias atuais e nas práticas e atitudes de seus habitantes [...] contribuindo para a formação de uma cultura política.” ⁵⁷.

A cultura política referida por Regis está pautada nas relações de opressão seja pelas vias diretas de coerção ou nas relações paternalistas e assistencialistas que não transformam a realidade de quem necessita, somente o condiciona a precisar mais e mais.

⁵⁶ LIMA, Lauro de Oliveira. Na Ribeira do Rio das Onças, Op. Cit., p. 317-334.

⁵⁷ REGIS, João Rameres. “Galinhas Verdes”: Memórias e História da Ação Integralista Brasileira: Limoeiro do Norte – Ceará (1934-1937). Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Ceará – UFC, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2002, p. 75. Apud: MACHADO, José Wellington de Oliveira. Op. Cit.

A Igreja Católica de Limoeiro recebe na década de 1938, para ocupar os vãos do palácio episcopal, o bispo dom Aureliano Matos que se tornou uma das figuras públicas mais emblemáticas na história da cidade e da região como um todo.

Dom Aureliano, reside nas obras arquitetônicas, dá nome à universidade da cidade, que diferente dos demais campos da Universidade Estadual do Ceará no interior, que sempre se utilizam de siglas referentes aos nomes dos cursos oferecidos – em Limoeiro o *campus* da UECE chama-se: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM.

Também, e talvez aí resida seu aspecto mais emblemático, permanece nas memórias dos que viveram em sua época e está cravado no marco central da cidade em forma de estátua numa representação de documento-monumento, como propõe Le Goff ao explicar que “o monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária” ⁵⁸.

Em pesquisa aos Livros de Tombo ⁵⁹ da Paróquia de Limoeiro, não se encontrou nenhum registro de seu trabalho enquanto bispo. Os Livros de Tombo que se tiveram acesso datam do final da década de 1960 aos dias de hoje, ou seja, logo depois de sua morte em 1967.

Interessa, no entanto, entender que o referido bispo atuou na cidade a partir do ideário de uma igreja romanizada lutando contra os considerados inimigos desta igreja e de seu povo – os comunistas, protestantes e aqueles que por ventura quisessem disseminar ideias ditas modernas. Ressalte-se que ele era a favor do progresso e da modernização da cidade, contanto que caminhasse dentro das normas e respeitando a moral da qual o mesmo era tributário.

O projeto moralizador de Dom Aureliano tinha como central a educação. Não por menos, em seu bispado, Limoeiro viu serem edificadas seus principais colégios e até uma faculdade. Este processo educativo, contudo, não se resumia a educação institucional, mas em grande medida objetivava-se que a

⁵⁸ LE GOFFE, Jacques. Documento/Monumento. In.: História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990, p. 526.

⁵⁹ Livros de Tombo são utilizados para registrar o cotidiano das paróquias em sua diversidade – as campanhas, as festas, as reuniões, encaminhamentos, etc.

família pudesse ter o papel central na educação e moralização, até porque, como lembra Machado,

Se levarmos em consideração que a maioria das pessoas eram analfabetas, e não frequentavam escolas, podemos deduzir que a educação informal, através da família, da Igreja e dos movimentos políticos, representava uma forma de educação por excelência ⁶⁰.

Assim, os discursos do bispo sempre circundavam na importância de uma organização familiar para a constituição de uma sociedade cristianizada, ordeira e bem sucedida. Estes discursos podem ser encontrados em suas Cartas Pastorais publicadas ⁶¹, onde se encontram seus apelos moralizadores e também se percebe os sujeitos que a Igreja busca chamar atenção:

[...] para todas as camadas sociais, desde a criança nos bancos escolares, até a velhice, no treinamento que a idade lhe impõe; desde a mulher no verdor dos anos, até a mulher com a responsabilidade de um lar, para numa afirmação de fé, com uma organização completa trabalharem na defesa da Fé e da moral, conservando os frutos abençoados que nos levou o sangue de Jesus Cristo; numa palavra, organizam a Ação Católica, que desejamos ver, dentro em breve, fundada e difundida nesta Diocese, garantindo assim a sua grandeza e prosperidade religiosas. ⁶²

Trata-se de uma convocação a toda sociedade local e em especial àquelas camadas, como ele mesmo chama, mais vulneráveis e propensas à perdição. Trata-se também de um trabalho juntos as camadas pauperizadas, ou seja, eram as mulheres e crianças pobres que interessavam ao referido Plano de Ação na leitura dos Livros de Tombo da paróquia.

Lima mostra que o Colégio Patronato Santo Antônio dos Pobres, criado em 1947, inicialmente, “foi destinado à educação de crianças pobres, as quais aprendiam a ler, escrever, cantar e bordar”, seguindo nos anos de 1948 e 1949, foi criado o “Serviço de Assistência Social ao Menor Carente” e o internato feminino, o qual “ministrava sólida educação profissional doméstica”

⁶⁰ MACHADO, José Wellington de Oliveira. Op. Cit., p. 51.

⁶¹ MALVEIRA, Antônio Nunes. O Limoeiro de Dom Aureliano Matos. PENELUC: Fortaleza, 1998.

⁶² MATOS, Dom Aureliano. Carta Pastoral – 1940: Saudando a seus diocesanos (a família; a criança e a juventude). In.: MALVEIRA, Antônio Nunes. Op. Cit., p. 168-169.

Esse modelo de educação voltada aos pobres, segundo Adeláide Gonçalves, ganha expressividade no Ceará em meados do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A autora analisa o contexto da cidade de Fortaleza e observa que os colégios, orfanatos e externatos dirigidos pelas freiras do São Vicente de Paulo. Bem como funcionavam no mesmo sistema os orfanatos e externatos para meninos e moças pobres e escolas noturnas para trabalhadores ⁶⁴. As freiras do São Vicente de Paulo atuaram em Limoeiro do Norte através do Colégio Patronato, não por acaso, foi neste colégio que se constituiu a primeira sede de um Clube de Mães na cidade.

No que se refere à necessidade de instruir as moças pobres da cidade, ressalte-se que, diferentemente da Escola Normal, a maioria da juventude feminina que foi estudar no Patronato não era filha de grandes proprietários, mas, moças pobres que também buscavam alguma formação.

Faltava à cidade este tipo de estabelecimento, muitas garotas pobres alí se instruíram e saíram preparadas para enfrentar o trabalho que na sociedade da época ainda era hostil à mulher, a não ser o magistério. Mais uma vez o povo obreiro e de espírito religioso deu sua valiosa ajuda na edificação daquela casa de ensino, que se incorporaria ao acervo cultural da cidade. ⁶⁵

As referidas moças pobres tinham agora esse espaço de instrução, mas que servia também de apoio e reforço de seu lugar social enquanto mãe e esposa dentro da moral cristã, sendo essa a trajetória que forjará o aparecimento do primeiro Clube de Mães no referido colégio.

1.1 Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte-CE: Por uma história social.

Em Limoeiro do Norte, esta formação de mulheres-mães surge a partir do trabalho de clérigos e leigos vinculados à Igreja Católica com uma

⁶³ LIMA, Lauro de Oliveira. Sistema Escolar de Limoeiro: Da Colônia à escola que revolucionou o município. Op. Cit., p. 105-108.

⁶⁴ GONÇALVES, Adelaide. "Uma fábrica de homens utilizáveis": sobre escola e instrução pública para os pobres no Ceará. In: Em tempo: História, Memória, Educação. Kênia Sousa Rios e João Ernani Furtado Filho (Org.). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008, p. 82.

⁶⁵ MALVEIRA, Antônio Nunes. Op. Cit. p. 42-43.

perspectiva de ajudar famílias pobres, no campo e na cidade. Isso se deu através das orientações para as mulheres, seja com evangelização na leitura semanal da bíblia, seja com a produção e venda de artefatos para complementação da renda ou cursos e palestras educativas voltadas às orientações e cuidados com a saúde da família, em especial com os filhos.

A dinâmica de disseminação dos clubes em Limoeiro se dava através do trabalho das freiras e padres, mas, sobretudo dos leigos que, voluntariamente espalhavam a ideia dessa organização. Segundo a Sra. Bernadete Freitas, as algumas mulheres saíam de sua comunidade para frequentar os clubes instituídos em outros locais. Passado o tempo, essas mulheres tornavam-se promotoras da ideia de fundar um em sua própria localidade, ela rememora como ocorreu com sua mãe: *“A minha mãe trabalhava lá no clube de Maria Moura com uma colega dela e as duas vieram fundar o daqui, porque as duas trabalhavam lá e trouxeram a ideia de fundar um aqui na comunidade”*⁶⁶.

Ou seja, as disseminadoras partiam de sua própria experiência para convencer a outras mulheres dos benefícios de se ter um clube na própria comunidade.

Em pesquisa aos estatutos e certidões de fundação dos Clubes de Mães de Limoeiro do Norte, Ceará, encontrou-se recorrentemente a definição de serem “entidades de ação social destinadas ao fortalecimento das localidades nas quais se acham inseridas”⁶⁷. Para isso, buscam, de acordo com a leitura, “promover o aprimoramento artístico e cultural da comunidade”, especialmente das mulheres-mães, através de cursos e outras atividades que possibilitem o desenvolvimento comunitário. Sendo assim, os Clubes de Mães teriam por finalidade “realizar a promoção social das mães pobres; bem como melhorar seu nível educacional, econômico, social e religioso, proporcionando o bem estar do lar”.

O surgimento dos Clubes de Mães no cenário brasileiro não possui exatidão de data ou lugar, já a historiografia que trata dessas entidades data em grande medida das décadas de 1980 e 1990, embora tenha sido

⁶⁶ Bernadete de Freitas Silva. Entrevista realizada pela autora em novembro de 2010, na localidade de Malhada, Limoeiro do Norte, CE.

⁶⁷ Os excertos deste parágrafo foram retirados de documentos dos Clubes de Mães de Limoeiro do Norte/Ceará, como Estatutos e Certidões de Fundação.

encontrada uma pesquisa mais atualizada, na área da educação que também aborda a temática ⁶⁸. Entre os pesquisadores que se preocuparam com essa formação de mulheres, estão historiadores, sociólogos, estudantes da psicologia social, educadores e assistente sociais ⁶⁹. Esta preocupação pode ser o foco central da pesquisa ou aparecer como um elemento relevante na construção do trabalho.

Mesmo contando com essa inexatidão, intelectuais como Moema Viezzer e Eder Sader sinalizam para inserção social dessas organizações. Ambos pensando a realidade da capital paulistana, ou seja, os Clubes de Mães formados nas periferias da cidade, em especial os da Zona Sul e Zona Leste.

O sociólogo Eder Sader, busca as origens a partir dos relatos de entrevistas quais trabalhou. O próprio autor, entretanto, observa que de acordo com as depoentes, as referências quanto à gênese dos Clubes de Mães são contraditórias e oscilam entre fins da década de 1950, e início da década de 1970.

Mas como começam os Clubes de Mães? Quando nos falamos sobre isso, suas participantes nos transmitem uma referência aparentemente contraditória. Ao mesmo tempo que falam da existência de Clubes de Mães anteriores a essa década, elas não titubeiam em datar o começo da “sua história” no início dos anos 70 e, às vezes, mais concretamente, em 1972, na igreja de Vila Remo. [...] Seja pelos seus testemunhos, seja por outros registros, ficamos sabendo da existência de Clubes de Mães e formas similares de organização de donas de casa desde, pelo menos, o findar dos anos 50.⁷⁰

⁶⁸ SCAVONE, Darci Terezinha de Luca. Marcas da História da Creche na cidade de São Paulo: As lutas no cotidiano (1976-1984). Dissertação de Mestrado. Itatiba, SP. 2010.

⁶⁹ Cf. CARLINI, Angélica Lucia. Mulheres de bairro de São Paulo e o Partido dos Trabalhadores: Política no Feminino? Dissertação de Mestrado em História. PUC-SP, 1995. DOMEZI, Maria Cecília. Elas ergueram painéis – Donas de Casa: Da luta contra o custo de vida à construção da cidadania. Periferia Sul de São Paulo, 1970-1980. Dissertação de Mestrado em História, PUC-SP, 1997. JOAQUIM, Maria Salete. “Militantes de Clubes de Mães”: Os efeitos a experiência em organização popular de mulheres. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC-SP, 1990. SADER, Eder. Quando os novos personagens entraram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970/80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. SAFFIOTI, Heleith. Movimentos Sociais: Face Feminina. In: CARVALHO, Nanci Valadares de, (org.) Condição Feminina. Ed. Vértice, São Paulo, 1988. VIEZZER, Moema. O Problema não está nas mulheres: Relações sociais de gênero e participação dos Clubes de Mães. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1988.

⁷⁰ SADER, Eder. Op. Cit, p. 199.

No mesmo intento, tem-se a pesquisadora Moema Viezzer ⁷¹, que em sua dissertação trabalha com os Clubes de Mães das periferias paulistanas e aponta que estas organizações nascem como um fenômeno marcadamente Latino-americano iniciado na década de 1960, situados tanto em áreas urbanas quanto rurais.

A autora também traz dados quantitativos do número de Clubes existentes na década de 1980 no âmbito da América Latina. Segundo ela, nesse momento, os clubes contavam em todo o Brasil mais de 50 mil entidades e na América Latina aproximavam-se ou superavam uma centena de milhares ⁷².

A imprecisão de datas, contudo, apresentada por Sader na citação acima, pode ocorrer devido a outras formas de organizações de mulheres-mães com o apoio da Igreja Católica ainda nas primeiras décadas do século XX, como os círculos de mães registrados em 1930, segundo indicação da pesquisadora Scanove.

No entanto, ajuda muito saber que em 1942, durante o governo Vargas, cria-se a Legião Brasileira de Assistência – LBA, com o intuito de atender às famílias dos convocados à segunda guerra mundial bem como os soldados que retornarem. Posteriormente, as finalidades da LBA foram deslocadas para assistência à maternidade e infância ⁷³.

Assim, a LBA constitui-se enquanto um órgão representativo em todo país dos cuidados com mães e crianças e já trazem ao final dos anos cinquenta, a denominação de Clubes de Mães, conforme boletins da LBA, pesquisados por Scanove: “(...) Clubes de Mães que estamos estimulando a criação desde 1950 (Programa em cooperação com a FISE das Nações Unidas, a LBA e o DNCr), o problema da amamentação é assunto dominante (...)” ⁷⁴.

A pesquisadora Scanove estuda o movimento de lutas e conquistas de mulheres na cidade de São Paulo pela construção de creches, chegando, ou melhor, partindo da referência do surgimento dos Clubes de Mães. Assim, esta

⁷¹ VIEZZER, Moema. Op. Cit.

⁷² Idem, p. 179.

⁷³ Cf. SCAVONE, Darci Terezinha de Luca. Op. Cit.

⁷⁴ LBA, boletim n. 93, dez/ 1958. In. SCAVONE. Op.Cit, p. 28

recente pesquisa realizada pela autora nos boletins da LBA revela que de fato os clubes possuem uma referência de fundação já na década de 1950.

Entendendo que a história social se constrói imprescindivelmente a partir da análise dos contextos na qual se forja o desenrolar das vivências humanas, se faz necessário entender que a história destas entidades para mulheres-mães possui uma dimensão nacional e internacional que precisa ser ressaltada. Estes clubes emergem, portanto, no bojo de uma nova constituição das políticas sócias no país e no mundo.

O breve século XX, como ficou conhecido pelas palavras do historiador Eric Hobsbawm, gestou transformações nunca antes vistas. Este século é marcado pela barbárie das guerras mundiais e junto a estas a preocupação com a extinção da raça humana ou o fim da história, como alguns proclamaram.

Não obstante as medidas de proteção social tenham tomado força desde o século XIX, nos campos da família, da demografia, da saúde e da educação, conforme indica a socióloga Jacqueline Heinen⁷⁵, foi o século XX que viu essa preocupação da esfera pública do estado adentrar o domínio privado da família. Não sem luta e organização popular; por exemplo, as reivindicações por construções de creches.

Assim, a segunda grande guerra e o mundo pós-guerra, gestam uma série de ações e instituições voltada aos cuidados com os direitos humanos. Mas, em especial com as futuras gerações que não poderiam vir a cometer os mesmos erros. Seja na atenção com as necessidades mais básicas dos primeiros anos de vida, ao processo educativo e de socialização, a infância passa a ser foco das preocupações de instituições governamentais ou civis, e não por menos, tornam-se um dos temas centrais de interesse da Organização das Nações Unidas.

Tendo-se uma dimensão de quando começam os Clubes de Mães e das organizações envolvidas com a criação dos mesmos, a pesquisadora Scanove relata o seguinte:

⁷⁵ HEINEN, Jacqueline. Políticas sociais e familiares. In. HIRATA, Helena (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: UNESP, 2009.

Os Clubes de Mães eram pequenos núcleos criados pela Legião Brasileira de Assistência, que contaram com a colaboração direta do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), ligado às Nações Unidas e órgão precursor do Fundo das Nações Unidas para infância (UNICEF). Os núcleos de mães foram muito estimulados no período de 1942 a 1960 num trabalho em parceria com Ministério da Saúde, com a finalidade de organizar serviços e orientar questões relacionadas à maternidade e à infância, pautados pelos fundamentos da Organização de Grupos de Serviço Social e Desenvolvimento da Comunidade. O Programa destinado às famílias dos setores populares foi implantado em todo país com a justificativa de combater a mortalidade infantil, cujos índices eram elevados. Segundo as orientações do governo funcionariam juntas aos serviços como creches, posto de puericultura, postos de saúde e outras obras assistenciais, financiados por meio de convênios realizados com órgãos estaduais e municipais, entidade filantrópicas, Igreja, SENAC, SENAI, associações de bairros, centros comunitários e similares. A Igreja tinha uma relação estreita com a LBA: umas das suas vice-presidências era indicada pela Ação Social Arquidiocesana, conforme consta no expediente das suas publicações.⁷⁶

Este excerto da pesquisa de Scanove possibilita compreender que os Clubes de Mães surgem a partir desses núcleos de mães organizados pela LBA desde sua fundação em 1942. A LBA estava, por sua vez, vinculada com uma série de outras organizações, departamentos do governo, bem como, indissociável da Igreja Católica, todas juntas no exercício da promoção humana.

Os boletins da LBA, anunciados na pesquisa realizada por Scanove, indicam ainda que os Clubes de Mães emergiram socialmente como parte integrante das campanhas educativas para mulheres. Campanhas essas, promovidas pelo conjunto de organizações governamentais e não governamentais, bem como o trabalho da Igreja Católica.

Na pesquisa de Scanove encontra-se ainda o relato das atribuições e natureza dessa organização: “de natureza aberta e plural, com pelo menos oito associadas, aceitaria mães de todos os credos ou condição social”⁷⁷.

Ainda em pesquisa aos documentos da época, encontra o modelo de ata de fundação, que segundo a autora:

⁷⁶ SCAVONE. Op. Cit., p. 21

⁷⁷ Ibidem.

[...] dentre os vários objetivos ressalta-se a expressa necessidade de “despertar nas mães a consciência da responsabilidade social decorrente de sua missão como esposas e mães” e a elas caberia planejar as atividades que levassem a comunidade ao desenvolvimento. (grifo do autor)⁷⁸

A autora sinaliza ainda, que nessas orientações para fundação dos clubes ressalta-se sempre a necessidade de uma solenidade com a presença de autoridades e lideranças locais, assim como o comparecimento de representação da Igreja Católica.

Em pesquisa aos documentos de fundação dos Clubes de Mães de Limoeiro do Norte, encontrou-se, repetidamente, nos estatutos e atas de fundação, a mesma leitura no que se refere aos objetivos dessas entidades, bem como, a referida presença das autoridades e lideranças locais. No que se refere aos objetivos, lê-se:

I - Melhorar o nível educacional, econômico, social e religioso das mães pobres, proporcionando o bem-estar do lar. II - Despertar nas mães a consciência da responsabilidade social decorrente da sua missão como esposa e mãe. III – Susitar (sic) o interesse pelos problemas da criança e da sua educação. IV - Orientar sobre higiene, alimentação, administração do lar e relações familiares. V - Desenvolver as habilidades de corte, costura, bordado, crochê, artesanato de palha, pintura em tecido, madeira e barro, utilizando os recursos disponíveis da comunidade.⁷⁹

Estes objetivos explícitos nos documentos oficiais dos clubes podem ser problematizados sobre diversos aspectos, entre eles o destaque principal é a perspectiva educacional. Interroga-se, contudo: que tipo de educação se pretendia desenvolver nesse espaço, tendo em vista os objetivos citados? Neste primeiro momento, entretanto, procura-se apresentar a trajetória e as características dessa formação de mulheres deixando-se essa problemática para o capítulo seguinte.

⁷⁸ Idem, p. 30.

⁷⁹ Transcrição do estatuto do Clube de Mães João XXIII, da comunidade rural Sapé em Limoeiro do Norte-CE.

Conclui-se neste momento, que muito provavelmente, a leitura encontrada nos documentos dos clubes de Limoeiro do Norte, teve por base os documentos de fundação dos primeiros clubes de São Paulo através da LBA.

Retomando a perspectiva de promoção humana, os clubes aparecem como mais uma possibilidade no trabalho de organização de mulheres-mães. Porém, sua expressão e repercussão na seara dos movimentos sociais, fez com que estas entidades se tornassem alvo da preocupação de vários pesquisadores.

Neste ponto, muitas são as perspectivas e caminhos a seguir para o entendimento dessa formação social de mulheres. No que diz respeito às referências bibliográficas encontradas, em geral buscam entender a gênese e a trajetória dessas entidades tomando por referência os movimentos sociais que emergiram dos e com os clubes nas décadas de 1970 e 1980; referência essa à luta por creches e por redução no custo da manutenção familiar, o que os torna também um movimento social, neste cenário.

Eder Sader, por exemplo, ao pesquisar os movimentos sociais em São Paulo nas décadas supracitadas, trata também dos Clubes de Mães da periferia sul na capital paulista. Segundo Sader, “na história dos movimentos sociais ocorridos em São Paulo nos anos 70, os Clubes de Mães ocupam lugar de destaque”⁸⁰. Considerando, pois, este lugar de destaque, Sader apresenta as formas de organização, bem como os diversos sentidos destas instituições para mulheres-mães.

Para Sader, os movimentos sociais deste período apresentavam-se de forma plural, embora possuíssem referenciais em comum, pois como possibilita pensar Saffioti, “tiveram de construir suas identidades enquanto sujeitos políticos precisamente por que eles eram ignorados nos cenários públicos instituídos”⁸¹, a exemplo das demandas dessas mulheres e suas famílias nas periferias.

Heleith Saffioti,⁸² analisa os movimentos sociais no Brasil das décadas de 1970 e 1980, abordando, de maneira mais específica, a “face feminina” dos mesmos. De maneira geral, Saffioti procura compor a participação das

⁸⁰ SADER. Op. Cit., p. 189.

⁸¹ SAFFIOTI. Op. Cit., p. 159.

⁸² Idem, p. 156.

mulheres nas lutas por melhores condições sociais, percebendo-as como agentes ativos dentro e à frente dos movimentos.

Para Saffioti, os Clubes de Mães desempenham papel notável nas lutas sociais, sobretudo no que se refere à conquista das necessidades básicas da população pobre. Segundo ela, “os Clubes de Mães mobilizaram milhares de pessoas na luta por escolas”⁸³, assim como, por creches e redução nos preços dos alimentos.

No que se refere à mobilização popular dessas mulheres e as lutas por melhores condições de vida, ganhou destaque no cenário nacional o chamado Movimento do custo de vida:

Na história dos Clubes de Mães, o Movimento do Custo de Vida surge como se fosse um desdobramento natural. Quer dizer que, a partir do momento em que a liderança dos Clubes de Mães assume o Movimento do Custo de Vida, este se torna a forma concreta de unificação e politização das atividades de base daquelas organizações. Por isso mesmo também o Movimento do Custo de Vida é impensável sem a referência aos Clubes de Mães, que lhe deram a vertebração básica⁸⁴.

Entende-se que este movimento possui repercussão por sua força de mobilização. É, antes de tudo, pensar que os sujeitos que o fomentaram, o fizeram em pleno contexto de repressão a qualquer forma de organização e reivindicação social no país. Mulheres que se reuniam em Clubes de Mães para ler o evangelho, fazer trabalhos manuais e receber assistência de diversos órgãos de ajuda humanitária, também se mobilizaram e conseguiram milhares de assinaturas em torno de sua causa.

Ainda segundo Saffioti, as pressões não ultrapassavam as fronteiras da legalidade⁸⁵. O que pode ter ajudado para que o movimento não tenha sofrido aniquilação por parte da repressão. Uma pauta sempre voltada às questões e necessidades básicas do espaço doméstico e um movimento organizado por donas de casa das periferias não permitia a repressão enquadrá-las na esfera dos subversivos.

⁸³ Idem, p. 155.

⁸⁴ Cf. SADER, Eder. Op. Cit., p. 212.

⁸⁵ SAFFIOTI. Op. Cit., p. 155

Não obstante a relevância histórica dos movimentos realizados por essas mulheres, através dos clubes nas periferias paulistanas, é indispensável pensar essas entidades em sua diversidade. Trata-se de compreender que não há registro de que todos ou a maioria dos clubes fundados no Brasil tenham seguido a trajetória de mobilização e formação de movimento social nesses moldes.

Mesmo nas pesquisas citadas, fica claro que nem todos os clubes analisados seguiram a mesma trajetória. Sabe-se que eles tinham início com o propósito de reunir mulheres em torno da leitura do evangelho, de trabalhos artesanais para geração de renda e assistências às famílias locais.

Devido à emergência dos diversos golpes militares, o contexto de autoritarismo e de restrições políticas no Brasil e no âmbito da América Latina, os diversos movimentos de reivindicação por melhores condições de vida passam a sofrer com a repressão.

Paralelamente, emergem com forte expressão os movimentos críticos e de resistência, dentre eles encontram-se os clérigos alinhados na perspectiva de uma igreja renovada e de atuação junto aos que consideravam mais vulneráveis. Observa-se aí a experiência das mulheres nos Clubes de Mães, como um efeito de inconformidade com a condição em que viviam junto as suas famílias, surgindo as referidas mobilizações.

Foram muitos os outros clubes, contudo, que não se envolveram em lutas de expressão pública, que serviram de receptáculo para os assistencialismos e como local de fortalecimento e expansão de obras da Igreja Católica, quanto a construção de capelas, ou lugar para encontro semanal de lazer e distração para as mulheres. Entende-se que um aspecto não anula o outro, mas compõe a complexidade dessa formação de mulheres.

Em Limoeiro do Norte-CE os Clubes de Mães nascem através da organização das freiras atuantes na educação de jovens moças pobres e no auxílio às mulheres da periferia da cidade que também viviam em situação de pobreza. Objetivavam então, por meio dos clubes, assistirem às mulheres-mães mais pobres, seja na zona rural ou as ribeirinhas da periferia da cidade.

Em Limoeiro do Norte, segundo registros Cartoriais ⁸⁶, existem em todo município, Clubes de Mães distribuídos, em sua maioria, na zona rural, como mostra o quadro abaixo. Ressalte-se que existem controvérsias quanto aos dados encontradas no Centro Social Urbano de Limoeiro do Norte. Em pesquisa de campo, constatou-se que pelo menos quatro clubes que constam na lista da prefeitura e mais dois da lista do cartório, estão desativados.

Clubes de Mães ativos em Limoeiro do Norte segundo Secretaria de Ação Social do município – Centro Social Urbano – CSU. ⁸⁷		
NOME DO CLUBE	LOCALIDADE	DATA DE FUNDAÇÃO
Eunice Mendes	Arraial	24/08/1967
Maria de Assis Menezes	São Raimundo	14/10/1968
João XXIII	Sapé	02/01/1969
Santa Helena	Malhada	31/01/1971
Elodia Craveiro Holanda	Maria Dias	20/08/1973
Santa Maria Gorete	Gangorra	10/08/1974
Maria Digna de Oliveira	Espinho	28/09/1980
Jacira Maria F. Rabelo	Córrego de Areia	13/01/1981
Rosa Vital Malveira	Bom Jesus	29/11/1985
Virgem de Fátima	Setor N.H. 5	09/08/1986
N. Senhora de Fátima.	Setor N.H. 4	30/09/1986
Santa Terezinha	Sítio Canafistola	14/12/1990
Antônia Olímpia Castelo Branco.	Rua Pe. Joaquim de Meneses	22/01/2001
Francisca Elisa Silva	Sítio Tanquinhos	10/11/2001
N. Sra. Aparecida	Córrego do Feijão	Sem registro

Tabela 01: Clubes de Mães ativos em Limoeiro do Norte segundo Secretaria de Ação Social do município – Centro Social Urbano – CSU

Clubes de Mães de Limoeiro do Norte registrados no Cartório do 2º Ofício, mas não constam na lista do CSU ⁸⁸ .		
NOME DO CLUBE	COMUNIDADE	DATA DE FUND.
Santa Luiza de Marilac.	Sem registro	11/03/1976
Osmira Eduardo de Castro	R. Pe. Joaquim de Meneses.	15/01/1980

⁸⁶ Cartório 2º Ofício em Limoeiro do Norte.

⁸⁷ Dados da Secretaria de Ação Social do município – Centro Social Urbano de Limoeiro do Norte - CE, referentes ao ano de 2005.

⁸⁸ Dados do Cartório 2º Ofício em Limoeiro do Norte – CE.

Rita de Cássia F. Peixoto Rebouças.	Gangorra do Bixopá	02/01/1984
Medalha Milagrosa	Luiz Alves “Roçado”	13/03/1984
Terezinha Landim Estácio	Bairro Ilha	11/09/1984
Mirian Freitas Peixoto	Sítio Boa Fé	28/10/1985
Menino Jesus de Praga	Setor N.H 6	08/08/1986
N. Senhora Do Perpetuo Socorro.	Sítio Socorro	14/12/1986
Amigas das Populares	Conj. Hab. Dom Aureliano Matos.	06/12/1996
Santa Ana	Setor N.H. 03	11/08/1996
Ivone Bessa	Sem registro	Sem registro

Tabela 02: Clubes de Mães de Limoeiro do Norte registrados no Cartório do 2º Ofício, mas não constam na lista do CSU.

Em pesquisa aos cartórios de Limoeiro do Norte ⁸⁹ encontrou-se como referência mais antiga, o Clube de Mães Eunice Mendes, localizado na comunidade de Arraial fundado no ano de 1967. Contudo, o escritor limoeirense Lauro de Oliveira Lima ⁹⁰, quando trata da história da educação e do sistema escolar de Limoeiro do Norte, fala do colégio Patronato ⁹¹ dessa cidade, possibilitando pensar com mais precisão o momento da inserção dos Clubes de Mães na cidade ⁹².

O autor segue na apresentação do documento que narra a história da instituição desde sua fundação, até que em fins da década de 1960, os clubes vão aparecer como tendo sido inaugurados pela irmã Maria do Céu Araújo, sendo este um projeto maior ligado ao Patronato. Segundo consta nos documentos:

De 1968 a 1970, Irmã Odete Santos foi transferida e substituída por irmã Maria do Céu Araújo, que deu grande impulso à

⁸⁹ Cartório do 2º Ofício de Limoeiro do Norte.

⁹⁰ LIMA, Lauro de Oliveira. Sistema Escolar de Limoeiro do Norte: as colônias à escola que revolucionou o município. Fortaleza: Premium Editora, 2002.

⁹¹ “Patronato Santo Antônio dos Pobres – 1947 a 1989”. Segundo o autor as informações em seu livro é a transcrição do texto recebido da Instituição.

⁹² “O patronato Santo Antônio dos Pobres, fundado no dia 02 de setembro de 1947, por D. Aureliano Matos, Bispo da Cidade, teve como primeira diretora Irmã Célia Bastos. Inicialmente, foi destinado à educação de crianças pobres, as quais aprendiam a ler, escrever, cantar e bordar. Recebia também assistência, um bom número de velhinhos, protegidos pelas senhoras de caridade, que muito ajudavam em sua manutenção... A finalidade do Patronato foi sempre a educação da juventude feminina, ministrando-lhe sólida educação profissional doméstica. Hoje, o patronato, além da educação da juventude feminina, atende, também, a meninos de 07 a 15 anos, o pré-escolar (04 a 06 anos), 1ª à 8ª séries, todos os cursos mistos”. LIMA p. 106.

educação doméstica, preparando, assim, as meninas para a vida. Foi criado o Curso Supletivo para pobres, à noite, e, inaugurou-se o Clube de Mães, que continua funcionando, fora da escola, dirigido pela senhora Maria Moura.⁹³

Em entrevistas a Sra. Aureliza Bessa, se reafirma que foi através do trabalho das freiras do Patronato que o primeiro clube chegou a Limoeiro e foi no próprio colégio que se fundou o primeiro Clube de Mães. Diz ela,

Foi fundado no Patronato pelas irmãs, irmã Luíza... Em sessenta, já tinha o Clube de Mães no patronato, só que era mãe pobre mesmo, certo? Por exemplo, num tem ali a beira do rio? Que chama Inácio Mendes? Nesse tempo num tinha Inácio Mendes, chamava “beira do rio”. Aquelas mulheres lavadeiras de roupa alí, tudo fazia parte do clube do Patronato em sessenta⁹⁴.

A fala de Sra. Aureliza remete a uma série de questões relativas aos clubes e sua inserção no Brasil; de modo especial, no município de Limoeiro do Norte, assim, independente de uma datação verossímil, interessa aqui pensar os clubes enquanto sua função social para o conjunto dos sujeitos a eles vinculados – clérigos, leigos, às mulheres e suas famílias.

Entende-se também a diversidade dessa experiência, não a engessando numa fórmula ou em sequências de acontecimentos que desembocariam numa mesma forma de expressão, ou seja, é pensar essa forma de organização de mulheres em sua pluralidade de significados. Assim, ao passo que muitas mulheres tornam-se lideranças e transforma sua consciência política junto a sua condição de vida, outras sentem a diferença que os clubes tiveram nas suas vidas através das sociabilidades que fugiam da rotina do lar ou ainda no conjunto de assistencialismos.

1.2 Clubes de Mães no sertão cearense.

As mulheres desta pesquisa nasceram, viveram e ainda vive no sertão cearense, região nordeste do país e, em grande medida, ainda fazem parte dos

⁹³ LIMA. Op. Cit. 106.

⁹⁴ Áurea Aureliza Moura Bessa. Entrevista realizada pela autora em abril de 2010, no centro de Limoeiro do Norte-CE.

Clubes de Mães na cidade de Limoeiro do Norte, interior do Ceará. Cidade com menos de 60 mil habitantes dos quais a maior parte encontra-se residindo em comunidades rurais. Considera-se, assim, de primeira ordem entender as particularidades que compõem a dinâmica do sertão cearense.

Desta forma, entende-se a problemática central desta pesquisa como a relação da Igreja Católica em Limoeiro do Norte-CE e a organização de mulheres sertanejas através dos Clubes de Mães. O que implica em primeira ordem, pensar este espaço sertanejo e suas particularidades, bem como as peculiaridades dessa igreja no referido recorte, tendo em vista que a mesma não pode ser entendida somente na repetição e nas permanências, mas também em suas mudanças e descontinuidades.

O espaço sertanejo tem sido motivo de preocupação para as mais diversas áreas do conhecimento. Seja para os estudiosos de sua estrutura física, classificando seus aspectos naturais e delimitando sua geografia ou os que tentaram entendê-lo em seu ordenamento socioeconômico, seus modos e vivências.

Durante muito tempo estes estudos insistiram em tecer determinantes aonde as sociabilidades registradas eram definidas pelas características naturais do lugar. Este tipo de determinismo construiu, através da oralidade, da literatura e outras expressões artísticas, dos meios de comunicação, um conjunto de estereótipos e empregou preconceitos históricos que em sua maioria ainda estão por serem superados.

No Brasil, os sertões têm sido entendidos enquanto interior ⁹⁵ do território no contraponto litoral - sertão, ou ainda em oposição aos espaços urbanizados. Deste modo é, em grande medida, a partir de sua alteridade que se tem forjado sua historicidade.

Os meios de comunicação social projetam as grandes cidades como modernas, progressistas, representantes de valores novos, onde se praticaria a atividade política com democracia, pelo convencimento, pelo uso da razão, da liberdade de expressão e opção, enfim, um espaço de vivência e atuação de cidadãos livres e conscientes. Por outro lado vislumbra o sertão

⁹⁵ NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. In. Revista POLITEIA: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 3, n. 1. 2003. p 153-162.

como arcaico, lugar de ação do clientelismo político, dos coronéis, do populismo, da violência ⁹⁶.

Esta perspectiva foi utilizada das mais variadas formas. Seja no reforço, dos aspectos depreciativos – lugar de secas, famintos, miséria, enfim -, com intuito de atrair melhorias estruturais e econômicas ou na valorização das características atribuídas aos seus habitantes, corajosos, trabalhadores, onde até as mulheres são *mulé Machu* ⁹⁷.

Entende-se que o sertão, enquanto construção histórica possui sim suas particularidades, estas, contudo, não podem encerrar ou categorizar esse espaço que é permeado de diversidade.

Limoeiro do Norte, mesmo sendo uma cidade que vivência sua urbanidade contrastante com os espaços rurais, pode ser considerada de modo geral pertencente ao que se convencionou chamar de sertão. Não perdendo de vista a crítica que se faz aos estereótipos vinculados a esta categoria.

Neste espaço, a presença da Igreja Católica passa por transformações ao longo dos tempos. Transformações essas, que parecem seguir a lógica do que se decidia nos concílios, sendo, contudo, permeada de ressignificações e adaptações do que se designava.

A história de Limoeiro está estreitamente ligada à presença da referida igreja. Esta relação se deu, em boa medida, pela influência de eclesiásticos que são rememorados hoje como responsáveis pelo desenvolvimento do município.

Faz-se necessário aqui, mesmo que de modo conciso, discutir o trajeto das disputas e influências que levaram Limoeiro do Norte, por exemplo, a sediar o palácio episcopal e junto ao monumento um dos homens públicos mais influentes na história da cidade – o Bispo Dom Aureliano.

Para além dos monumentos-documento, deixados por ele, existe seu livro de cartas onde se pode adentrar na mentalidade da Igreja que ele representa naquele momento. Em suas cartas, o bispo discutia e alertava para os mais diversos assuntos da sociedade limoeirense – política, economia,

⁹⁶ Idem, p. 04.

⁹⁷ Cf.: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Prefácio de Maria Izilda S. de Matos. Maceió: Edições Cata-vento, 2003.

casamento, honra das mulheres casadas ou solteiras -, sempre balizado no que seria a moral e os bons costumes para a época.

Percorrer alguns meandros da história de Limoeiro e da Igreja Católica lá constituída pode ajudar a entender o ambiente em que se forja nos anos sessenta, as entidades para mulheres-mães-pobres – os Clubes de Mães, interesse dessa pesquisa.

1.3 Os Clubes de Mães e a Igreja Católica.

A estreita relação dos Clubes de Mães com a Igreja Católica exige o entendimento da dinâmica pela qual tem passado a referida igreja no que concerne sua preocupação com as questões sociais no contexto da modernidade. Recuou-se de modo resumido, três séculos antes do recorte temporal da pesquisa, o século XX, para tentar entender como Igreja tem se posicionado frente a questões emergentes de uma sociedade em transformação no contexto das revoluções sociais. Assim, entende-se que na dinâmica dessas transformações, a Igreja compõe uma realidade, ajuda a transformá-la, mas também é transformada pela mesma.

Pode-se começar pelo mundo após a Segunda grande Guerra que se via sobre influência de uma polarização ideológica, política e econômica entre União Soviética – URSS e Estados Unidos – EUA, a chamada Guerra Fria. Nesta disputa muitas nações viram sua economia despontar, muitos países industrializaram-se rapidamente e urbanizaram-se. Este quadro que parece apontar para uma suposta evolução da humanidade trouxe consigo uma crescente discrepância social, reforçando contradições históricas.

O êxodo rural, por exemplo, inchou as cidades e massificou o processo de construção de periferias pauperizadas. Neste mesmo período, em diversos países, instauram-se governos ditatoriais e dada a corrida armamentista entre as duas potências citadas, o mundo percebe a real possibilidade de autodestruição.

Segundo o intelectual Raymond Williams, a crítica central e radical da ideia de evolução e civilização não se deu pelo “caráter progressista, mas o caráter fundamentalmente contraditório dessa evolução, posto que, os

quiméricos projetos de civilização produziram não só riqueza, ordem e refinamento, mas como parte do mesmo processo, pobreza, desordem e degradação”⁹⁸.

Pensar o século XX, pano de fundo desta pesquisa, é entender também o que o historiador Eric Hobsbawm, esclarece a cerca das transformações, segundo o autor, nunca antes vistas na história da humanidade. Hobsbawm destaca como centrais para entender este século, o fato de a Europa perder o posto de centro do mundo. Mundo este, que se torna globalizado por uma unicidade operacional, desintegrando os velhos padrões de relacionamento social humano, sistematizando uma quebra dos elos geracionais e tornando-se perturbadoramente individualizado⁹⁹.

Assim, depois de duas Guerras Mundiais, das Armas Nucleares, do Nazi-Fascismo, do Socialismo Real e desse processo de individualismo e realização pessoal em detrimento de uma preocupação com o coletivo, afirmam-se as desconfianças ante este projeto modernizador, liberal e civilizador.

Na emergência dessas contradições, a Igreja Católica mobiliza-se em meados do século XX, uma vez mais com o intuito de rever seus postulados e sua missão diante do mundo. As revisões são de cunho filosófico, teológico e pragmático. Entretanto, antes de mais, é importante se perceber que, assim como sinaliza o intelectual Michel Lowy¹⁰⁰, a experiência social precedeu a reflexão teológica.

Nesta perspectiva, Lowy diz ser necessário entender a concepção de história a qual se reportaram para essa renovação apoiando-se, inclusive, na releitura do Velho Testamento, sendo este a narrativa da manifestação de Deus na história, gestando-se assim, um sentimento nostálgico e utópico:

[...] a uma só vez comporta aspectos *antimodernistas* — crítica da modernidade capitalista, nostalgia da comunidade orgânica — e aspectos radicalmente *modernistas*: valorização da liberdade, da igualdade, da democracia, do socialismo. Longe

⁹⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 112.

⁹⁹ HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁰⁰ LOWY, Michel. *O Catolicismo Latino-americano radicalizado*. Trad.: Mario Laranjeira. In. *Estudos Avançados*. 1987, p. 50-59.

de se contradizerem, esses aspectos acabam por se tornar complementares no seio de um procedimento coerente e original. (grifo do autor)¹⁰¹

Conforme indica o autor, ressalta-se em primeiro lugar que o socialismo ao qual se refere o excerto, sofre com a contradição da ideia de comunhão das referidas comunidades orgânicas e influências devidamente reavaliadas da filosofia comunista-marxista, no contexto analisado pelo Lowy, contudo, essa contradição é compreensível.

Quanto ao procedimento coerente e original a qual se refere o autor, diz respeito à retomada do debate e ação em torno da ética católica existente desde há séculos na doutrina dessa igreja. Lowy chama para essa reflexão o sociólogo Max Weber, ressignificando suas análises sobre a ética protestante e o espírito capitalista, para pensar uma ética católica no espírito capitalista, concluindo que a referida ética deve estar mais vinculada a moral caritativa do que a racionalidade envolvida na noção de lucro do capitalismo. Ressalta ele:

Max Weber não estudou exatamente as relações entre a ética católica e o espírito do capitalismo, mas no seu estudo sobre o protestantismo pode-se ler quase que por contraste algumas indicações sobre as causas da antipatia fundamental que existe entre a racionalidade ética do catolicismo e a racionalidade econômica impessoal do capitalismo¹⁰².

Essa impessoalidade seria o germe de uma sociedade onde não existe a virtude da caridade, importa-se mais com a lógica da competitividade, do lucro e afasta-se das coisas de Deus. O autor aproveitando ainda para fazer a crítica aos que afirma ser, esta censura da Igreja Católica ao Capitalismo, unicamente uma influência da filosofia marxista posto à concepção de história supracitada.

Para esta análise, pensa-se a aproximação com o ensaio do historiador E.P. Thompson intitulado “A economia Moral da Multidão Inglesa no século XVIII”¹⁰³, onde se trata, em grandes linhas, do processo de instauração do capitalismo no campo. Estas transformações produzem resistências e a reação

¹⁰¹ Idem, p. 50.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

dos camponeses através de motins e revoltas, uma vez que estas mudanças mexem diretamente com o seu cotidiano e seus costumes.

Segundo Thompson, havia naquela sociedade mecanismos de controle social impregnados de uma tradição ética da Igreja Católica que serviam de mediação entre camponeses pobres e a *gentry*, esta última, formada em grande medida por comerciantes e donos de terras.

O historiador apresenta documentos com discursos apelando à moral, que são emblemáticos para se entender a mentalidade da época: “não façam de seu dinheiro um deus”, os fidalgos de Newbury eram alertados em 1772: “mas pensem nos pobres, oh grandes homens, vocês pensam em ir para o céu ou para o inferno?” [...] ¹⁰⁴.

Entende-se a partir da leitura de Thompson que estas mediações se processavam através de relações caritativas, onde o auxílio aos mais necessitados era uma questão moral, sobrepondo-se até ao acúmulo de riquezas. Assim, percebe-se que o autor faz a crítica às ações caritativas por estas cumprirem um papel de contenção dos referidos motins, mas, sobretudo, possibilita perceber que as mesmas faziam parte da manutenção das tradições de ajuda aos pobres.

Um século depois, conforme indica a pesquisadora Santos ¹⁰⁵ em seu trabalho sobre os Círculos Operários, a Igreja Católica busca respostas e alternativas aos problemas postos pela modernidade, a Igreja reunia-se, então, em torno a questões como o combate ao liberalismo e ao socialismo.

Embora combatesse a concepção do liberalismo em relação à função do Estado e houvesse elaborado críticas à ganância desenfreada em busca do lucro, também como resultado do liberalismo econômico, o alvo da Igreja e, por tanto, das determinações da *Rerum Novarum* era o socialismo ateu. ¹⁰⁶

Ainda de acordo com Santos, dentre as ações e tentativas para garantir seu espaço de atuação na organização da sociedade e fazer frente aos perigos como o socialismo ateu, em fins do século XIX, a Igreja lança a Encíclica Papal

¹⁰⁴ Idem, p. 199-200.

¹⁰⁵ SANTOS, Jovelina Silva. Círculos Operários no Ceará: “instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915 - 1963). UFC: Fortaleza, 2007.

¹⁰⁶ Idem, p. 17.

Rerum Novarum ¹⁰⁷, cujas matrizes apontavam para a premente exigência de pensar a problemática social á luz da doutrina cristã.

Assim, complementando a discussão, a pesquisadora Santos possibilita entender as mediações e os pressupostos ideológicos da Igreja Católica em meio as transformações em curso em fins do século XIX. No Brasil esse cenário é acentuado pela separação entre Igreja e Estado na última década do referido século.

A preocupação em perder espaço de atuação na sociedade torna-se marcante no século XX, assim segundo Santos,

[...] assinalado pela afirmação da Igreja na construção de diferentes organizações sociais, como a participação conjunta do clero e dos leigos, na luta para inserir-se em setores dos quais se viu afastada por ocasião da dissolução dos laços com o poder temporal [...] ¹⁰⁸.

Ou seja, o processo de laicização do estado brasileiro e as novas demandas da sociedade, em especial da camada pauperizada, impulsiona a Igreja a repensar seus paradigmas na tentativa de não perder seus seguidores.

O recuo histórico ao século XVIII e a análise de uma trajetória de renovações da Igreja auxilia na compreensão de que a perspectiva de atuação junto aos pobres não é algo novo na doutrina Católica, podendo-se mesmo fazer referência às parábola de Jesus Cristo e tomar por referência as reflexões do filósofo alemão Friedrich Nietzsche em sua obra “A genealogia da Moral”. O autor pensa as transformações na moral ocidental, quando a ideia de pobreza e a imagem do pobre ganha *status* de sagrado tornando-se símbolo de bondade ¹⁰⁹.

Não obstante, como sugeriu-se antes, a disseminação dos ideais de uma sociedade comunista que libertasse o trabalhador pauperizado e explorado pelos capitalistas, dá um novo rumo a forma de se preocupar com a questão da pobreza.

¹⁰⁷ Encíclica papal divulgada em 1891, “entendida como a síntese dos mais diversos programas do Catolicismo Social”. Cf. SANTOS, Jovelina Silva. Op. Cit., p. 15-16.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ NIETZSCHE, Friedrich. A genealogia da moral. São Paulo. Ed. Escala. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 20.

Se o interesse pelo pobre é de fato uma tradição cristã, antiga, o acontecimento novo é a afirmação de que os pobres serão "os agentes de sua própria libertação e o sujeito da sua própria história" — e não simplesmente o *objeto* de uma atenção paternalista, caridosa e assistencial. (grifo do autor) ¹¹⁰

Sendo esta uma das grandes mudanças nos postulados da Igreja Católica em meados dos anos sessenta do século XX, esta renovação diz respeito ainda, ao que muitos vieram chamar de uma opção pelos pobres por parte da Igreja. Pensar esse ideário pressupõe entender as transformações que vinham se desdobrando no seio da referida igreja e, em particular, como essas transformações tomaram sentido no âmbito da América Latina e no Brasil.

No que tange as transformações, pensa-se em primeira ordem que estas mudanças ganham expressão com o início do pontificado do Papa João XXIII e com a promoção do Concílio Vaticano II, que, não por acaso, foi realizado logo após a Revolução Cubana. Segundo Júlia Miranda,

O concílio Vaticano II, instalado em 1962, pelo papa João XXIII e encerrado em 1965 já pelo seu sucessor, o Papa Paulo VI, representa um marco no processo de organização e atualização institucional da Igreja, em relação ao mundo moderno. No que se refere à América Latina ficou estabelecido este momento: 1) que cada país estabelece-se, o mais rapidamente possível um plano de pastoral que tivesse como objetivos iluminar as inteligências, revigorar a vida sacramental e fortalecer os católicos na fé; 2) que os bispos se esforçassem por mostrar aos governantes e a todos os responsáveis, a urgência de uma reforma das estruturas sociais, no sentido de uma promoção das massas subdesenvolvidas; 3) que a hierarquia e a Igreja, num papel subsidiário, dessem a sua cooperação a este esforço de participação humana e tomassem no seu seio uma parte ativa. ¹¹¹

Ainda segundo a autora, citando Leonardo Boff,

[...] a opção preferencial pelos pobres é a expressão teológica que subjaz ao compromisso cristão. Os pobres foram os privilegiados por Jesus, não pelo fato de serem bons e abertos, mas pelo fato de serem pobres (Puebla n° 1.142): Criados à

¹¹⁰ LOWY, Michel. Op. Cit., p. 54.

¹¹¹ MIRANDA, Júlia. O Poder da fé: discurso e prática católicos. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida (pela pobreza). Por isso Deus toma sua defesa. Assim é que os pobres são os primeiros destinatários de sua missão (nº 1.142). Assumindo a causa da justiça dos pobres, a Igreja coloca-se no mais puro seguimento de Jesus. São Paulo II aos bispos em Puebla recordou que o compromisso de Jesus foi um compromisso com os mais necessitados ¹¹².

Segundo Lowy, “o pontificado de João XXIII e o Concílio Vaticano II vão legitimar e sistematizar essas novas orientações, constituindo assim o ponto de partida para uma nova época na história da Igreja” ¹¹³. Ainda segundo o autor,

[...] com a revolução cubana de 1959, abre-se na América Latina um período histórico novo, caracterizado pela intensificação das lutas sociais, o aparecimento dos movimentos de guerrilha, a sucessão dos golpes militares e a crise de legitimidade do sistema político. É a constelação desses dois tipos de mudança que criará as condições de possibilidade para a emergência da nova Igreja dos pobres, cujas origens são anteriores ao Vaticano II. ¹¹⁴

No âmbito da América Latina, esse movimento ganha contornos e especificidades a partir dos encontros na cidade de Medellín, na Colômbia e em Puebla, no México, quando se buscou fazer uma leitura da Teologia da Libertação considerando as particularidades socioeconômicas dessa parte do continente.

Logo após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o episcopado da América Latina realizou um encontro com o intuito de interpretar os documentos conciliares à luz da problemática latino-americana. Reunidos em Medellín, Colômbia, em 1968, os bispos produziram um documento avançado, que iria sustentar a ação dos católicos progressistas no continente nos próximos treze anos, ao mesmo tempo em que assustava os conservadores. Em 1979, em Puebla, México, a reunião do episcopado para aprovar as novas diretrizes para a Igreja no continente recebeu forte intervenção do Vaticano, agora sob comando de um novo papa, João Paulo II, em apoio ao setor

¹¹² BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. Petrópolis, Vozes, 1981. Apud: MIRANDA, Júlia. O Poder da fé: discurso e prática católicos. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

¹¹³ Idem, p. 55.

¹¹⁴ LOWY. Op. Cit., p. 56.

conservador. Ainda assim, o resultado foi um documento crítico, autor da célebre Opção Preferencial pelos Pobres¹¹⁵.

Ressalte-se que no período de uma década que separa um evento do outro, emergiram muitos conflitos internos em relação às leituras críticas e ações políticas desse movimento – Cristianismo da Libertação. Ante o contexto das ditaduras implantadas em vários países da América Latina, os clérigos, tributários desse movimento, envolveram-se mais concretamente no apoio aos seguimentos da sociedade que resistiam aos golpes militares, o que gestou represálias por parte da cúpula da Sé Católica.

Compreende-se então, que a América Latina sofria com as contradições sociais de modo profundo, o que impulsionou a transformação de orientações teológicas em movimento social e que essa transformação gera conflitos dentro da própria Sé entre conservadores e progressistas.

A preocupação com o exercício da caridade no auxílio à pobreza toma uma dimensão de transformação da condição humana pela libertação. O movimento conhecido por Cristianismo da Libertação ou Teologia da Libertação emerge desse cenário e vai, em meados dos anos sessenta, influenciar e transformar os rumos da Igreja Católica. Essa transformação passa pelo campo das ideias, dos valores, das ações e como indica Lowy, é um movimento que eminentemente parte das periferias ¹¹⁶.

¹¹⁵ BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. In: Revista Espaço Acadêmico. Nº 111. Agosto de 2010.

¹¹⁶ [...] o conceito de periferia foi construído socialmente, ao longo da segunda metade do século XX, como um conceito que se pretendeu explicativo dos fenômenos urbanos na metrópole de São Paulo. [...]. Trata-se de um modelo de entendimento resultante de um rico período de debates, pesquisas e processos sociais que levaram à construção da noção de periferia como uma noção explicativa das particularidades do desenvolvimento urbano de uma metrópole em um país industrial subdesenvolvido. [...] A noção de periferia é uma construção social relacionada a práticas e discursos de sujeitos sociais e políticos de um contexto histórico específico, de ascensão dos chamados movimentos sociais urbanos, e de intensas mudanças na sociedade brasileira: a transição de um regime político autoritário e centralizador, para uma abertura democrática; e a passagem de um contexto de intenso crescimento econômico de base urbana-industrial para um período de recessão e agravamento dos problemas urbanos e sociais. In.: [TANAKA, Giselle Megumi Martino](#). Excerto do Resumo de Dissertação: Periferia: conceito, práticas e discursos; práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo, 2006.

[...] o processo de *radicalização* da cultura católica latino-americana que vai culminar com a formação da teologia da libertação não parte do topo para a base da Igreja, como parecem sugerir as análises funcionalistas sobre a busca de influência pela hierarquia, nem da base para o topo, como propõem certas interpretações *populistas*, mas *da periferia para o centro*. (grifo do autor) ¹¹⁷

Da periferia, porque é de lá que insurgem as principais necessidades de mudanças, mudanças inclusive, no modo de ler e interpretar a bíblia. Na perspectiva de encontrar na bíblia não só a salvação da alma, mas uma mensagem de libertação e melhores condições de vida na terra.

Vão surgir diversas formações e associações com essa perspectiva. Reunidas em torno de uma nova leitura dos evangelhos e das escrituras do antigo testamento, padres e leigos constroem a proposta de uma nova forma de ver e agir no mundo. Percebem as contradições em sua condição de vida.

Assim ocorreu com a dinâmica cotidiana das Comunidades Eclesiais de Bases – CEBs e em muitos Clubes de Mães das periferias paulistanas que surgem com essa perspectiva.

Esse movimento teológico de ideal libertador é demasiado complexo para que se queira dar conta de compor sua trajetória neste texto; é necessário, contudo, ressaltar que para entender a dinâmica histórica dos Clubes de Mães no Brasil e em Limoeiro do Norte-Ce, não se pode perder de vista as imbricadas relações entre esses dois movimentos.

Antes de tudo, é necessário entender a trajetória de instauração social dos Clubes de Mães no Interior do Ceará, pensando essa experiência situada especificamente em Limoeiro do Norte a partir das memórias e relatos de algumas mulheres que fizeram ou ainda faz parte dos clubes nessa cidade.

1.4 As memórias como “porto de partida”: A inserção social dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte-CE.

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um porto de partida.
¹¹⁸

¹¹⁷ Idem, p 59.

¹¹⁸ GALEANO, Eduardo. As palavras andantes. Tradução de Eric Nepomuceno; ilustrações de J. Borges. Porto Alegre. L&PM, 1994.

Os Clubes chegam a Limoeiro através do trabalho de freiras, padres e agentes pastorais preocupados em auxiliar as famílias pobres da cidade nos espaços urbanos e rurais numa perspectiva educativa e assistencial. O cotidiano desses clubes apresenta, através das falas de suas sócias, uma dinâmica entre um espaço de sociabilidade para as mesmas e seus familiares, bem como um receptáculo de assistencialismos, doações e acesso a programas governamentais.

Em grande medida, pensar a historiografia que trabalhou com os Clubes de Mães das periferias paulistanas, serve de referência para pensar o fazer-se, das experiências dessa formação popular no interior do Ceará.

Para tanto, discutir a inserção social de mulheres camponesas ou urbanas do interior do Ceará através dos Clubes de Mães, e como estas entidades ganham expressão social, é possível nesse momento a partir da memória oral, conversas gravadas ou não, mas também da memória material, presentes em documentos como atas de fundação, registros cartoriais, livros de Tombo, projetos de cursos educacionais, etc.

Em sua gênese, já se sabe, os clubes possuíam uma relação estreita ou mesmo indissociável com a atuação da Igreja Católica. A Igreja fundou ou participou indiretamente da fundação dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte. A Ata de fundação do Clube de Mães Maria Assis de Meneses da comunidade de São Raimundo ¹¹⁹ possibilita pensar como se processava esse momento, onde era costume realizar uma missa nesse momento.

Realizou-se aos 14 dias do mês de outubro de 1968 no prédio escolar de São Raimundo a sessão de fundação e posse da diretoria do Clube de Mães da referida localidade. Esta ocorreu as 5,45 hs. De início tivemos a abertura feita pela jovem Maria do Carmo, que a mesma convidou todos presentes a invocar o divino espírito santo. Logo após convidou as autoridades presentes para ladear a mesa, o reverendíssimo Pe. Diomendes a senhora Dona Rosa de Freitas e mais algumas autoridades. Em continuação uzou (sic) da palavra o reverendíssimo Pe. Diomendes, que fêz (sic) a fundação e logo houve entrega de faixas aos membros da diretoria. Depois da

¹¹⁹ Comunidade rural de Limoeiro do Norte, situada aproximadamente à distância de 5 km da sede.

posse usou da palavra o Pe. Diomendes parabenizando a comunidade por a criação de mais uma entidade de tanto benefício.¹²⁰

Percebe-se que as fundações dos clubes em Limoeiro transitavam entre solenidade e rito cristão. As autoridades referidas a exemplo do texto acima poderiam ser desde bancários, agentes pastorais, servidores de órgãos públicos, organizações não governamentais ou mesmo a primeira dama da cidade. Não obstante, fica claro que a fundação não é concluída por nenhuma destas ou mesmo pelas mulheres da comunidade e sim pelo Pe. Diomendes, simbolizando a autoridade mais indicada para a função.

Como já foi apontada, a relação dos Clubes de Mães e a Igreja Católica não é algo isolada. A referida igreja esteve à frente ou atuante nos mais diversos movimentos e organizações populares do município por toda a sua história; na organização dos Sindicatos rurais, por exemplo.

Segundo Edileuza Freitas Pinto¹²¹ o processo de sindicalização realizado pela referida Igreja tem seu começo no início da década de 1950. Neste momento, mostrava-se cada vez mais forte a organização dos trabalhadores rurais com a ajuda do Partido Comunista Brasileiro – PCB¹²² e as Ligas Camponesas¹²³. Temendo, então, o fortalecimento da classe trabalhadora rural pela via comunista, “a igreja viu-se obrigada também a exercer uma prática sindical em relação ao homem do campo”¹²⁴.

¹²⁰ Transcrição da ata de fundação do Clube de Mães Maria de Assis Menezes (segundo clube a ser fundado em Limoeiro do Norte), na comunidade São Raimundo, distante 5 km da sede, em 1968.

¹²¹ PINTO, Edileuza Freitas. A Diocese de Limoeiro do Norte no processo de sindicalização rural do Vale do Jaguaribe, 1961-1969: Tabuleiro do Norte, Um Estudo de Caso. Limoeiro do Norte – Ceará. 1998.

¹²² O Partido Comunista Brasileiro surge em 1922, passa por várias fases oscilando entre a legalidade e a ilegalidade. Cf. BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1986.

¹²³ Segundo Montenegro, as Ligas Camponesas surgem em meados da década de 1950, fruto da organização de trabalhadores rurais de Pernambuco, que primeiramente foi denominada de Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco – ASPPP – que tinha um caráter assistencialista, mas, que devido à influências do PCB, tomam um caráter de reivindicação e luta, articulando e organizando os trabalhadores rurais pautadas nos ideais comunistas. Cf. MONTENEGRO, Antônio torres. Ligas Camponesas e Sindicatos rurais em tempos de revolução. In: O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática. (org.) Ferreira e Delgado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 253.

¹²⁴ PINTO, Edileuza Freitas. Op. Cit., p. 24.

Ainda de acordo com a Ata de Fundação do Clube de Mães Eunice Mendes, várias entidades ligadas a Igreja Católica participaram da fundação do referido clube. Consta que na solenidade estiveram presentes: “o diretor da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte; o secretário da Arquidiocese de Fortaleza; o extencionista da ANCAR – Ceará, de Limoeiro do Norte; além da supervisora do MEB”¹²⁵.

As organizações e movimentos citados na Ata de Fundação do Clube de Mães Eunice Mendes, ajuda no entendimento da rede de relações na qual estavam inseridos os clubes. Segue abaixo um informativo oficial da missão de cada uma dessas organizações que será problematizado posteriormente.

A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Fundada no Brasil em 12 de novembro de 1956, a Cáritas Brasileira faz parte da Rede Cáritas Internationalis, presente em 165 países e territórios. Reconhecida como entidade de utilidade pública federal, ela também é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹²⁶.

[...] O modelo do Serviço de Extensão Rural aos agricultores brasileiros foi adaptado dos Estados Unidos, que enfatizava a difusão de tecnologias. Era o chamado modelo difusionista. No Ceará, o Serviço de Extensão Rural foi criado, em 16 de fevereiro de 1954, com a denominação de ANCAR (Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural). Naquele ano, os trabalhos de campo começaram pelos municípios de Maranguape, Redenção e Quixadá. Transcorridos alguns anos, a Extensão Rural do Ceará foi ampliando a sua abrangência e, no dia 6 de julho de 1976, transformou-se em empresa, com a aprovação da Lei nº 10.029 Estados do Brasil, foi fundado em 1948. As atividades desse serviço público estadual aos, recebendo a denominação de EMATERCE (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará)¹²⁷.

O MEB é um organismo vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, constituído como sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no Distrito Federal. Foi fundado em 21 de março de 1961. Há 50 anos

¹²⁵ Ata de Fundação do Clube de Mães Eunice Mendes. Op. Cit.

¹²⁶ Cf. site: <http://www.caritas.org.br/>

¹²⁷ Cf. site: <http://www.ematerce.ce.gov.br>.

realiza ações diretas de educação popular em diversas regiões do Norte e Nordeste do país e atualmente está nos estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão e Distrito Federal, atuando também no Norte e Nordeste do Estado de Minas Gerais, no regime de parceria com o governo estadual. A opção preferencial por essas regiões está definida em Estatuto, como áreas populacionais do País em que os indicadores socioeconômicos (sic) revelam situação de pobreza e, conseqüentemente (sic), índices sociais e econômicos abaixo dos desejados. As ações de mobilização social, de alfabetização de jovens e adultos e de educação de base são responsabilidade de equipes regionais em cada uma das unidades da federação em que atuamos. A coordenação pedagógica, o planejamento, o controle administrativo e a avaliação de resultados das ações são monitorados a partir da Equipe Nacional localizada em Brasília¹²⁸.

Pode-se, a partir desses históricos e do documento de Ata, compreender a importância que tinha para um espaço, rural ou urbano, a formação de um Clube de Mães tendo em vista o conjunto de outras organizações a que eles estavam vinculados. Entendendo que todas as organizações e instituições presentes objetivavam realizar alguma melhoria para localidade, fica claro que os clubes serviam, entre outras coisas, como uma associação comunitária em prol de melhorias às famílias. Fica claro também, a atuação da Igreja nesses e através desses movimentos.

A Igreja Católica, através de organizações como a Cáritas Diocesana, associações comunitárias, grupo e movimentos de leigos¹²⁹, buscava aproximar-se da população pobre, estivesse essa nas periferias das cidades ou nas zonas rurais.

O Livro de Tombo nº 02, da Paróquia de Limoeiro do Norte, referente ao período de 1964 a 1978, possibilita perceber, através dos eventos do cotidiano que foram registrados, bem como das principais ações da Igreja Católica no município, como se dava as articulações para mobilizar a população, especialmente a mais carente, em torno das ações da Igreja.

Os Planos de Ação Pastoral em Limoeiro, desde que se tem registro (1964), buscavam arregimentar o maior número de Eclesiásticos, Leigos e entidades possíveis. Mas, foi só a partir de 1968, com a posse do Bispo D.

¹²⁸ Cf. site: <http://www.meb.org.br/>.

¹²⁹ Esta participação do Laicato foi uma das designações formuladas no Concílio Vaticano II. Cf. ZANLOCHI, Terezinha. Mulheres Leigas na Igreja de Cristo, Bauru: Edusc, 2001.

Falcão, que os Clubes de Mães surgiram nos registros como uma das entidades envolvidas na realização dos planos de ação pastoral da Diocese.

Em sua primeira Visita Pastoral, o novo bispo, D. Falcão, narra quais os lugares que serão priorizados para estreitar laços da Igreja com os diversos setores da sociedade limoeirense:

Durante a visita, mantive proveitosos encontros com as associações religiosas, com os professores catequistas, com os bancários, com os vicentinos, com os extencionistas da ANCAR de Limoeiro do Norte, Morada Nova, Tabuleiro do Norte e São João do Jaguaribe, com a equipe de Cáritas, com a equipe de evangelização, com os jovens, com os Clubes de Mães de Limoeiro do Norte, com os alunos do colégio Diocesano Pe. Anchieta [...]

Estas visitas tinham por objetivo estabelecer dialogo e compromissos com as referidas entidades, instituições e movimentos, estabelecendo uma cooperação na realização do Plano de Ação Pastoral, o qual tinha nesse momento por meta principal, segundo registros no referido Livro de Tombo “A Promoção Humana e a Evangelização”¹³⁰.

Assim, os Clubes de Mães de Limoeiro do Norte estão dentro dessa seara de organizações populares motivadas a cooperar com os propósitos da Igreja Católica, recebendo, em troca, o assistencialismo dos movimentos e entidades como o MEB e a Cáritas.

O Movimento de Educação de Base – MEB, como a Cáritas, possuíam, nesse período, estreita ligação com os Clubes de Mães. As duas entidades objetivavam reunir as mulheres em torno dos desígnios dessa Igreja que se intitulava renovada, assistindo-as e educando-as.

O MEB promovia “cursos que objetivavam levar as camadas pobres uma concepção de educação centrada na conscientização dos trabalhadores, urbanos e rurais”¹³¹. Esse movimento, segundo a pesquisadora Souza, agregava o apoio do governo federal e da CNBB, o que fez com que, dentre os movimentos de educação popular da época, ganhasse “posição de destaque”,

¹³⁰ Transcrição do Livro de Tombo nº 02 da Paróquia de Limoeiro do Norte – CE.

¹³¹ CAVALCANTE, Maurina Holanda. Saber para viver: Igreja, Rádio e Educação Popular. Uma História do MEB Limoeiro do Norte, CE (1962 – 1972). Dissertação de Mestrado. Brasília, 1996, p. 135.

bem como pela “inovação tecnológica advinda das proposições da radiodifusão educativa” ¹³².

O Movimento de Educação de Base – MEB surgiu com a proposta de alfabetizar e conscientizar camponeses buscando com isso, estar à frente das vivências do homem simples em suas comunidades. No que se refere ao município de Limoeiro do Norte, não resta dúvidas que o MEB construiu, junto à população mais rural, contornos culturais e políticos.

Dentre suas linhas de ações, encontramos a Animação Popular nas Comunidades - ANPO. “A ANPO objetivava capacitar lideranças para trabalhar diretamente com as comunidades, ajudando na organização e formação de sindicatos, clubes de jovens, grêmios e Clubes de Mães” ¹³³ e é a partir da proposta de capacitação de lideranças que o derradeiro capítulo desse trabalho busca entender como algumas mulheres dos Clubes de Mães se constituem em quanto tal.

Em suas lembranças, Sra. Vilian também recorda da atuação do Clube 4 s ¹³⁴ em sua comunidade. Quando questionada se havia uma ligação entre o clube 4 s e os Clubes de Mães ela responde: “*Acho que tinha. E sei que era uma turma mais jovem*” ¹³⁵. E concluiu relembando que uma das sócias do Clube de Mães de sua comunidade aprendeu uma grande variedade de pontos de bordado no Clube 4 S.

¹³² SOUZA, Claudia Morais. Pelas ondas do rádio: Cultura Popular, Camponeses e o Movimento de Educação de Bases. Tese de doutoramento. São Paulo, 2006, p. 12.

¹³³ CAVALCANTE, Maurina Holanda. Op. Cit., p. 68.

¹³⁴ Os Clubes 4-S estiveram inseridos nas estratégias de modernização da produção agrícola brasileira e tiveram seu auge em Santa Catarina na década de 70, através da ACARESC (Associação de Crédito e Extensão Rural de Santa Catarina). A sigla 4-S significa Saber, Sentir, Servir e Saúde, ou seja, conforme o juramento prestado pelos jovens que fizeram parte desses clubes, essas palavras adquirem a seguinte tonalidade: Minha cabeça para SABER claramente. Meu coração para SENTIR maior lealdade. Minhas mãos para SERVIR mais e melhor. Minha SAÚDE para uma vida mais sã. Com meus 4-S, meu lar, minha comunidade e minha Pátria'. Estes Clubes são com que filhos adotivos da ACARESC, empresa responsável pela implantação e desenvolvimento dos trabalhos de Extensão Rural no Estado de Santa Catarina. A matriz destes clubes é norte-americana (os Clubes 4-H's), e pretendeu servir como um elo entre o conhecimento científico e sua aplicação na agricultura arcaica. In. Revista Esboços. Artigo “Discursos sobre a juventude rural participante de Clubes 4 - S” (1959 - 1977) de Claiton Marcio da Silva, mestre em história pela UFSC. s/v, s/d.

¹³⁵ Maria Vilian Moura de Sousa. Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2005, na comunidade de Arraial, Limoeiro do Norte, CE.

Segundo o pesquisador Silva¹³⁶, o Clube 4 s, é um projeto educacional para adolescentes de famílias agricultoras. Sua filosofia envolvia a formação dos futuros cidadãos e trabalhadores focando na juventude, por entender que pessoas em formação estariam mais aptas a receber e implantar novas técnicas. Esses jovens, por sua vez, ajudariam a construir novas possibilidades à permanência das famílias no campo, evitando assim, o êxodo rural.

O projeto educacional do Clube 4 s, se processava através de cursos, palestras e outras atividades socioculturais que ensinavam as novas tecnologias para o cultivo e criação, estimulando o avanço na produção, mas também incitava a socialização de jovens com festas e excursões. Essa educação era pautada numa expectativa de modernização e higienização, tão perseguidas na época.

Dentro da filosofia do clube 4 s, os cursos eram desenvolvidos de acordo com uma perspectiva das diferenças entre os gêneros, ou seja, rapazes e moças recebiam orientações educacionais diferentes. Enquanto os moços aprendiam as novas tecnologias de cultivo e criação de animais para o desenvolvimento agropastoril, as moças recebiam cursos de culinária, artesanatos, na lógica da economia doméstica, cada um dentro do que se criou em quanto universo de atuação¹³⁷.

Os Clubes 4 s estão inseridos no bojo das organizações que buscavam orientar os pobres para a melhoria de suas condições de vida, assim como os Clubes de Mães, possuíam uma perspectiva educacional e moralizadora dentro da lógica de higiene e modernização social. Sendo que cada um atuando em campos e gerações específicos, não obstante, cruzando-se em alguns momentos, não por menos, estar presente na memória de Sra. Vilian.

Já a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte-CE, fundada em 12 de fevereiro de 1958, uma entidade vinculada à Diocese, tem sua história dividida em três fases, de acordo com documentos cedidos pela própria Cáritas daquele município: a primeira que vai de sua fundação a 1973, marca sua fase assistencialista, reconhecida pelos projetos de distribuição de alimentos,

¹³⁶ SILVA, Claiton Marcio. Op. Cit.

¹³⁷ Ibidem.

roupas e produtos domésticos, mas tendo como base de orientação às visitas, palestras educativas, cursos e supervisão dos trabalhos.

A segunda fase vai de 1973 a 1982, chamada de fase Promocional, caracterizada principalmente pelos cursos profissionalizantes e trabalho junto aos Clubes de Mães, com o apoio a projetos de alfabetização de adultos, corte e costura, bordados, tricô, crochê, artesanato, floricultura, enfermagem no lar e qualificação profissional – pedreiro, eletricista, datilógrafo, lideranças comunitárias e relações humanas.

Por fim, de 1982 aos dias atuais, a Cáritas apresenta uma fase mais Transformadora. Nessa nova fase, a Cáritas assume uma postura mais crítica, aumentando, assim, a sua participação e o poder de intervenção na busca de Políticas Públicas e conquistas sociais¹³⁸.

Sra. Vilian, forneceu em sua entrevista informações sobre as relações existentes, no decorrer da década de 1970, entre o Clube de Mães Eunice Mendes e entidades como a Cáritas, MEB, Diaconia¹³⁹, os extencionistas da ANCAR, clube 4 s e LBA que, por meio de cursos e doações, serviam de apoio aos clubes.

A historiadora Cecília Domezi¹⁴⁰ em sua dissertação de mestrado sobre a luta das mulheres da periferia sul de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980 - por meio do referido Movimento Custo de Vida que estavam inseridas nas CEBs e nos Clubes de Mães - aponta as diversas articulações dos clubes tratados em seu trabalho.

No bairro da cidade Ademar, dentro do Setor Cupecê, havia desde 1967 um Clube de Mães assessorado pela Prefeitura e pela entidade da Igreja chamada Cáritas. Essas mulheres

¹³⁸ Histórico cedido pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte – CE.

¹³⁹ Em 1967, a então Confederação Evangélica do Brasil convidou diversas Igrejas a organizarem uma entidade de ação social. Assim, a Diaconia é fundada, com sede no Rio de Janeiro, com a proposta de realizar ações de assistência à população carente do país. A partir de 1984, sua sede é transferida para Recife (PE) e sua atuação é focada na região Nordeste, onde se encontra mais de 40% da população excluída do Brasil. Após amplo processo de reestruturação, a Diaconia moderniza sua dinâmica e simplifica sua estrutura institucional. Em 1997, a entidade passa a investir no fortalecimento da cidadania, na busca de um resultado que vá além da ação assistencialista. O atual enfoque é no desenvolvimento humano e social no nordeste brasileiro. Cf. site: <http://www.diaconia.org.br>.

¹⁴⁰ DOMEZI, Maria Cecília. Elas ergueram painéis – Donas de Casa: Da luta contra o custo de vida à construção da cidadania. Periferia Sul de São Paulo, 1970-1980. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1997.

trabalhavam numa oficina de costura ligada à associação católica dos Vicentinos, com a qual distribuía roupas para os mais pobres, e leite enviado pela LBA¹⁴¹.

O fato de serem as mesmas articulações dos Clubes de Mães em momentos iguais, mas em espaços tão distintos num país de proporção continental, reforça a perspectiva de tratar-se de uma organização influente e estratégica. Ademais, por sua vinculação com a Igreja Católica puderam ser disseminadas no âmbito da América Latina.

Segundo Sra. Vilian, a Cáritas promovia cursos de alfabetização, bem como de orientações domésticas; quanto ao Movimento de Educação de Base e os Clubes de Mães, Sra. Vilian rememora que foi através do clube que as famílias da comunidade receberam a doação de sanitários e os cursos que capacitavam as famílias para construir, em mutirão de homens e mulheres da comunidade, os banheiros: “aquele meu sanitário quem deu foi o MEB. Passei três dias de curso pra receber. Fizero um grupo, batero os tijolo, depois queimaram os tijolo, ai partiram pra cada um levar os seus tijolo, pra fazer os banheiro”¹⁴².

Já a Legião Brasileira de Assistência – LBA em Limoeiro, segundo Sra. Vilian, cooperava, entre outras coisas, com doações de tecidos. “Era tecido pra camisinha, pra cueiros e pra coberta. Vinham três qualidades de tecidos, vinha as peças completa”¹⁴³. Os tecidos eram utilizados na confecção dos enxovais que, de acordo com uma das obrigações dos clubes, eram entregues a todas as gestantes da comunidade a cada final de ano.

A memória do papel da LBA junto aos clubes de Limoeiro está presente em todos os depoimentos. As senhoras entrevistadas sempre se referem às doações recebidas por essa organização, bem como rememoram essas doações com certa nostalgia e ainda relacionam esse período como tendo sido um tempo de mais possibilidade de trabalho sendo seguido por um tempo de dificuldade pela ausência da LBA.

¹⁴¹ Idem, p. 99.

¹⁴² Maria Vilian Moura de Sousa. Ibidem.

¹⁴³ Idem.

Tinha um convenio que trazia material, trazia roupa, aí tinha muita gente no clube, chegou a ter 51 sócias, mas aí por causa de não ter mais o convenio com... LBA? Era! Era LBA. É... era mercadoria, vinha muita... os fardos de roupa, aí fazia tapete, vinha lã, roupa de lã que dava pra fazer tapete... cada “modelão”, e era bem facil desfazer, você pega na ponta e vai soltando. É, nesse tempo vinha essas rouponas, nesse tempo... e a gente tirava pra fazer tapete e uma fazia rede. E, por causa que num tem mais esse convenio, foram saindo, as mães foram saindo do clube¹⁴⁴.

Deste modo, a LBA assume um papel decisivo em impulsionar a frequência e na manutenção dos trabalhos realizados. Bem como na permanência das mulheres nos clubes, uma vez que, segundo as entrevistadas, ao deixar de receber o apoio da LBA, os clubes vão reduzindo o número de sócias.

[...] Vinha um horror de pano pras gestante, vinha um horror de roupa pra dar o pessoal. Pois é muié, eu tô com muito tempo que trabaio alí... a gente recebia muita coisa, rôpa veia [...] Rôpa veia, mas era rôpa boa, vinha num sei da onde. Hoje a gente precisa pedir a um e a ôtro pra fazer umas coisas, umas blusinhas, umas coisa... mas eu tenho vergonha de pedir, só peço pros conhecidos¹⁴⁵.

A fala de Sra. Maria do Carmo acima citada, ou mesmo na da Sra. Socorro: “No começo, a gente via que tinha a participação e uma organização de alguma coisa, de alguma associação, mas num sei nem o que era... se era Cáritas ou alguma coisa assim”, demonstra também que nem sempre ficava claro para as participantes dos clubes, de onde provinha as doações e assistências, ainda sim, esses são os fatores marcantes em suas memórias a despeito das vivências no clube.

Esse desconhecimento por parte das mulheres pode ser fruto de políticas assistencialistas que não desejam ou não sabe como envolver os sujeitos beneficiados no processo de formação e articulação das benfeitorias. Nessa lógica, a exemplo da Legião Brasileira de Assistência que doava os

¹⁴⁴ Socorro Regis. Entrevista realizada pela autora em abril de 2010, na localidade de Sapé, Limoeiro do Norte, CE.

¹⁴⁵ Maria do Carmo. Entrevista realizada pela autora em fevereiro 2006, na localidade de Arraial, Limoeiro do Norte, CE.

tecidos, era mais fácil doar do que construir coletivamente outra proposta de realidade para essas mulheres.

Já o que encontramos na proposta do Movimento de Educação de Bases – MEB, pautado nos ideais da Teologia da Libertação, é uma proposta de beneficiar ao passo que educa e transforma a realidade das famílias, não por menos as doações de sanitários, rememoradas por D. Vilian, tinham como pressuposto a participação em um curso de formação para essas famílias. O conteúdo desses cursos não é revelado no ato do depoimento, entretanto, pelo caráter dessa organização sabe-se que buscavam apresentar sua proposta de educação transformadora ao passo que formava lideranças comunitárias para a conquista de mais benefícios e a transformação da realidade carente.

A história dos Clubes de Mães no Brasil mesmo compreendendo uma trajetória qual os interligam no que diz respeito às relações com as organizações que os promovem e auxiliam, bem como, conterem os mesmos objetivos estatutários, eles possui uma dinamicidade que não pode ser entendida de modo homogênea.

Moema Viezzer, por exemplo, mesmo fazendo parte dos pesquisadores que pensam os Clubes de Mães numa perspectiva de evolução na organização das mulheres nas periferias, ressalta que: “Não se pode pensar os Clubes de Mães como uma realidade homogênea, como se todos tivessem seguido o mesmo tipo de evolução”¹⁴⁶.

Não obstante, deve-se sinalizar aqui, que as transformações apreendidas ao longo das décadas analisadas, na dinâmica de acesso as benfeitorias através dos clubes modificou efetivamente a estrutura dos clubes, o que será melhor compreendido no derradeiro capítulo.

Este trabalho preocupou-se até aqui em problematizar a emergência social dos Clubes de Mães e como essas entidades estão vinculadas ao projeto Católico de manutenção de poder junto à população pauperizada.

¹⁴⁶ VIEZZER. Op. Cit., p. 183.

2. Os Clubes de Mães: Educando e formando a mulher ideal.

A receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da igreja, a mãe-educadora do Estado Positivista, a esposa companheira do aparato médico-higienista ¹⁴⁷.

¹⁴⁷ FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In DEL PRIORE, Mary (org). História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Conforme já citado, é a partir do conhecimento dos Boletins da LBA, que se compreendem os Clubes de Mães como parte integrante de campanhas educativas comunitárias que envolviam governo, organizações não governamentais e a Igrejas que buscava orientar as mulheres na criação e cuidados com os filhos.

Destacam-se entre os objetivos dos clubes, presentes nos documentos estatutários encontrados em Limoeiro do Norte, a intenção de “Melhorar o nível educacional, econômico, social e religioso das mães pobres, proporcionando o bem-estar do lar” ¹⁴⁸. Assim, tomando por base essa perspectiva, este capítulo, pensará questões eminentes na compreensão da dinâmica dessas organizações – as condições socioeconômicas dessas mulheres, a perspectiva educacional dos clubes, a condição feminina no mundo do trabalho, compreendendo assim, a dinâmica dos Clubes de Mães em Limoeiro no período em questão.

Tentar entender as vivências das mulheres que fizeram ou ainda fazem parte destas entidades, que envolve a compreensão de sua condição de mãe e esposa, é pensar em primeira ordem as condições sócio históricas por elas herdadas.

Um breve retrocesso na história possibilita inferir a cerca da construção cultural de um modelo de mulher, mãe e esposa forjado na sociedade brasileira, podendo-se mesmo retroceder ao período colonial na história do país. Não obstante, entender-se a necessidade de conhecer essa construção sociocultural em longo prazo, os limites dessas análises não retrocederão o século XX.

Os clubes e sua perspectiva educacional e moral para mulheres pobres possuem uma matriz histórica, a exemplo de outras organizações do mesmo período, nos ideais de uma sociedade moderna e higienizada. A educação referida não possuía um formato sistemático através de aulas e conteúdos científicos tradicionais, tratava-se de uma educação voltadas às necessidades cotidianas das mulheres e suas famílias, balizada pela moral cristão e os ideais higienistas, tão expressivos naquele momento. Esse processo educativo se

¹⁴⁸ Excerto do Estatuto do Clube de Mães. Esse conteúdo se repete na maioria dos Estatutos pesquisados.

dava através de cursos, palestras ou mesmo através da leitura do evangelho, onde muitas mulheres desenvolviam a leitura nos momentos de estudo de textos bíblicos.

Os ideais de modernidade e higienistas são importados, dos chamados na época, países de primeiro mundo, que exportavam não só armas e tecnologias, mas também modelo de vida e sociedade para os outros então chamados, países de terceiro mundo.

As ideias de construir uma sociedade pautada nas noções higienistas passam primeiramente pela conscientização dos sujeitos e nessa perspectiva, as mulheres foram tomadas como elementos centrais nesse processo. Sendo as mulheres as primeiras educadoras e enfermeiras por assim dizer, elas deveriam aprimorar seus conhecimentos para melhorar os cuidados com seus filhos.

Não se pode perder de vista que no período de fundação dos Clubes de Mães no Brasil, o projeto educacional caminhava junto ao de saúde. Não por acaso o ministério comportar as duas especialidades, demonstrando que eram entendidas como uma só.

Os ideais de educação e saúde que tomam expressão ainda no governo Vargas, estão presentes nos anos de 1960 e influenciam diretamente os objetivos dos Clubes de Mães. Ou seja, os projetos educacionais e higienistas presentes nos clubes, fazem parte de um contexto mais amplo, onde Igreja e Estado trabalham em prol de controlar as camadas pauperizadas através de organizações e assistencialismos.

No que diz respeito à educação oferecida pelo estado, as primeiras décadas do século XX, sistematiza os referidos ideais em vigor. É no governo Vargas que as reformas implantadas pelo ministério da educação e saúde tomam uma expressividade no país. O modelo é gestado na Capital, Rio de Janeiro, e dissemina-se pelo país. Entre as reformas, a chamada Reforma Capanema, tornou-se uma das mais conhecidas e repercute até os dias atuais no país.

Nome da reforma do sistema educacional brasileiro realizada durante a Era Vargas (1930-1945), sob o comando do ministro da educação e saúde Gustavo Capanema. Essa reforma, de

1942, foi marcada pela articulação junto aos ideários nacionalistas de Getúlio Vargas e seu projeto político ideológico, implantado sob a ditadura conhecida como “Estado Novo”. De todas as áreas do plano educacional, a educação secundária seria aquela em que o ministério Capanema deixaria sua marca mais profunda e duradoura. Segundo os autores de *Tempos de Capanema*, o sistema educacional proposto pelo ministro correspondia à divisão econômico-social do trabalho. Assim, a educação deveria servir ao desenvolvimento de habilidades e mentalidades de acordo com os diversos papéis atribuídos às diversas classes ou categorias sociais. Teríamos a educação superior, a educação secundária, a educação primária, a educação profissional e a educação feminina; uma educação destinada à elite da elite, outra educação para a elite urbana, outra para os jovens que comporiam o grande “exército de trabalhadores necessários à utilização da riqueza potencial da nação” e outra ainda para as mulheres. A educação deveria estar, antes de tudo, a serviço da nação, “realidade moral, política e econômica” a ser constituída.¹⁴⁹

O discurso presente na estrutura da reforma Capanema é um segregador social que mesmo tendo em vista o contexto em que foi elaborada, deve-se pensá-lo criticamente, posto que, reforça a manutenção de uma sociedade classista e cria mecanismos dentro da educação para conservação dos papéis historicamente excludentes e moralizantes.

Nesse projeto, a mulher possui uma formação específica que objetiva potencializar suas características ditas inatas. No âmbito privado o plano é reforçar os distintivos femininos no cuidado com a família e nos afazeres domésticos. No âmbito público as mulheres poderão ocupar as profissões que estejam de acordo com a sua natureza – condição feminina – e serão as guardiãs da moral e responsáveis ainda por tornar salutar seu lar.

Essa responsabilidade faz com que as mulheres sofram o assédio constante, não só do estado, mas também da Igreja no intuito de conscientizá-las de seus papéis sociais junto à família e à nação.

A historiadora Margath Rago, ao tratar do trabalho e da sexualidade feminina nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, analisa o sistema fabril e as condições subumanas vivenciadas pelas mulheres pobres que

¹⁴⁹ MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “Reforma Capanema” (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. In: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario>.

necessitavam trabalhar. Ela pensa o ambiente de dominação, de conflito, mas também as resistências de muitas trabalhadoras no processo de industrialização. Segundo a autora, nas décadas de analisadas, o trabalho realizado pelas mulheres exigia pouca especialidade em contrapartida era sobremaneira mal remunerado.

A conflituosa relação das mulheres vivenciando o universo do trabalho será aprofundada mais adiante nesse texto, importa agora entender que no projeto de modernização idealizado para o país, envolvendo a higiene e moral dos corpos e mentes, se dissemina através dos discursos dos médicos, juristas e clérigos a importância das mulheres no lar dedicando-se exclusivamente ao cuidado com a família.

De modo geral, no momento em que a industrialização absorveu várias das atividades outrora exercidas na unidade doméstica – a fabricação de tecidos, pão, manteiga, doces, vela, fósforo – desvalorizou os serviços relacionados ao lar. Ao mesmo tempo, a ideologia da maternidade foi revigorada pelo discurso masculino: ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e na privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos.¹⁵⁰

As transformações ocorridas nesse momento são sentidas por todas as camadas sociais e ambos os gêneros. As pressões e conflitos, não obstante, se reverberam nas camadas populares e nas mulheres dessas camadas, que são o alvo do projeto civilizador. As mulheres pobres que necessitavam trabalhar fora de casa eram pressionadas a retornar ao lar, sofrendo críticas de diversos âmbitos da sociedade.

Os positivistas, os liberais, os médicos, a Igreja, os industriais e mesmo muitos operários anarquistas, socialistas e, posteriormente, os comunistas incorporaram o discurso de valorização da maternidade, progressivamente associado ao ideal de formação da identidade nacional. Nos anos 20 e 30, a figura da “mãe cívica” passa a ser exaltada como exemplo

¹⁵⁰ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In. DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 591.

daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria.¹⁵¹

Para tanto, como possibilita entender a historiadora, a aliança entre médicos, teórico, Igreja, governo e até mesmo a polícia, justificava-se na tentativa de sanear para civilizar, sanear para disciplinar. O desafio primeiro foi modificar os costumes na estrutura familiar e transformar as famílias na principal aliada.

É na tentativa de incorporar a família, que tornarão a mulher-mãe responsável primeira pelo futuro de seus filhos, e consequentemente responsável pelos futuros cidadãos que formarão a nação. Quem reforça essa ideia é o historiador Durval Muniz, quando diz que, “à educação das novas gerações atribui-se o próprio destino da pátria”¹⁵².

É neste contexto de normatizações e ideais de civilidade que se forja o momento histórico de maior restrição das mulheres à esfera privada. Não havendo mais espaço para os saberes ditos primitivos apropriados pelas mulheres ao longo da história, seja na fabricação de remédios caseiros, no saber das parteiras, no ensino das primeiras letras, essas mulheres sofrem as maiores pressões.

Como possibilita pensar a pesquisadora Rocha-Coutinho¹⁵³, desde o período colonial brasileiro, pela escassez de mão-de-obra especializada neste período, as mulheres assumiam os papéis de “médico, enfermeiro, sacerdote e até mesmo professor”¹⁵⁴.

Ensinando as primeiras letras a seus filhos e, algumas vezes, a toda gente da casa-grande -, preparando papinhas, ungüentos (sic) e chás – fazendo uso das ervas da terra que ela aprendeu a conhecer com as índias e as negras – para sarar doentes e rezando terços, novenas e ladainhas¹⁵⁵.

¹⁵¹ Idem, p. 592.

¹⁵² ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Op. Cit., p. 63.

¹⁵³ ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia, Tecendo por traz dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹⁵⁴ Idem, p. 71.

¹⁵⁵ Ibidem.

Essas esferas de atuação das mulheres imprimem nelas uma forma de poder, chamados por Rocha-Coutinho de “não convencionais”, estão relacionados aos fazeres cotidiano e as resistências no âmbito privado. Não se quer com isso, dizer que nesse período as mulheres possuíam mais autonomia ou direitos iguais, pois mesmo atuando e contribuindo para sanar as necessidades da família ou de um coletivo as mulheres são historicamente desvalorizadas.

Não obstante, no momento de efervescência dos discursos de valorização da mulher-mãe somado às bandeiras de liberdade, igualdade e democracia, forjadas na contemporaneidade, onde as mulheres estariam supostamente rumando às conquistas de seus direitos e dos espaços públicos que se poderá encontrá-las mais despossuídas de poder.

Eventos históricos extraordinários a exemplo da Segunda Guerra Mundial, ressignificam os espaços de atuação feminina e a relação público-privado ganha novos contornos. Neste momento, enquanto muitos homens lutavam exercendo suas características, também construídas, de forte e competitivo, as mulheres foram incentivadas e ou convocadas a ocuparem seus lugares nos espaços públicos de produção. Neste momento, segundo Rocha-Coutinho,

Muitas divisões entre os papéis masculinos e femininos, que incluíam o princípio da mãe no lar, foram esquecidas e várias facilidades criadas (como creches e cantinas, por exemplo) para que elas melhor pudessem cumprir seus novos papéis profissionais.¹⁵⁶

Ao final da guerra as mulheres foram obrigadas a retornar ao lar e desocupar um lugar que pertencia aos seus pais, maridos e irmãos. Para que essa transição ocorresse sem maiores transtornos, retomaram-se os discursos que reforçavam a importância da mulher no lar, alicerce da família e da sociedade como um todo¹⁵⁷.

Ainda segundo Rocha-Coutinho, as mudanças mais sentidas desse período em diante foi o fato das mulheres se casarem e tornarem-se mãe cada

¹⁵⁶ Idem, p. 44.

¹⁵⁷ Cf. ROCHA-COUTINHO, *A mulher do pós-guerra: mãe em horário integral*. Op. Cit.

vez mais cedo que nos anos anteriores. O ideal era que essa mulher tivessem seus primeiros filhos um ano logo após o casamento em diante e dedicar-se à boa manutenção de sua família.

Estas ideias, desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos, não tardaram a chegar ao Brasil, não apenas através de profissionais que davam novas formulações às velhas posturas e atitudes a respeito do papel da mulher e da importância da mãe na criação dos filhos, como também da imprensa, de livros, revistas e filmes.¹⁵⁸

Nesse intento, referindo-se aos ideais pressupostos às mulheres de classe média nos anos 50 através, entre outros meios, da imprensa, a escritora Carla Bassanezi afirma que: “herdeira de ideias antigas, mas sempre renovadas, de que as mulheres nascem para ser donas de casa, esposas e mães, saberia da importância atribuída ao casamento na vida de qualquer mulher”¹⁵⁹.

Na capital do Ceará, por exemplo, a imprensa vinculada a Igreja Católica na primeira metade do século XX, cumpre um papel fundamental na manutenção da ordem e dos ditos bons costume”. O jornal “O Nordeste” dissemina na região muitas das normas que deviam ser seguidas pelas mulheres, concomitante a idealização do feminino¹⁶⁰.

A mulher no lar: é um anjo da guarda da família, a mulher essencialmente cristã sobretudo a mulher que pertence as fileiras da ação católica [...]. A mulher na escola: como descreverei a mulher feita professora! Aí, neste pequeno mundo de criança, [...] ela incutiria seus ensinamentos pela ternura delicada em seus corações (das crianças). A mulher na sociedade: É aí que ela empreende almas diferentes, que vêm nos prazeres efêmeros da vida a verdadeira felicidade videnciavelmente preparadas “tornadas mais doce pela sensibilidade mais alta, pela ternura mais delicada do coração” que irá salvar esta humanidade transviada.¹⁶¹

¹⁵⁸ ROCHA-COUTINHO. Op. Cit., p. 98.

¹⁵⁹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 607.

¹⁶⁰ ARAÚJO, Erick Assis de. Conservadorismo e Desordem na cidade de Fortaleza (1940-45). Dissertação de Mestrado. UFPE, 1995.

¹⁶¹ Jornal “O Nordeste”, artigo “O Valor da Influência Feminina”, p. 3. 29/04/1942. Fortaleza-CE. Apud. ARAÚJO, Erick Assis de. Op. Cit.

Este jornal foi meio de veiculação de informações e um formador de opiniões para época. Como se vê, era explícito quanto a sua orientação política. Sua postura antimodernista, no sentido de combater as ideias de liberdade e igualdade pregados pelo comunismo, sobretudo em relações aos gêneros. Poderia ser encontrada na forma de alertas, repressões ou como se lê acima, na forma de valorização das características ditas femininas, sendo esta, uma estratégia muito eficaz para época.

O pesquisador Araújo, tratando da dinâmica social na cidade de Fortaleza na década de 1940, em especial as desordens, o controle e as resistências desse período, identifica nos artigos desse periódico católico, a reação a tudo que punha em risco a hegemonia dos grupos dominantes e da moral dominante.

Entenda-se que a capital do Ceará vivia desde fins do XIX, um controverso processo de modernização. De um lado sofria a influência do modelo Europeu de modernização urbana no campo econômico e sociocultural, o que ficou conhecido historicamente de *Belle Époque*. A cidade sofre uma reestruturação dos espaços públicos como a construção de praças e cafés. Na economia ganha destaque pelas importações e exportação de produtos.

Segundo o professor Ponte¹⁶², pesquisador desse fenômeno, na efervescência das mutações ocorridas em Fortaleza, os aspectos econômicos e da urbanização mostram que,

A capital do Ceará consolida-se como pólo econômico-social hegemônico da região na segunda metade do século XIX, a partir da grande exportação de algodão para o mercado externo (décadas de 1860-1870). As melhorias que se seguiram em seu porto, a implantação da estrada de ferros Fortaleza-Baturité (1873) e multiplicação de firmas estrangeiras concorreram para esse inédito crescimento comercial e para a constituição da cidade enquanto mercado de trabalho urbano [...] Daí em diante, a paisagem urbana foi se modificando, ganhando, enfim, seus primeiros sobrados, belas casas e fachadas, alguns imponentes prédios públicos, calçamento nas vias principais, bondes à tração animal e extensa rede de iluminação à gás carbônico. Lojas e Cafés com nomes

¹⁶² PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza *Belle Époque*: reformas urbanas e controle social (1860 - 1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

franceses, armazéns, oficinas e novos estabelecimentos comerciais ocuparam espaços nas ruas [...].¹⁶³

Retomando o trabalho do pesquisador Eric Araújo, estas transformações impulsionam a mobilização da Igreja fazendo frente aos novos ideários que se forjam nesse clima de modernização. Como já se viu através dos discursos do bispo Dom Aureliano Matos, esse enfrentamento e luta pela manutenção da moral e controle da influência das novidades foi marcante também em Limoeiro.

Por outro lado, essa modernização acentua outro aspecto latente na capital do Ceará naquele momento. A migração dos sertanejos para a capital, devido às condições pauperizadas ou de extrema miséria provocadas pela escassez de água, por epidemias mal assistidas ou pelo descontrole causado pelas cheias, a cidade sofre de um inchaço populacional ¹⁶⁴.

Numerosas medidas de segurança e controle social tiveram de ser pensadas e executadas na tentativa de manter a ordem. Nesse intento, conforme ocorre nas principais capitais do país, em fortaleza, comunga Igreja e estado, o último representado fortemente pelos médicos sanitistas e pela polícia.

[...] a existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido e civilizado, um movimentos considerável de discursos e práticas emergiu e procurou – sobretudo através de estratégicas medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas – ordenar seu espaço e disciplinar sua população. ¹⁶⁵

Conhecer estas contradições históricas na formação do Estado cearense faz-se necessário ao entendimento de como se constitui uma sociedade ansiosa por modernização, mas fortemente balizada em preceitos religiosos e marcada pela desigualdade entre seus habitantes.

Tornava-se imprescindível, nesse momento, pensar meios de conter, mas também de auxiliar essa massa de desajustados socialmente. Assim, nas

¹⁶³ Idem, p. 14-15.

¹⁶⁴ Cf. PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit.

¹⁶⁵ Idem, p. 13.

primeiras décadas do século XX, foram construídas diversas organizações de apoio aos necessitados, entre essas, asilos, dispensa dos pobres, escolas para menores pobres e moças pobres, etc.¹⁶⁶. Nesse esforço, estão juntos, Estado e Igreja Católica, supervisionando e auxiliando, mas também controlando e punindo. Os atores sociais encontrados nessa empreitada são, segundo Ponte:

[...] Igreja Católica Romana do Ceará e integradas por “senhoras de caridade”, médicos e grupos de intelectuais católicos da Capital, tais organizações, pela estreita aliança estabelecida entre sua ação beneficente e as práticas de assistência médica da medicina local, possibilitaram a transformação da filantropia de caráter caritativo (predominante nos meados do século XIX) em um novo modelo de assistencialismo: a filantropia higiênica.¹⁶⁷

Pensa-se que as transformações na perspectiva da caridade estão vinculadas ao contexto de redefinições de prioridades nas ações do governo. Mesmo o processo de laicização nos estados brasileiros transcorrer na dinâmica das mudanças e permanências, o governo passa a intervir com políticas públicas de higienização e tomar para si muitas das responsabilidades que antes ficavam a cargo das ações da Igreja.

Esse recuo histórico ajuda no entendimento do contexto o qual é tributário a formação de mulheres dessa pesquisa. Em Limoeiro do Norte, o processo de substituição da Igreja pelo estado, no que se refere às ações assistencialistas junto à população pauperizada, se deu mais lentamente. Perceba-se que até nas primeiras décadas de formação dos Clubes de Mães, o cenário é ocupado eminentemente pela presença da Igreja, seus agentes pastorais e movimentos de ação.

Não obstante, identificam-se na trajetória dos clubes as duas ideias de assistencialismo citados por Ponte, tanto a caritativa quanto a de higienização social, vigoravam nestas entidades. Todas elas, claro, pautadas na especificidade de um espaço reservado para mulheres-mães.

Assim, entre as ações marcantes dentro dos clubes nas décadas de 1960 e 1970, encontram-se cursos educativos, doações e construções para as

¹⁶⁶ Ibidem, p. 163.

¹⁶⁷ Idem.

famílias voltadas ao projeto de higienização. Não obstante, esse projeto também promove a manutenção das condições sociais e culturais, posto que não transforme a realidade efetivamente.

A Cáritas Diocesana de Limoeiro era uma das organizações responsáveis por parte das doações e do processo educativo dentro dos clubes. Documentos encontrados na instituição relatavam que no ano de 1972 ministrou-se para os Clubes de Mães das comunidades de Canafístula e São Raimundo um curso de “Orientações Domésticas”¹⁶⁸.

O referido curso oferecido pela Cáritas era dividido por aulas semanais abordando os seguintes temas:

- 1ª aula: A importância de uma boa alimentação - dividido em quatro grupos na corrente da boa alimentação: o primeiro grupo tratava dos leites e derivados; o segundo das hortaliças e frutas; o terceiro das carnes, ovos e leguminosas (principalmente os feijões); e, o quarto grupo dos açúcares, cereais e derivados.
- 2ª e 3ª aula: Leite e derivados.
- 4ª aula: Algumas receitas com alimentos de primeiro grau.
- 5ª e 6ª aula: Hortaliças e frutas.
- 7ª aula: Trata do terceiro grupo da corrente da boa alimentação.
- 8ª aula: Algumas receitas para você.
- 9ª aula: Grupo da corrente da boa alimentação.
- 10ª aula: Algumas receitas para você.
- 11ª e 12ª: revisão.
- 13ª e 14ª aula: Puericultura e Enfermagem.
- 15ª à 17ª aula: A alimentação do bebê.
- 18ª aula: Cuidados que se deve ter com o Bebê.
- 19ª à 21ª aula: Enfermagem – socorro de urgência.
- 22ª aula: Costura.
- 23ª e 24ª aula: Saneamento.
- 25ª e 26ª aula: Receitas de como fabricar sabonetes e fazer suco.

¹⁶⁸ Documentação referente aos cursos de “Orientações Domésticas”: Cáritas Diocesana, Limoeiro do Norte – CE. 1972.

- 27ª aula: Faça sua lata de lixo.
- 28ª aula: Como fazer desodorante.
- 29ª aula: como fazer Shampoo.
- 30ª aula: Encerramento.¹⁶⁹

Na problematização do conteúdo dos cursos, observa-se que as aulas trazem orientações voltadas ao cotidiano das mulheres-mães: receitas de alimentos, fabricação de utensílios para higiene pessoal, aulas de puericultura que instruem nos cuidados com os bebês e aquelas destinadas às receitas de alimentos – “leite com melado, pão de milho, angu de fubá, creme de leite cozido”. Além da proposta de ensinar procedimentos considerados adequados há ainda uma preocupação com a economia doméstica.

Analisando o documento, percebe-se que o curso é voltado em grande medida aos ensinamentos dos cuidados com os filhos – sua alimentação, higiene e saúde –, trazendo até os lembretes das vacinas para as crianças. Nessa parte é claramente reforçada a construção dos vínculos maternos com o bebê. No início das aulas sobre puericultura e enfermagem o conteúdo traz o seguinte texto:

Uma coisa que se faz sempre com prazer é cuidar de crianças. Porém, quando temos conhecimento de todos os cuidados que devemos ter ao tratarmos com crianças, muitas vezes nos apavoramos e não raras vezes desistimos e entregamos as crianças a outras pessoas como avó, empregadas e babás para não termos preocupações. Mas, todos que cuidam de crianças devem ter um mínimo de conhecimentos acerca do tratamento que deverá proporcionar as mesmas. A alimentação e a higiene estão sempre na linha mestra desses conhecimentos.¹⁷⁰

A proposta embutida nesse discurso é de chamar atenção das mulheres para importâncias do seu papel de mãe, mas que seja uma mãe devidamente orientada e atenta aos cuidados necessários com as crianças.

¹⁶⁹ Documentação referente ao plano e conteúdo das aulas do curso de Orientação Doméstica ministrado pelos facilitadores da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte-CE no ano de 1972. Este documento também foi utilizado em partes, nas análises da Monografia de Graduação: RODRIGUES, Maria da Conceição Silva. Op. Cit.

¹⁷⁰ Idem.

Os discursos em torno dos cuidados com as crianças ganha grande expressividade com a ideologia da sociedade higienizada e civilizada através dessa perspectiva educacional, ou seja, cursos e palestras voltadas ao tema de modo acessível a todas as camadas sociais.

Conforme possibilita pensar a pesquisadora Brites, as temáticas – infância, higiene e saúde –, também foram alvos da propaganda publicitária desde fins do século XIX, mas marcadamente na primeira metade do século XX, quando a preocupação com esses temas tomam uma proporção nacional, que os meios de comunicação tornam-se um forte aliado na campanha higienizadora e modernizadora ¹⁷¹.

Um aspecto interessante na análise de Brites é pensar como, dentro dessa nova perspectiva, os saberes que estão fora do circuito científico sofrem com a depreciação:

A presença de médicos como personalidades públicas em propaganda se relacionou com o fortalecimento de sua atuação na cena social, tanto cuidando de corpos como atingindo mesmo o universo das almas, afastando (ou, ao menos, dividindo vantajosamente a cena com) benzedores, curandeiros, padres ¹⁷².

Nesse aspecto, os cursos de orientação doméstica, que são ministrados pela Cáritas Diocesana, um dos órgãos mais representativos da Igreja Católica, não se atreve a colocar os preceitos religiosos a frente das orientações do aparato médico-higienista.

Ainda segundo Brites, a propagandas intencionavam construir uma imagem da criança ideal,

Ao elaborar a imagem do futuro cidadão como saudável, forte e robusto, tentava-se romper com um presente vivido principalmente pelas crianças pobres, em especial o da fragilidade e da ausência de higiene e sucesso, destruindo uma imagem que não se queria cristalizar como memória ¹⁷³.

¹⁷¹ BRITES, Olga. Infância, higiene e propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). In. Revista Brasileira de História. Vol. 20, nº 39, 2000.

¹⁷² Idem, p. 254.

¹⁷³ Ibidem.

Esta propaganda, aliada as ideias supracitadas, buscava atingir a todas as camadas sociais, mas, sobretudo, tentava cristalizar as imagens de uma criança saudável e bem cuidada, como essa fosse uma norma em todos os âmbitos da sociedade, tentando assim, homogeneizá-la.

Ainda no que se refere ao conteúdo dos cursos de orientação doméstica, esse possibilita inferir acerca da realidade socioeconômica das mães integrantes dos Clubes de Mães, bem como o desenvolvimento dos ideais de higienização desejados para essas mulheres e suas famílias.

Permitem também, mais uma vez refletir sobre as reais mudanças que essa educação proporciona. Uma educação que ensina a conviver com as possibilidades que se tinham e até reinventá-las, mas não de se transformar efetivamente nem a condição histórica e cultural de mulher-mãe-educadora-enfermeira ¹⁷⁴, nem a condição social de pobreza das famílias atendidas.

Pode-se pensar aqui, a perspectiva assistencialista embutida nesse tipo de orientação; para tanto é preciso problematizar o próprio conceito de assistencialismo. Segundo o pesquisador e cientista social Norberto Alayón:

O assistencialismo é uma das atividades sociais que historicamente as classes dominantes implementaram para reduzir minimamente a miséria que geram e para perpetuar o sistema de exploração. Essa atividade foi e é realizada com matizes e particularidades, em consonância com os respectivos períodos históricos, em nível oficial e privado, por leigos e religiosos. A sua essência foi sempre a mesma (à margem da vontade dos “agentes” intervenientes): oferecer algum alívio para relativizar e travar o conflito, para garantir a preservação de privilégios em mãos de uns poucos. ¹⁷⁵

Entende-se que as diversas ações desenvolvidas nos Clubes de Mães espalhados pelo país no período analisado, estão permeadas da lógica assistencialista referida por Alayón. O conteúdo dos cursos de Orientação Doméstica é significativo para essa conclusão. O estímulo central é para criar paliativos que supram as necessidades mais imediatas no que se refere a alimentação e saúde da família, em especial a dos bebês.

¹⁷⁴ Cf. ROCHA-COUTINHO. Op. Cit. 1994.

¹⁷⁵ ALAYÓN, Norberto. Assistência e assistencialismo: controle dos pobres ou erradicação da pobreza? Editora Cortez, 1992, p. 13.

Observe-se que a crítica aqui realizada também leva em consideração a importância da participação das mulheres nessas aulas, pois possibilitam o acesso ao conhecimento e mudanças salutaras no cotidiano delas e de suas famílias. Não obstante, para a história social é imprescindível apontar o contexto em que essas ações estão inseridas e como elas não objetivavam transformar e sim atenuar.

A própria Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, assume em discurso oficial presente em seu histórico ¹⁷⁶, que nesse período, até o ano de 1973, as ações continham uma perspectiva assistencialista, seguidas de uma fase promocional e atualmente uma orientação transformadora. No texto, os Clubes de Mães são incluídos na fase promocional, mas o que se constatou através das entrevistas e comprovadamente pela data dos cursos foi que as ações dessa organização da Igreja junto aos clubes, se iniciam num primeiro momento dentro de uma perspectiva assistencialista.

As ações assistencialistas junto aos clubes não é monopólio da Igreja Católica tendo em vista o trabalho da LBA, por exemplo, mas não se perca de vista que a Igreja objetivava, através dessas ações, a manutenção de seus fieis e a disseminação de seus dogmas.

2.1 A Igreja Católica e a Educação para mulheres nos Clubes de Mães.

A relação próxima e de intervenção, entre a Igreja Católica e a instituição família foi construída historicamente. Segundo Riolando Azzi, esta relação é tão marcante que, “durante toda a primeira metade do século XX, a Igreja colocou a preservação dos valores morais da família como uma de suas metas prioritárias” ¹⁷⁷.

Assim, durante toda a primeira metade do século XX, até fins dos anos de 1960, ante o contexto de modernização social e, conseqüentemente, um processo de perda dos valores disseminados pela moral cristã, a Igreja

¹⁷⁶ Cf. Apresentação do histórico cedido pela Cáritas de Limoeiro do Norte, na página 49 deste texto.

¹⁷⁷ AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In. Família, Mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil. MARCILIO, Maria Luiza(org.). São Paulo: Loyola. 1993, p. 111.

Católica busca através, sobretudo da educação religiosa feminina, com os colégios femininos e associações religiosas, implantar sua moral nos corpos e mentes das mulheres.

Um dos importantes instrumentos utilizados nessa época para manter as jovens e senhoras dentro dos padrões religiosos e morais desejados pela instituição eclesiástica foi a difusão de associações religiosas. Dessa forma, na maior parte das paróquias foram estabelecidas as associações das Filhas de Maria e do Apostolado da Oração.¹⁷⁸

Tendo em vista os Clubes de Mães surgirem nesse mesmo contexto histórico, pode-se entender que os mesmos desempenharam um importante papel na instrução das mulheres, e frente à necessidade de frear a disseminação, no seio das famílias, dos ditos valores modernos.

Para Dom Aureliano Matos, o primeiro bispo de Limoeiro do Norte e quiçá de toda região Jaguaribana, era fundamental direcionar seus discursos àqueles considerados mais vulneráveis às perdições mundanas, ou seja, crianças, jovens e centralmente às mulheres, sendo estas responsáveis, na maioria das vezes, pela educação dos outros grupos citados.

O historiador Durval Muniz, pensando a construção dos papéis para homens e mulheres no Nordeste brasileiro, indica que, “ao mesmo tempo em que se oferece, principalmente no novo mundo urbano, a possibilidade ao indivíduo, de produzir novas figuras de gênero, sobre ele se abate uma maior vigilância, uma maior disciplina”¹⁷⁹.

Assim, Dom Aureliano, mesmo preocupado com a evolução e modernização do município, prioriza reforçar em seus discursos a manutenção da moral que condiciona homens e mulheres aos seus lugares historicamente construídos.

Entende-se que a função de educadora foi herdada historicamente pelas mulheres. Esta herança é carregada de preceitos moralizadores e constroem um lugar social para estas mulheres. Enquanto responsáveis pela manutenção da ordem e dos bons costumes, elas devem ocupar os espaços privados, os

¹⁷⁸ Idem, p. 115.

¹⁷⁹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Op. Cit., p 251.

espaços públicos até lhes podem ser concedidos se estiverem ligados ao lar e a família, a exemplo dos clubes.

Não há registros de que Dom Aureliano tenha participado da inauguração ou incentivo a criação dos Clubes de Mães, inclusive, o referido bispo morre no mesmo ano da inauguração de um clube fora dos muros do colégio Patronato – 1967. Isso não significa, contudo, que seus discursos e ações não estejam diretamente vinculados ao surgimento dessa organização no município.

O Colégio Patronato, onde fundaram o primeiro clube de que se tem notícia, coordenado por freiras, direcionava sua atenção para a formação profissional e moral das moças da cidade. Segundo Machado, “diferente da Escola Normal, a maioria da juventude feminina que foi estudar no Patronato não era filha de grandes proprietários, mas, moças pobres que também buscavam instrução”¹⁸⁰.

Além da instrução, o diferencial dessa instituição de ensino é dar atenção e ser vinculada a condição social das moças que o frequentava – moças pobres –, bem como ser um espaço para inserção de entidades eminentemente para mulheres-mães pobres – os Clubes de Mães –, como de fato veio a ser.

Esta educação para os pobres, onde os clubes estão inseridos, é permeada de uma moral onde as atividades realizadas e as instruções recebidas não excedem os limites de sua condição de dona de casa e mãe pobre, balizado em assistencialismos.

Historicamente, a educação para mulheres é uma preocupação central para a Igreja Católica posto o entendimento da necessidade de construí-las para formar a própria sociedade, uma vez que as mulheres foram sendo imbuídas do papel de primeira educadora.

Nesse sentido, são emblemáticas as matérias do periódico da capital do Ceará vinculado a Igreja – O Nordeste. A matéria comemora a conclusão de um curso de orientações e prendas domésticas, realizado na cidade de Fortaleza em meados dos anos de 1940.

¹⁸⁰ MACHADO, José Wellington de Oliveira. Op. Cit., p. 62.

Tivemos o ensejo de concluir que a educação meramente intelectual não seria suficiente. Reconhecemos esta verdade e avaliamos os inconvenientes que advirão para a jovem que se ilustra, mas não aprende a ser esposa e a cultivar a mais feminina das artes: a arte da culinária.¹⁸¹

Ou seja, na concepção da Igreja e da sociedade da época, de pouco importa a educação meramente intelectual quando os reais atributos das mulheres encontram-se nas suas funções de mãe, esposa e dona de casa.

Na crítica ao discurso da Igreja em torno das funções sociais das mulheres, não se pode perder de vista que esses desígnios foram incorporados aos discursos femininos em defesa de seu espaço de atuação e sua valorização social.

Bem como, não se perca de vista que fazer parte de uma entidade que ajudasse no aprimoramento de seus afazeres no lar, nos cuidados com as crianças, incluindo a ajuda na autoestima e na ajuda às necessidades básicas como preparar um enxoval para seus bebês, deve fazer uma diferença relevante para os sujeitos envolvidos nessa formação.

Assim, busca-se entender a partir dos fazeres cotidiano dentro dos clubes, as motivações que levaram ao longo de mais de quatro décadas, as mulheres a participar dessa formação.

2.2 O Clube de Mães ensinando “tudo que a mulher precisa saber”¹⁸².

Entender a dinâmica dos Clubes de Mães, passa pela compreensão da lógica embutida nas atividades lá realizadas e como as mulheres participantes pensam essas atividades.

Para o sociólogo Eder Sader, pesquisar o que acontecia no cotidiano das reuniões nos Clubes de Mães da periferia paulistana é revelador da construção histórica em torno do universo dito feminino, mas também como

¹⁸¹ Jornal o Nordeste, artigo “O mundo da Mulher”, p. 4, 10/05/1940. Fortaleza-CE. Apud. ARAÚJO, Erick Assis de. Op. Cit., p. 125.

¹⁸² “Tudo que uma mulher precisa saber” foi uma frase proferida pela Sra. Jovelina, ex-sócia do Clube de Mães Eunice Mendes da comunidade de Arraial em uma conversa informal e não gravada, quando a mesma referia-se ao papel dos clubes nas comunidades. Segundo ela, o tudo que uma mulher precisa saber, o clube de mães ensina.

essas mulheres se apropriam desse discurso e o usa como uma forma de se autoafirmarem dentro e através dele.

As reuniões costumavam ser divididas em “dois tempos”. Na primeira metade, as mulheres faziam trabalhos manuais e costuravam. Os trabalhos manuais consistiam, em geral, em costura, bordado, tricô, crochê, mas também poderiam ser outras formas de artesanato. [...].

Essa atividade servia também como aprendizado para as novatas. Enquanto faziam esses trabalhos, elas falavam de suas vidas, seus problemas, sonhos, ou, muito concretamente, trocavam receitas e ou sugestões para suas compras ou atividades domésticas.

Para várias delas, com o tempo, essa parte de trabalhos manuais perdia o interesse, e em diversos clubes ela era reduzida ao mínimo. Mas em geral essas atividades eram mantidas, seja porque constituíam o modo pelo qual as novatas poderiam se incorporar mais facilmente, seja porque conformavam uma rotina que mantinha a sociabilidade entre elas. A importância dessa parte está no fato de retomar atividades habituais, tradicionalmente vinculadas aos papéis femininos, e dar-lhes um caráter coletivo, além de valorizar o trabalho feminino.¹⁸³

O cotidiano das reuniões nos clubes em Limoeiro é muito semelhante em todos os aspectos e na fala da jovem senhora, Gilvania, ao narrar sua iniciação no clube, também se pode perceber os processos referidos por Sader.

Primeiro eu comecei aprendendo... Assim que eu cheguei, eu não sabia nada, né? Quando a pessoa entra que não sabe, começa logo pelos tapetes de tiras. Começa cortando tiras, aí num tem o que saber, né? Aí depois eu já passei pro crochê e já peguei bordado e agora tô aqui nesses tapetes aqui de lã. Esse aqui eu tô gostando. A gente faz, faz e com o tempo enjoe aí já pega outra coisa.¹⁸⁴

Mesmo perdendo o gosto por algumas atividades com o passar do tempo, Gilvania, bem como as mulheres analisadas por Sader, não as deixam de realizá-las. Essas atividades possuem um significado simbólico, mas também concreto. É emblemático para o impulso das sociabilidades que esses

¹⁸³ SADER, Op. Cit., p. 207.

¹⁸⁴ Gilvania Maria Galvão Nonato. Entrevista realizada pela autora em janeiro de 2006, na localidade de Arraial, Limoeiro do Norte-CE.

trabalhos continuem sendo realizados, bem como, os mesmo são uma fonte de renda para a manutenção dos clubes.

Em conversa informal com uma das sócias do Clube de Mães Eunice Mendes, ela afirma serem, os trabalhos realizados e ensinados às mais jovens como corte e costura, bordar, pregar um botão, tudo que uma mulher precisa saber. Sendo assim, um dos elementos que parece mantê-las neste espaço é também o sentido de mundo e de condição feminina impregnada nas atividades realizadas nesse espaço.

Sra. Claudina, uma das sócias mais antigas do Clube da comunidade de Arraial, reconstrói suas memórias do passado de modo nostálgico como tendo sido “aquele tempo”, o tempo dos primeiros anos de formação, de mais aprendizado e proveito, sobretudo no que se refere aos trabalhos coletivos.

Hoje em dia, essas muié que tem criança, ela num sabe nem [...] Num sabe bordar nem nada não. Sabe por quê? Porque elas vão lá naquele dia da reunião, vão lá receber aquele pano. O clube compra aquele pano pra entregar àquela muié grávida, aí ela num coisa [...]. Eu digo mesmo! Era pra fazer era ensinar. Taí o pano! Toma essa fralda aqui, essa camisinha e vocês vão bordar a camisinha, como desde que a gente começou que faz assim. Hoje em dia o povo num borda mais nada não. Num tem quem saiba de nada não. É pegar e pronto, vai só receber ¹⁸⁵.

A nostalgia carregada de críticas ao presente é um sentimento recorrente no trabalho com oralidade e memória. É como se para Sra. Claudina o sentido maior de participar do clube, a prática dos trabalhos manuais, tivesse se perdido com o processo de modernização da sociedade. Não havendo mais a necessidade da preparação manual do enxoval durante a gravidez, uma vez que se pode comprá-lo e distribuí-lo com as mulheres da comunidade nas festas de Dia das Mães e Natal, estaria desviando as mulheres do aprendizado coletivo de suas funções principais.

Tem gente que num é nem sócia [...]. Nós intreguemo agora, um tempo desse, acho que foi em dezembro, recebêro [...] um bucado de gente veio receber. Eu sei que agora em maio já tem treze grávida pra receber.

¹⁸⁵ Maria Claudina de Araújo. Entrevista realizada pela autora em abril de 2006, na localidade de Arraial, Limoeiro do Norte, CE.

Mas, num bota pra fazer não, só é receber e sair devagazim. Tem a madrinha aí recebe aquele presentim e pronto. Num aprende nada. Preguiça! Preguiça! Tem preguiça [...] Eu não! Naquele tempo, recebia aquelas camisinha e passava os nove meiz [...]. Mudou! Mudou muito.¹⁸⁶

Sra. Claudina sente-se contrariada com as novas orientações do seu clube, onde as mulheres beneficiadas com os enxovais não têm de se empenhar em aprender, o que para ela é papel de uma mulher-mãe; ela não entende como uma perspectiva de facilidade na obtenção dos materiais e sim como preguiça por parte das mulheres. Para Sra. Claudina, a atribuição do clube ainda deveria ser a de estimular as mulheres grávidas a construírem seus próprios enxovais exercitando assim sua feminilidade.

Nessa perspectiva observa-se um campo de tensões no que se refere à valorização de determinadas experiências. O conflito poder estar perpassado pela questão geracional, mas mais que isso: por uma leitura de mundo que valoriza determinadas vivências em detrimento de outras.

Compreendendo também a natureza simbólica destes trabalhos manuais para as mulheres, entende-se o fato de, ao se apropriarem dessa leitura de mundo, elas tomam os trabalhos manuais realizados nos clubes como uma forma de autoafirmação enquanto mulher, a partir da perspectiva de mulher ideal.

Desse debate emergem questões importantes ao entendimento da dinâmica cotidiana das mulheres nos clubes. Entender, por exemplo, que a construção das identidades e da autoafirmação é fortemente marcada pela vontade de pertença a um grupo, de uma identificação com algo maior.

Assim, as mulheres envolvidas nessa formação, não seriam mais apenas mulheres-mães de comunidades rurais ou periferias, elas seriam agora mulheres pertencentes a uma organização que ajuda no desenvolvimento de suas comunidades, bem como de um lugar onde socializar e tornar valorizado os seus trabalhos artesanais.

A “identidade feminina”, longe de ser natural, é, antes, construída a partir de um discurso social que visa atender e se

¹⁸⁶ Idem.

adequar às necessidades e mitos de uma sociedade determinada em um momento histórico específico. Tal discurso tem desempenhado um importante papel na construção da subjetividade das mulheres e, conseqüentemente, tem servido para mantê-las na posição de subordinação em que há muito se encontram.¹⁸⁷

Pensando as subjetividades enquanto construção histórica a partir de discursos que objetivam engessar as relações sociais de forma hierárquica, compreende-se ser, o ideal de universo feminino e natureza feminina, uma invenção e não um dado natural.

Neste intento, quando se pensa serem os trabalhos artesanais realizados nos Clubes de Mães, tudo que uma mulher precisa saber, na verdade trata-se do que, a partir de um dado momento histórico disseminou-se que deveria ser todo o necessário a um indivíduo saber para ser uma mulher de fato.

Entende-se, portanto, o porquê de cursos de orientações doméstica, onde, encontram-se as mulheres-mães recebendo instruções de como cuidar de seu filho com aulas de puericultura, enfermagem e alimentação do bebê, com o objetivo claro de preparar essas mulheres para exercerem seu papel familiar e social.

Problematizando, contudo, o conteúdo desses cursos e dessa educação para mulheres, pode-se questionar as características inatas que supostamente tornariam, automaticamente, as mulheres habilitadas a cuidar da casa e da família, uma vez que as mesmas necessitam passar, ao longo da vida por tantos treinamentos.

Compreende-se ainda que esse processo educativo vá se modificando com passar dos tempos de acordo com as necessidades de cada época. Assim, estabelecer o modelo de feminino, educar mulheres, formar mães ideais, também é uma construção sociocultural de acordo com as necessidades de cada momento histórico.

E entenda-se, entretanto, que a ordem social da qual se é tributário em qualquer momento histórico, só é realizada efetivamente e se mantém por

¹⁸⁷ ROCHA-COUTINHO, Op. Cit., p. 48.

razão dos sujeitos que a compõe aceitarem-se e transformarem-se dentro de cada, como diz Rocha-Coutinho, sentido de mundo.

Para Sra. Aureliza o trabalho realizado nos clubes eram um misto de sacrifício e gratificação. A mesma também tece comparações entre passado e presente na organização dessa entidade, enxergando no passado a vantagem da relação ensino e aprendizagem que constituíam um sentido de mundo para as envolvidas no processo.

É um trabalho muito importante. Era muito sacrifício, fazia aqueles enxovais pra criança, né? Era muito bom aquilo ali, cada mulher gestante ganhava aquele kit com o cueirinho, camisinha, fraldinha. Hoje em dia a criança só usa fralda descartável, no nosso tempo num era, era de pano, tudo dobradinho, arrumadinho, cheirozinho a alfazema, né? Cada mãe fazia suas fraldinhas, suas camisinhas. Ganhava quem ia fazer, ela tava lá fazendo, tinha o bordado, quem não sabia bordar a outra ensinava.¹⁸⁸

Sra. Aureliza possibilita pensar a perspectiva de uma educação que não partiria somente de fora para dentro com os cursos oferecidos pela Igreja e organizações afins, mas também um processo interno que vai de sócia para sócia, das mais velhas às mais jovens. Dentro dessa dinâmica reforçam-se as sociabilidades dessas mulheres, mas também dita identidade feminina.

2.3 Os Clubes de Mães e o mundo do trabalho.

Mesmo reconhecendo a importância para as comunidades e periferias da cidade de Limoeiro do Norte a presença dos Clubes de Mães, tendo em vista sua perspectiva educacional e de amparo às famílias mais necessitadas da cidade, ainda sim, entende-se também serem espaços que não só não superaram o papel estigmatizado das mulheres como também o reforça.

Não obstante, esses estigmas e reforços não se dão sem conflitos e é na esfera do trabalho que se podem encontrar alguns modos de resistências cotidianas das mulheres que constituem há décadas a experiência dos Clubes de Mães.

¹⁸⁸ Aureliza Bessa. Op. Cit.

A temática do trabalho está indissociável da trajetória dessa formação de mulheres no interior do Ceará, bem como do cotidiano das mesmas. Por motivo de viverem em comunidades rurais ou nas periferias da cidade, a vida dessas mulheres não pode ser pensada distante das lidas diárias. Como elas percebem os trabalhos que realizam o que entendem por trabalho e como se pensam nesse universo são as questões centrais aqui.

Desenvolver a temática das mulheres e do mundo do trabalho é antes de tudo, um exercício de trazer à sena sujeitos históricos que por longo tempo foram relegados ao esquecimento ou aparições eventuais ¹⁸⁹.

Nesse diapasão, a historiadora Michelle Perrot, alerta para as produções que emergem de preocupações com as sociabilidades nos espaços públicos, ressaltando assim as experiências dos sujeitos que eminentemente os ocupa onde, segundo ela, “a classe recalca a família, como a produção, identificada com o único produto físico, oculta o doméstico e o operário – metalúrgico, mineiro, da construção civil – suplanta a dona de casa no simbolismo do fazer” ¹⁹⁰.

As discussões desenvolvidas pela historiadora estão no bojo da crítica aos conceitos duais – Masculino e Feminino; Público e Privado; Produção e Reprodução, etc. – que permeiam as análises em torno do que se constituiu historicamente para alocar as mulheres e delegar-lhe papéis.

Considerando, pois, com a devida importância os trabalhadores que estão no campo e na cidade que não se encaixam na categoria de operários, mas que trazem consigo experiências de formações e organizações de grande relevância a produção histórica.

Desse modo, tem-se tentado somar à historiografia, a preocupação com as mulheres na esfera do trabalho, seja este realizado no espaço público ou privado. Contudo, as inquietações mais recentes, por assim dizer, lançam problemáticas sobre o universo do trabalho doméstico.

Historicamente as mulheres tem sido responsáveis pela realização desse trabalho, sem que haja qualquer preocupação com a remuneração do

¹⁸⁹ PERROT, Michelle. História (sexuação da)*. In. Dicionário Crítico do Feminismo/ Helena Hirata... [et al]. (orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 112.

¹⁹⁰ Idem, p. 113.

mesmo, para tanto, constituiu-se uma dinâmica psicossocial de que as mulheres o realizam por sua condição de mulheres-mães-esposas ¹⁹¹.

Como pontua a socióloga Hirata, o esforço “atual” é de “reconceituação do trabalho” para incluir, o trabalho não assalariado, não remunerado, não mercantil e informal. Estas novas demandas possibilitaram compreender que, trabalho profissional e trabalho doméstico, produção e reprodução, assalariamento e família, classe social e sexo social são considerados categorias indissociáveis ¹⁹².

Destarte, os trabalhos realizados pelas mulheres desta pesquisa, devem ser entendidos para além das categorias construídas em torno das atividades produtivas que divide os sujeitos em proletários e não-proletários e que engessa o conceito de trabalho.

As mulheres aqui referidas sempre trabalharam. Seja antes do casamento, com os pais e irmãos nos roçados ou ajudando as mães nos serviços da casa e na criação dos irmãos. Depois, em suas próprias casas ou em de terceiros com afazeres domésticos, ou ajudando seus maridos em pequenas vendas ou em qualquer outra atividade responsável pelo sustento da família.

Conforme possibilita entender a pesquisadora Falci, quando analisa as mulheres pobres do sertão nordestino do século XIX, compreende-se que historicamente estas possuem vivências marcadas por um cotidiano de trabalho que independe de sua condição feminina, posto realizar até mesmo aqueles afazeres ditos masculinos:

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher. ¹⁹³

¹⁹¹ Cf. HIRATA, Helena Sumiko. Trabalho doméstico: uma servidão “voluntária”? In.: Políticas públicas e igualdade de gênero / Tatau Godinho (org.). Maria Lúcia da Silveira (org.). – São Paulo: Coordenadoria Especial da mulher, 2004.

¹⁹² HIRATA, Helena Sumiko. Op. Cit. 2009, p. 254.

¹⁹³ FALCI, Miridan Knox. Mulher do Sertão Nordestino. In. História das Mulheres no Brasil – Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (Coord. De textos) 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004, p. 250.

Tais assertivas possibilitam, entre outras coisas, problematizar e deslocar as mulheres do estereótipo da suposta fragilidade e inabilidade aos trabalhos que exigem forças físicas e entender que tais características não são naturais e sim construídas, sócio culturalmente.

Em sua narrativa, Sra. Maria do Carmo, rememora sua lida diária para conseguir sustentar a família, com ou sem o marido, juntamente com suas filhas:

Trabalhava... Apanhava feijão, plantava umas coisinha, lavava roupa. Até chegar alguma coisa do governo (risos). ... Era sofrimento muito, avé Maria! Só sabe a gente. Era eu e as minhas fias, tudo trabaiano no cercado. ... Tinha um terrenozim que a gente arrumamava, né? Aí nois prantava aquele poquim, aí apanhava aquele poquim pra ganhar, né? Feijão, algodão... . As vezes se levantava três horas da madrugada pra apanhar algodão, pra ganhar aquele bucado, né? ¹⁹⁴

Levantar-se às três horas da madrugada para apanhar algodão diz mais do que ela mesma pode rememorar ou traduzir em palavras. Acordar tão cedo implicava preparar comida e organizar minimamente a casa e os afazeres domésticos antes de sair para o trabalho na plantação.

Mesmo sob jornada de trabalho público igual a dos companheiros, os afazeres no espaço privado historicamente tem ficado a cabo das mulheres. O trabalho doméstico deve ser realizado “por amor” e “doação voluntária” ¹⁹⁵ em razão da maternagem e da vinculação do feminino com o lar.

Como contabilizar ou tornar de direito os custos de um trabalho que se realiza mediado por tais sentimentos? Esta tem sido uma das principais preocupações dos cientistas sócios que analisam a relação das categorias gênero e trabalho.

A gratuidade do trabalho das mulheres no âmbito familiar deve, portanto, ser historicizado para que se possa sair do campo do natural e o percebermos como elemento de dominação e subjugação social.

¹⁹⁴ Maria do Carmo de Jesus. Entrevista realizada pela autora em abril de 2006, na localidade de Arraial, Limoeiro do Norte, CE.

¹⁹⁵ Cf. HIRATA, Helena Sumiko. Op. Cit. 2004.

Sabe-se que nessa seara a categoria de gênero, supracitada, implica também no entendimento da construção do modelo de masculinidade, onde os homens são orientados desde cedo a desenvolverem atividades na esfera pública dispensando-os dos afazeres domésticos. Interessa, contudo, entender como, em contrapartida, as mulheres são condicionadas a realizá-los, sofrendo assim de uma sobrecarga de trabalho ou se utilizando da mão-de-obra de outras mulheres para efetuá-los.

O pesquisador Fougereyrollas-Schwebel diz que Cristine Delphy, numa das primeiras publicações feministas na França, considera que o trabalho doméstico determina a condição de todas as mulheres. Reafirma o autor que “poucas mulheres, qualquer que seja a sua condição social, escapam do trabalho doméstico”.¹⁹⁶

Não obstante, considere-se que as mulheres em condições econômicas desfavorecidas, se precisarem trabalhar como doméstica em subempregos, dispensando assim, aquelas de condições mais favoráveis dessas atividades, terá que realizá-las também em seu próprio lar, implicando numa rotina de dupla jornada de um trabalho, desvalorizado socialmente.

O trabalho doméstico está imbricado à condição de vida das mulheres dos clubes, pois em geral trata-se aqui de donas de casa que não possuem recursos financeiros que possibilitem repassar suas atribuições do lar a outras mulheres.

Esta atividade está calcada nas tradições passadas oralmente de mãe para filhas, onde, desde a infância as meninas aprendem que devem cuidar de seus irmãos e ajudar as mães nos afazeres do lar.

O trabalho feminino tem ainda outro aspecto, em contraponto aos afazeres doméstico, se forem realizados na esfera pública tendem a ser a extensão dos atributos empregados ao papel das mulheres, pois, como diz Rocha-Coutinho,

Nas profissões assistenciais e educacionais (como professora de crianças e enfermeira, por exemplo), consideradas profissionais femininas exatamente por exatamente por

¹⁹⁶ Idem, p. 257.

estarem ligadas, em essência, ao papel de mãe substituta ou de responsável pelo bem-estar dos seres humanos.¹⁹⁷

Essas modalidades de trabalho para as mulheres seriam, portanto, mais aceitas ou menos recriminadas. O problema não está na natureza das referidas atividades, sendo estas, fundamentais à sociedade. O desafio, entretanto, reside em superar o estereótipo de serem trabalhos vinculados somente ao universo feminino, o que inclusive exclui e emprega outros estereótipos aos homens os queiram exercer.

2.4 O Trabalho e o Não-Trabalho.

O entendimento da divisão social do trabalho nas relações de gênero, em especial, a cerca dos trabalhos ditos femininos, indica a necessidade de compreensão das atividades vividas na esfera privada, que por sua vez trazem uma carga histórica de desvalorização. Uma vez naturalizado que na sociedade capitalista as tarefas realizadas no espaço público teriam mais prestígio social, os trabalhos relegados às mulheres ganharam um *status* de não-trabalho.

A pesar destas atividades serem um trabalho social, na medida em que satisfazem uma necessidade da sociedade – a reprodução presente e futura da força de trabalho –, elas estão organizadas de maneira individual e privada, o que permite que se lhes atribua um caráter de não trabalho.¹⁹⁸

No que tange a perspectiva do não trabalho, a pesquisa deparou-se com narrativas de conflitos familiares a cerca das atividades realizadas no espaço dos Clubes de Mães por serem realizadas fora do espaço da casa, mesmo sendo este um lugar da extensão do ambiente feminino, tal como se constituiu como já propunha Eder Sader¹⁹⁹.

Por exemplo, o companheiro de Sra. Ducarmo, Sr. Zé Moreno, não considera o trabalho dela no clube como um trabalho de fato. Quando se

¹⁹⁷ ROCHA-COUTINHO. Op. Cit., p. 32.

¹⁹⁸ Idem, p. 32-33

¹⁹⁹ SADER, Eder. Op. Cit.

pergunta a mesma, o que ele pensa de sua participação no Clube de Mães, em resposta de imediato ela diz: “ - Ah!... ele... se ele pudesse eu já tinha saído”²⁰⁰.

Ao questionar o motivo, ela responde de forma a por em primeira ordem a sua própria justificativa: “ - Num sei por que é não, por que eu não sabia fazer tapete, num sabia fazer nada, agora já sei fazer tudo no mundo. Pois é muié, mió do que tá parada”. E, segundo ela o dialogo se dá da seguinte forma: “ – Já vai pra onde?” [pergunta ele], “ – Ora! Vou pro meu trabaio” [responde ela], “ – vai só andá” [replica ele], “ – Vou não, vou trabaia” [Insiste ela], “ – Olha o movimento!” [encerra ele].

Assim, o que para Sra. Ducarmo é um trabalho, não é pensado da mesma forma por seu marido, que compreende, não só como um não-trabalho, mas também como uma forma de distanciar a esposa de suas reais atribuições com a casa, com os filhos, com ele próprio e no fim de tudo a preocupação com sua imagem enquanto mulher casada, posto em sua advertência final: “ - Olha o movimento!”.

A historiadora Rachel Soihet²⁰¹, em seu artigo intitulado “História das Mulheres”, trata das temáticas mulheres e trabalho e diz que essa perspectiva de não-trabalho foi também assimilada pelas mulheres ao longo dos séculos.

Referindo-se as mulheres do XIX, a autora diz que mesmo ganhando a vida realizando diversos trabalhos, estas “introjetavam a visão dominante e não reconheciam suas atividades como trabalho, mesmo quando recebiam remuneração”. Segundo Soihet, “pesquisadores descobriram que muitas dessas mulheres respondiam aos censos que não trabalhavam”²⁰².

Esse ideário possuía reminiscências no século XX e XXI, entretanto, dizer isso tem por objetivo, não somente perceber que as mulheres de fato trabalhavam e ainda o fazem, é antes, entender como se construiu o discurso do não-trabalho feminino. Para Soihet,

Tais crenças de que as mulheres não trabalhavam, ou que o trabalho pesado não era próprio do sexo feminino, foram próprias do período vitoriano, momento de supervalorização da

²⁰⁰ Maria do Carmo. Op. Cit.

²⁰¹ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.

²⁰² Idem, p. 285-286.

esfera pública. Pautavam-se tais estereótipos na invisibilidade atribuída ao trabalho doméstico e ao cuidado com as crianças, que apareciam como algo instintivo e emanado do amor.²⁰³

De modo geral as tais crenças não foram superadas. Conforme as análises da socióloga Helena Hirata, já citadas, percebe-se que a condição de desigualdade entre os sexos na realização do trabalho, em especial o doméstico, mediado pelas relações afetivas que ligam irremediavelmente as mulheres ao lar e à dupla jornada de trabalho, ainda não foi superada.

Entretanto, como já se observa na fala de Sra. Ducarmo, o que parece estar em processo de mudança é o entendimento das mulheres em relação aos seus afazeres cotidianos, seja na esfera pública ou privada. Essa transformação pode ser encontrada nas narrativas das sócias dos Clubes de Mães de Limoeiro do Norte.

De modo geral, as falas das mulheres dos clubes tratam as atividades lá realizadas como um trabalho. Rememorando as principais tarefas realizadas nas primeiras décadas do clube o qual sempre participou, Sra. Bernadete diz: “- Sim, a gente trabalhava [...] trabalhava em palha, em rede, em costura, certo? É [...] E vendia. Daquele produto que apurava ia e comprava as outras coisas, os outros materiais e ia continuando o trabalho, né?”²⁰⁴.

O dinheiro apurado com os trabalhos sempre foi um dos principais meios para as sócias realizarem as comemorações habituais dos clubes. Na trajetória do Clube de Mães da comunidade rural de Sapé, Sra. Socorro fala como faziam para organizar as comemorações e das mudanças na feitura dos artesanatos para venda de acordo com a demanda:

Antes da gente fazer rede a gente fazia sorteio, fazia leilão que é pra poder comemorar um natal, comemorar dia das mães. Essas coisas, fazia com essas promoções, mas hoje em dia com o consorcio da pra gente fazer... comemorar um natal, comemorar um dia das mães, um aniversariante dá pra gente dá um presentezinho.
[...] Era trança, fazia bolsa que nesse tempo bolsa tinha saída, hoje em dia ninguém anda mais com bolsa de palha, né? Fazia bolsa pra vender e... fazia rede de tanga. A pessoa compra o pano e faz, amarra. Ai... passemos a comprar dessas grossa

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Bernadete de Freitas Silva. Op. Cit.

que já vem desfiada que aí a gente compra a tanga, desfia e faz, faz o entrançado [...].²⁰⁵

As atividades vão se modificando de acordo com certa lógica de mercado, o comerciável, o lucrativo ou não. Entendendo que na atualidade existem máquinas de costura que chegam a produzir um bordado em quinze minutos, que mesmo as mãos mais habilidosas não conseguiriam em menos de um dia inteiro, importa aqui, entretanto, entender como, através dos clubes, essas mulheres estão inseridas efetivamente na produção; o que contraria e acrescenta elementos à sua condição histórica de reprodução.

Em nenhum momento essas mulheres deixam de considerar suas tarefas realizadas nos clubes como outra coisa se não um trabalho. É possível, entretanto, que só o fato de serem atividades realizadas fora do espaço da casa e inseridas na lógica da produção, já ganhe um status de trabalho o que do contrário não teria.

Não obstante, Sra. Aureliza ao falar de sua experiência com Clubes de Mães, dizendo dos trabalhos que realizava, esclarece que trabalhava nos clubes, mas também em casa como doméstica, incluindo suas atividades no espaço privado na categoria de trabalho:

Não! Trabalhava no clube e como doméstica em casa. Eu era vendedora dos artigos do clube, da produção. Nós tínhamos a diretoria, né? [...]

Lá trabalhávamos, fazia rede, fazia lençóis, calção, fazíamos toalhinha de banho, fazia paninho de prato com barrinha e com crochê, fazia tapete, fazia pano de pegar panelas. A gente vendia. O primeiro dinheiro foi padre João quem doou pra gente começar, se tornou o padrinho do clube. Quando nós fundamos o clube com nome da mãe dele.

[...] Eu adoro trabalhar em clube de mãe, acho um ótimo trabalho pra gente fazer.

A gente comprou tudo pra iniciar. De lá a gente ficou vendendo, negociando e apurando e comprando e fomos seguindo. Todo mundo trabalha, compra uma coisa compra outra, uma tia compra uma coisa, a amiga compra outra, encomenda uma rede e assim a gente sobrevive. [...] É o nosso trabalho.²⁰⁶

²⁰⁵ Socorro Regis. Op. Cit.

²⁰⁶ Aureliza Bessa. Op. Cit.

Questionada se trabalhava apenas nos clubes, ela responde negativamente e considera suas atividades realizadas no lar, enquanto doméstica, como um trabalho. Além disso, possibilita perceber o movimento dela e dos voluntários dentro e fora dos clubes em outras formas de trabalho:

No clube tinha as voluntárias que trabalhava noutras coisas, tinha as voluntárias do São Vicente de Paula, elas trabalham nas visitas dos idosos, outros trabalham na igreja dando comunhão, outras trabalham na pastoral da saúde, outras trabalham na pastoral da criança... em várias pastorais. Mas no dia de quinta é só do clube, onde todo mundo vai trabalhar no clube.²⁰⁷

Como se sabe, a Igreja Católica tem buscado educar, auxiliar, também moralizar e controlar as famílias através das mulheres. Na seara de preocupações e proibições da Igreja às mulheres, está a necessidade de mantê-las na esfera privada, imersa em suas, acreditava-se, verdadeiras atribuições e longe das influências externas consideradas perniciosas.

No entanto, como já se observou, as transformações na própria estrutura da Igreja e na tentativa de não perder seus seguidores, delega-se aos leigos uma série de atribuições no Plano de Ação da Sé. Neste momento, abre-se às mulheres a possibilidade de participar ativamente dos trabalhos da Igreja, ou seja, a possibilidade de algumas mulheres no interior do Ceará trabalhar e frequentar os espaços públicos sem a condenação sociedade foi e ainda o é através do envolvimento com as ações da Igreja.

Não é uma norma, mas em geral as mulheres dos clubes estão envolvidas em algum trabalho da Igreja, como Sra. Júlia que diz: *“Sempre eu gostei de fundar e trabalhar com essas coisas assim (referindo-se aos clubes que participou), outra coisa também que eu participei foi a infância missionária”*²⁰⁸. Neste sentido as balizas socioculturais em relação a participação da mulher no mundo do trabalho são reposicionadas. Trabalhar, contanto que fosse para a Igreja ou em espaços a ela vinculada, a exemplo dos Clubes de Mães, era permitido e incentivado.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Júlia dos Santos de Lima. Entrevista realizada pela autora em novembro de 2010, na localidade de Canafístola, Limoeiro do Norte, CE.

2.5 Benefícios ou sociabilidade: Por que ir ao Clube de Mães?

Quando essa pesquisa preocupou-se em entender as motivações que levaram dezenas de mulheres de bairros e comunidades rurais de Limoeiro do Norte aos Clubes de Mães, duas respostas foram recorrentes nas falas: o clube era uma possibilidade de receber diversas assistências como materiais para confeccionar enxoval para os bebês; produzir artesanatos para vender; fazer cursos; receber benefícios do governo através dos clubes e outro voltado mais a possibilidade de ter um espaço alternativo a rotina doméstica.

Sra. Ducarmo relembra a época em que entrou para o Clube de Mães Eunice Mendes, logo após sua fundação:

“Primeiro, quando eu entrei ainda era ali na casa vizinho da de Jovelina. Ainda era do tempo que o povo dava roupa, dava as coisas, as mercadorias [...] Era ali. [...] Entrei logo, foi lá que deu os panos pra essa menina aí e pro menino que morreu”²⁰⁹.

Já, Sra. Maria do Carmo de Jesus, disse ter sido informada, não especificando quem a informou, de que havia esse espaço para mulheres gestantes ou com crianças, como já era “*mãe de família*” e sabia da possibilidade de ganhar um enxoval decidir participar: “- *Eu tinha família, né? Aí a gente ganhava o enxovalzinho, né? A gente trabalhava, bordava aquele enxovalzinho. [...] Aí, eu fiquei gostando*”²¹⁰.

Sabe-se que a disseminação da ideia de participar de um clube foi promovida por agentes pastorais da Igreja Católica e através da circulação de informações entre vizinhas. Logo que se espalhou a notícia de uma forma associativa que possibilitava receber algum benefício e ainda gerar renda através de trabalhos manuais, houve grande movimentação para a participação e formação de novos clubes. Não por menos as atas de fundação já contavam com um número considerável de mulheres com média de quinze a vinte mulheres e chegando a reunir mais de cinquenta sócias em um único clube, segundo relatos orais e registros.

²⁰⁹ Maria do Carmo. Op. Cit.

²¹⁰ Maria do Carmo de Jesus. Op. Cit.

Faz parte da dinâmica dos clubes o sistema de amadrinhamento, onde cada sócia amadinha uma grávida na comunidade ou bairro, com o intuito de levá-la ao clube para organizar o enxoval do bebê e depois, caso esta se interessasse, tornar-se-ia sócia também. Diga-se, um sistema muito eficaz nas primeiras décadas de formação dessas entidades.

Ao passo que Sra. Ducarmo parece não lembrar ou não lhe pareceu importante dizer quem a informou da existência de um clube na comunidade, Gilvania, contudo, esclarece: “- *Eu vim por parte da minha sogra né. Eu morava junto com ela né, ela vinha toda quarta-feira... e quando eu estava grávida ela já me convidava, aí eu disse: não, só vou depois que eu for mãe mesmo né? E aí vim junto com ela e fiquei gostando*”²¹¹. Elucidando um dos meios de agregação de novas sócias.

Sra. Socorro Regis, indica um dos meios centrais de articulação dos clubes, diz ela: “- *Eu já sabia que tinha, as vez tinha até missa, assim... é... na casa da presidente tinha uma missa e a comunidade se reunia lá*”²¹². Sra. Júlia também ressalta como se deu o processo em sua comunidade: “- *Durante os terços, né? Alguém disse: vamos fundar um Clube de Mães?*”²¹³. Assim, os terços e as missas promovidas nas casas das sócias ou mesmo nas sedes de alguns clubes, serviam como meio de difundir a ideia de formar ou agregar mais sócias.

Durante as primeiras décadas dessa formação de mulheres, a principal motivação a participar de um clube, parece mesmo envolver os benefícios que se podia ter acesso e o trabalho em cooperativa que se estabelecia nesse espaço. No percurso da pesquisa e através das narrativas, percebeu-se, por outro lado, outra motivação central que envolve não somente o ingresso, mas a permanência dessas mulheres nos clubes.

Entender as motivações e envolvimento das mulheres nessas entidades, também foi uma preocupação para o sociólogo Eder Sader. Tentando entender o que impulsionou as mulheres das periferias paulistanas a inserir em seu cotidiano a participação nessas organizações ele diz:

²¹¹ Gilvania Maria Galvão Nonato. Op. Cit.

²¹² Socorro Régis. Op. Cit.

²¹³ Júlia dos Santos de Lima. Op. Cit.

Se formos examinar as motivações que levam donas de casa aos Clubes de Mães, encontraremos, grosso modo, três ordens de razões. Em primeiro lugar, para muitas tratou-se simplesmente de achar um lugar onde se encontravam com outras donas de casa, podendo conversar, comentar a novela, os filhos... . Trata-se da extensão do mundo feminino, tal como construído no espaço familiar. [...] Em segundo lugar, foi à busca de uma alternativa uma rotina opressiva. “Eu queria sair um pouco da rotina da casa...”. [...] Em terceiro lugar, temos as razões de ordem instrumental: o simples interesse num curso de gestante, ou de crochê, ou outra atividade qualquer promovida por um clube.²¹⁴

O cotidiano dessas mulheres e as motivações a participar em um clube são semelhantes as encontradas na trajetória dessa pesquisa, entende-se com isso que a moral envolvida nessa formação de mulheres, balizada pelo ideal de universo feminino, ultrapassam fronteiras.

Ao longo da história dos Clubes de Mães, mesmo tendo em vista sua dinâmica heterogênea, o percurso parece ter seguido um mesmo rumo. Mais recentemente, os assistencialismos que envolviam essa organização ao longo de sua trajetória, sofreram alterações por um lado e extinção por outro, essa discussão, contudo, será desenvolvida no capítulo seguinte.

Quando as narrativas das mulheres entrevistadas se referem ao tempo recente, possibilitam o entendimento de outro aspecto das motivações ao longo das vivências, mas também da permanência nos clubes.

Sendo os clubes um espaço de reforço e autoafirmação da feminilidade, como se constituiu, este lugar tem servido de alternativa a uma rotina opressiva, conforme elucida Eder Sader; bem com uma possibilidade de emergência aos ambientes públicos, podendo desenvolver experiências para além da atmosfera doméstica, num mundo de “*movimento*” como faz pensar Sra. Ducarmo quando relata o diálogo com o marido. Ao tentar cerceá-la quanto à ida ao clube, seu Zé Moreno diz: “- *Olha o movimento!*”. Ao que ela responde: “- *Eu acho bom é o movimento*” (risos).

Quanto a Sra. Maria do Carmo de Jesus, que participa do Clube de Mães da sua comunidade há mais de quarenta anos, a mesma relata um diálogo com suas filhas acerca de sua permanência no clube:

²¹⁴ SADER. Op. Cit., p. 205-206.

As meninas dizem: mãe, saia, a senhora já tá tão veia, aí eu digo: não minha filha, é só a diversãozinha que eu vou é esse clube, né? E eu gosto que a gente se reúne, vai e conversa por lá, né? Tudo é bom pra gente. Porque eu num vou pra canto nenhum, eu num tenho outra coisa pra mim, só esse clubezinho. (risos) ²¹⁵

É emblemático o modo como a Sra. Maria do Carmo se refere ao Clube de Mães o qual faz parte. Chamá-lo de “*clubezinho*”, revela o significado afetivo que ela constituiu com esse espaço.

Na seara da motivação para a permanência nos clubes, o entendimento desse espaço como um lugar de sociabilidade e alternativo a rotina parece ser primordial ao entendimento dessa experiência de formação de mulheres no interior do Ceará.

Independentemente da geração de sócias, as sociabilidades vivenciadas nos clubes estão presentes nos depoimentos. A jovem senhora Gilvania diz: “- *É bom vim pra pelo menos distrair um pouco né? É... A gente já passa o dia todinho, toda tarde a mesma coisa*” ²¹⁶. Assim como Sra. Claudina, uma das sócias mais antigas, fala: “- *É porque eu gosto mesmo do que a gente faz, essas coisa tudo. Ai tem aquelas festinhas. Ai eu gosto dessas festinhas de mãe... de tudo, né?*” ²¹⁷.

Seria um lugar para reunir-se com outras mulheres e organizar festas como, o natal, dia das mães, aniversário do clube ou mesmo, bingos, sorteios, passeios coletivos, quermesses na comunidade, enfim, um lugar de “*movimento*”, que dá novos significados a experiência de ser mulher.

Na verdade, não existe uma exatidão de resposta à proposta desse tópico. As mulheres que se envolveram ao longo de décadas nessa organização, rememoram as motivações iniciais, entre elas, a possibilidade de assistência e de aprendizagem nesse espaço; mas ao longo dos anos, o que parece mantê-las é o sentido de sociabilidade que ele possui. Elas acabam criando uma identidade com o lugar social que o clube representa e reforçam um sentimento de pertença.

²¹⁵ Maria do Carmo de Jesus. Op. Cit.

²¹⁶ Gilvania Maria Galvão Nonato. Op. Cit.

²¹⁷ Maria Claudina de Araújo. Op. Cit.

Ainda sim, essa análise não se aplica a todas as mulheres que participaram dos clubes. O interesse em participar pode ter partido do interesse na assistência e ter saído tão logo a conquista de suas necessidades, ou ainda, mulheres que tenham ingressado pela dinâmica relacionada à Igreja, enfim, não se pode afirmar nada conclusivamente, só indicar possibilidades.

Algumas dessas mulheres fizeram e ainda fazem dessa experiência de participação nos Clubes de Mães, mais que uma alternativa a rotina do lar e tornaram-se lideranças comunitárias ou de bairro. Estas vivências sugerem uma via de mão dupla, ao passo que estas mulheres ajudaram a formar e disseminar essa organização, foi se constituindo enquanto referências através destes espaços, sendo esta, a questão central para o próximo capítulo.

A dinâmica dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte sofre alterações significativas ao longo das décadas pesquisadas o que se dá pelas transformações na própria sociedade, seja nos aspectos econômicos, culturais e de mentalidades. Os clubes são tributários de cada momento histórico da cidade, mas também ajudam a construir alguns desses momentos em sua esfera de atuação.

Os clubes se realizam somente pelo trabalho de suas sócias, sendo assim, é necessário compreender como essas mulheres vivenciam essas transformações, o que ficou em suas memórias, mas também o que elas pensam para o futuro dessas vivências nesses espaços.

3. Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte: Mudanças, permanências e perspectivas.

É [...] Era das primeiras lá do Arraial. Mamãe é porque já tem oitenta e cinco anos e pode dizer coisa que num seja certo porque ela já tá velha [...] tem coisa que ela diz que a gente vê e pensa: como é que pode? E as outras já morreram, né? (Socorro Regis)

A epígrafe traz a fala de Sra. Socorro, indicando que, não fosse o fato de sua mãe já estar numa idade avançada e por vezes ter falas que, em sua opinião, são desconexas, poderia ajudar a compreender melhor a história dos clubes em Limoeiro e na sua comunidade. Sra. Socorro é sócia do Clube de Mães a mais de duas décadas, antes dela, sua mãe também foi sócia por muitos anos chegando a presidi-lo por um tempo.

Os clubes são, portanto, uma organização de mulheres mães existente há quase meio século, que atravessou gerações, onde parte dessas mulheres já não vive mais, a exemplo da primeira entrevistada dessa trajetória de pesquisa – Vilian Moura. Essas organizações atuaram nos cenários públicos do país, mas em grande medida foi na esfera privada que os Clubes de Mães fez a diferença nas vivências de tantas mulheres e suas famílias. Assim, o derradeiro capítulo intenciona afunilar o entendimento dessas vivências para as sócias dentro das permanências e mudanças na organização dos clubes.

A partir do trabalho com as fontes, comparando as lembranças e os documentos que registram os números de sócias e a participação em algumas reuniões, concluiu-se que houve um decréscimo na presença das mulheres e que a faixa etária, a pesar de ainda existirem jovens participando, compreende, em grande medida, mulheres mais velhas.

Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte existem até os dias atuais, contudo, dado o recorte temporal do trabalho, interessa marcar aqui, que até os anos de 1990, os mesmos sofreram modificações como reinauguração com outros nomes, dependendo do novo contexto de compromissos como homenagens à novos colaboradores e outros foram extintos seja por falta de apoio ou desestímulo de suas participantes.

Os anos oitenta são marcados pelo maior número de fundação de clubes, possivelmente devido ao aumento nos benefícios que chegavam as comunidades rurais e bairros de Limoeiro através dos clubes ou mesmo a disseminação dessa possibilidade. Nesse mesmo período, com a necessidade de registrá-los enquanto entidades de ação social, conforme cobra o estado, a secretaria de Ação Social do município passa a ser responsável pelo

acompanhamento dos clubes. Os clubes passam a ter um CNPJ ²¹⁸ e a prestar contas com a Receita Federal.

Surge nesse momento a expectativa de que o poder público desse um suporte maior aos clubes. Tanto no referente às necessidades de abastecimento de materiais para os trabalhos, quanto às localidades que possuísssem um clube pudessem ter a possibilidade de conquistar recursos e benefícios para as famílias.

É o que dá a entender as falas de algumas mulheres. Sra. Júlia, por exemplo, conta que na época, final dos anos oitenta, o prefeito até visitou o clube e verificou as principais necessidades, mas que não chegou a atendê-las efetivamente. Assim, quando questionada se a prefeitura havia dado alguma ajuda, logo responde: “- Não, não teve não, a máquina era minha, o trabalho quem teve de comprar as coisa foi eu. [...] As vezes eu tirava o dinheiro do bolso, num era aposentada não, mas as meninas ajudavam que trabalhavam”

²¹⁹.

Paralelo a esse movimento, ocorre um afastamento por parte da Igreja junto aos clubes, não por acaso nos anos de 1980 e 1990, os livros de Tombo da paróquia Limoeiro, que servem para registrar as atividades da Igreja e o cotidiano da paróquia, não apresentam nenhuma referência aos clubes ou trabalho da Igreja junto a eles.

Com o afastamento das agentes pastorais, com o enfraquecimento de organizações assistencialistas como a LBA, e os movimentos que atuavam junto aos clubes, gesta-se nas memórias das entrevistadas um sentimento de exaltação do passado e uma nostalgia de tempos mais mobilizados e de maior relevância e expressão social haja vista a presença de entidade e pessoas influentes da cidade.

Não! Nunca mais apareceu ninguém por ai não. Nem MEB, nem nada. Eu num sei se as pessoas num andam atrás. Naquele tempo era Marilac, era Maria do Céu, um pessoal que tinha muito movimento com a gente, muita amizade, ai elas vinham por aqui. ²²⁰

²¹⁸ Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Cf.: <http://www.receita.fazenda.gov.br>

²¹⁹ Júlia dos Santos de Lima. Op. Cit.

²²⁰ Maria Vilian Moura de Sousa. Op. Cit.

As senhoras citadas na fala de Sra. Vilian são diretamente ligadas a Igreja e possuíam uma influência social justamente por sua atuação nos trabalhos pastorais. Sra. Vilian demonstra não compreender a dissolução dos laços entre essas senhoras e os movimentos de organização popular como o MEB com os clubes.

Tendo em vista o que indica Brito, “nos anos 80, o Vaticano lança uma imensa campanha contra a Teologia da Libertação que teve três vetores de atuação: o controle do governo na Igreja, o controle dos “representantes” de Deus e o controle das ideias”²²¹, esse desvencilhamento pode estar vinculado não só a entrada do poder público em cena, mas também a um redirecionamento dos trabalhos da própria Igreja.

Pensa-se que em Limoeiro, a partir de certa exaustão da Teologia da Libertação e seus ideais de opção pelos pobres, devido aos conflitos internos na própria Igreja e nos movimentos a essa ideia vinculados, ocorreu um desestímulo das agentes pastorais – freiras, padres e leigos –, que foram as bases de criação e disseminação dos clubes na cidade.

Ante a perda dos vínculos com os movimentos da Igreja, a exemplo do MEB e da Cáritas e de organizações beneficentes como a LBA, bem como a partir do processo de legalização dos clubes, ou seja, a transformação de uma formação de mulheres movida por interesses comuns ao universo feminino de sociabilidade, pautado nos preceitos cristãos da moral e da caridade, em associação legal, de algum modo fez com que essas entidades enfraquecessem ao invés de se fortalecer.

O fato de ter que pagar impostos, prestar contas das atividades exigiu um controle e organização que talvez as mulheres envolvidas no processo não estivessem dispostas a arcar. Entretanto, os clubes sempre exigiram de suas sócias uma organização na parte administrativa, contando com uma presidente, uma vice, uma secretária, uma tesoureira, a coleta mensal de uma contribuição das sócias e de documentos como certidão de abertura, estatuto e atas, ou seja, algumas mulheres envolvidas nessa formação já estavam habituadas aos trâmites legais exigidos por uma associação.

²²¹ BRITO, Lucelmo Lacerda. Op. Cit., p. 88.

É pela recorrência nas falas das entrevistadas que se busca a apreensão do que significou para essas mulheres a transformação na dinâmica dos clubes e até a extinção de tantos outros. Na fala de Sra. Socorro, por exemplo, a extinção nas doações aparece como motivo fundamental para o desestímulo e saída das mulheres.

Foi saindo de uma em uma depois que largou de vim as coisas. Num tendo nada de graça as pessoas num querem. Num vêem que um clube registrado traz algum proveito, né? Porque alguma coisa só vem se tiver uma associação registrada, num tendo num vem.²²²

“As coisas” as quais se refere Sra. Socorro, são as doações de tecidos, roupas usadas, ou mesmo os sanitários referidos por Sra. Vilian e ainda a possibilidade de participar de cursos e capacitações. Ela aproveita para fazer a crítica às mulheres que participavam, supostamente, “só” para ter a possibilidade de conseguir algo, que no entendimento dela, era “*de graça*”. Demonstra ainda entender a necessidade e defende a legalização dos clubes.

Sra. Socorro faz parte do grupo de mulheres que construíram um entendimento da organização e administração dos clubes, ou seja, participou ativamente dos momentos em que o clube de sua comunidade serviu de referência para a implantação de obras de melhoria coletiva.

Também é necessário entender-se que na dinâmica da organização e administração dos clubes, aquelas que ocupavam os cargos administrativos acabam centralizando as informações enquanto as demais recebiam as notícias no espaço das reuniões em forma de avisos.

Existiam ainda, aquelas que tiveram uma ligação apenas indiretamente com os clubes, como as mulheres que recebiam os enxovais, mas acabavam não participando; ou seja, esse sistema de informações pode ter colaborado para que a maior parte das mulheres que frequentavam os clubes não tenha constituído um entendimento de como se processavam as demandas e responsabilidades legais daquele espaço.

O tempo também gesta as contradições na memória e assim impossibilitando que as mulheres, mesmo aquelas que participaram mais

²²² Socorro Regis. Op. Cit.

ativamente dessa formação, relembrem de todos os envolvidos e de todas as realizações.

Importante também reforçar que os clubes estavam inseridos num conjunto de outras articulações e movimentos em evidência e que se coadunam nas décadas de 1960 e 1970: movimentos da Igreja, entidades beneficentes, sindicatos, entre outros. É compreensível, por tanto, que haja uma incompreensão ou confusão nas lembranças das mulheres envolvidas no processo.

Sra. Socorro, mesmo não rememorando maiores detalhes, ressalta a importância do momento de transformação dos clubes em entidade legalizada. Ela acompanhou o processo de implantação do sistema de abastecimento de água que, segundo ela, veio através dos clubes depois da legalização.

De acordo com Sra. Aureliza foi depois da participação mais ativa da prefeitura junto aos clubes, que esses se disseminaram no município: “ - *Começou a surgir aqui e acolá, por que a prefeitura começou a dar muita cobertura, junto com a LBA, claro*”²²³.

Sra. Aureliza refere-se aqui ao início dos anos oitenta, quando se pôde comprovar através dos registros de fundação nos cartoriais e na secretaria de ação social da prefeitura, que nessa década, efetivamente, houve uma disseminação dos clubes no município.

Ou seja, ao passo que algumas mulheres relembram com indiferença essa transição do envolvimento mais sistemático da Igreja Católica e dos movimentos a ela vinculados e de entidades caritativas para atuação da prefeitura com a legalização; tendo em vista não reconhecer nenhuma ação expressiva, outras entendem que, através desse processo os clubes se disseminaram. Efetivamente isso ocorreu, mas, mais que isso, que alguns benefícios só chegaram às comunidades tendo em vista essa alteração.

De um modo ou de outro, esse processo é recorrente no rememorar dessas mulheres por ter servido de marco para essas entidades. Consequentemente modificou de alguma forma, o modo como elas se relacionavam com esse espaço. Não obstante o entendimento das mulheres acerca desse processo, o que efetivamente se verificou em decorrência da

²²³ Áurea Aureliza Moura Bessa. Op. Cit.

mudança foi que muitos clubes tiveram de fechar e encerrar suas atividades como resultado da inadimplência junto à receita federal.

A inadimplência pode significar que o referido clube não possuía bases sólidas de sustentação como o dinamismo e entusiasmo de suas sócias e ou dos órgãos que os apoiavam.

Dos clubes que ainda estão na ativa, verificou-se que em sua maioria são aqueles primeiros a serem fundados no município. Essa conclusão pode ser um indicativo de que Sra. Socorro pode estar certa quando ressalta que as mulheres participavam muito mais pelo interesse nas doações e recursos quais poderiam alcançar, que pelo desejo de fazer parte de uma associação enquanto espaço de sociabilidade.

A pesquisadora Maria Nazaré Lins Barbosa ²²⁴ analisando as relações de interesses existentes entre o setor público e a sociedade civil organizada em movimentos sociais ou ONGs, observa que, em função do repasse de verbas para instituições sem fins lucrativos, houve um considerável aumento de novas entidades com esse caráter.

Ao analisar o histórico de fundações de entidades como Clubes Desportivos, Clubes de Mães e Creches nas décadas de 1970 a 1990 na cidade de São Paulo, Lins Barbosa quantifica, conforme quadro abaixo, o número de Clubes de Mães fundados em São Paulo no período de 1986 a 1995.

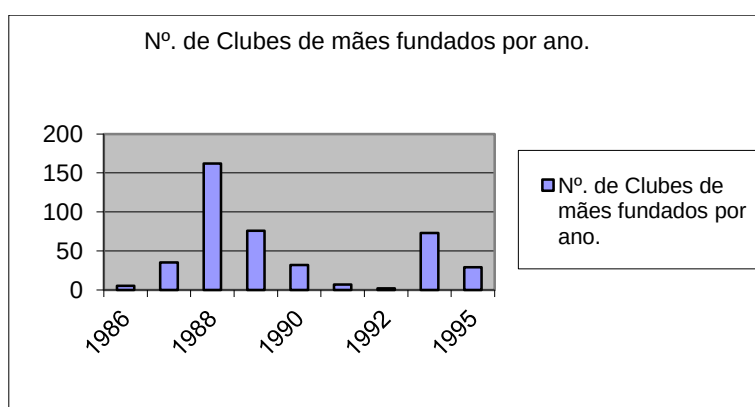


Gráfico 01: Número de Clubes de Mães fundados por ano.

²²⁴ BARBOSA, Maria Nazaré Lins. Convênios e parcerias entre o setor público e o terceiro setor: boas práticas em matéria de regime legal. 2000.

Segundo Lins Barbosa, no ano de 1986, o Governo Federal criou o Programa Nacional do Leite para Crianças, como explica a autora:

Programa Nacional do Leite para Crianças Carentes, destinado ao atendimento de crianças com idade de até 7 (sete) anos, pertencentes a famílias com renda mensal de até 2 (dois) salários mínimos, onde, cada criança beneficiária teria direito a 1 (um) litro de leite por dia” ²²⁵

Nos termos do Decreto nº. 93.120, de 18 de junho de 1986, o programa seria operacionalizado mediante a entrega de cupons às famílias beneficiadas: “[...] através de associações comunitárias, entidades filantrópicas, instituições do Governo Federal, Estadual e Municipal, ou outras entidades cujo objetivo fosse o atendimento social sem fins lucrativos” ²²⁶.

O referido programa estimulou a criação de entidades voltadas para esta suposta, como chama a autora, promoção humana. Lins Barbosa tece, a partir desses dados, uma crítica e um alerta ao crescimento no número de fundações de clubes, tendo que vista que para esta:

[...] os Clubes de Mães não refletiram um ímpeto associativo de mulheres comprometidas em organizações da sociedade civil. Constituem entidades agenciadas para distribuição de um benefício básico para famílias carentes, certamente permeáveis a instrumentalização político-eleitoreira. ²²⁷

Percebe-se que a pesquisa de Lins Barbosa é um contraponto com outros estudos realizados, por exemplo, na década de 1980, que buscavam apresentar a experiência dos Clubes de Mães em São Paulo como um movimento expressivo na formação socioeducativa de mulheres e que ajudou a transformar a realidade e a mentalidade de muitas delas e das localidades em que foram constituídos.

No município de Limoeiro do Norte, dos 26 Clubes de Mães constituídos, 12 foram fundados na década de 1980, mesmo não dispondo de comprovações da criação de programas, a exemplo do estudo acima citado, que incentivassem a formação destas entidades é importante não perder de

²²⁵ Idem.

²²⁶ Idem, p. 03.

²²⁷ Idem.

vista que as mesmas são efetivamente, de um modo ou de outro, meios que veem beneficiar às comunidades em que se constituem.

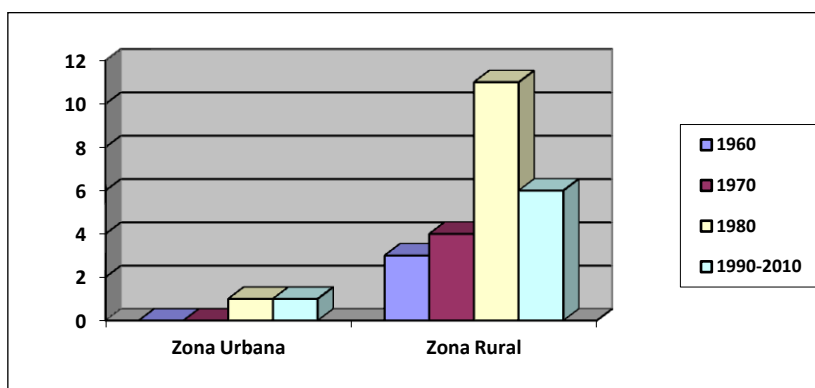


Gráfico 02: Clubes de Mães fundados por década, em Limoeiro do Norte.

Outro dado importante é que, em conversas não gravadas com as presidentes dos Clubes de Mães das comunidades de Malhada, Gangorra e uma gravada com Sra. Socorro Regis da comunidade de Sapé ²²⁸, constatou-se que a implantação do sistema de abastecimento de água e o de luz, através do projeto São José ²²⁹, bem como a conquista de um telefone público, chegou àquelas comunidades por meio dos Clubes de Mães.

Quando o clube foi legalizado, alí nas era de 78, por aí assim, é, foi [...] tem o estatuto [...] Pra ter direito a esses convênios, precisava o clube ser tudo legalizado. Aí, por causa do clube ser registrado, tá tudo direito, aí quando tem um projeto, como esse da adutora da água foi feito pelo Clube de Mães, quando foi trazer um telefone também [...] que agora não é mais no clube não, mas o primeiro que veio pra comunidade foi através do clube. ²³⁰

²²⁸ Comunidades de Limoeiro do Norte, vizinhas umas das outras, 7 km de distância, aproximadamente, da sede.

²²⁹ Em 1987 o Governo do Estado do Ceará iniciou um processo intensivo de mudanças que deu ao Estado um novo perfil econômico e social. Para avançar nessas mudanças foi criado o Projeto São José, que apoia o pequeno produtor rural, contribuindo na geração de emprego e renda para a população carente do interior. O Projeto São José financia uma imensa variedade de propostas nas áreas produtivas, de infraestrutura e social. Na área de eletrificação rural, o projeto realizou cerca de 106.000 ligações, elevando a taxa de atendimento de energia elétrica nas áreas rurais no Estado do Ceará de 30%, em 1996, para 60%, em 2000. Esta referência foi retirada do site: www.fiec.org.br. Ainda não foi realizado nenhum estudo crítico a respeito do referido projeto.

²³⁰ Socorro Regis. Op. Cit.

Ressalte-se, que estes projetos e bens coletivos não chegaram às comunidades exclusivamente por meio de reivindicação das mulheres dos clubes. Trata-se de um requisito burocrático do projeto que o mesmo seja implantado nas comunidades através de uma associação ou coisa que o valha, no caso, os clubes.

A apresentação deste estudo serve aqui para se pensar uma vez mais a pluralidade destas entidades para mulheres; bem como as inúmeras ressignificações dos espaços realizados pelos sujeitos sociais, onde, ao passo que os Clubes de Mães têm por objetivo, entre outras coisas, o fortalecimento da comunidade através do processo de formação e mobilização de suas sócias, o mesmo pode ser visto por suas integrantes apenas como meio de ter acesso as medidas assistenciais de organizações religiosas ou de meio de captação de recursos governamentais para a comunidade.

Compreende-se, contudo, que um objetivo não necessariamente anula o outro. O fato de algumas mulheres ingressarem nos clubes por perceberem a possibilidade de conseguir algum benefício para si e suas famílias, não desqualifica o papel dessas entidades na vida delas e das comunidades em que se implantou um clube. Pensar assim, possibilitou o exercício do não engessamento das diversas formas e experiências destas organizações e suas sócias.

Pensando no passado dos clubes, contudo, encontra-se nas memórias das senhoras, sempre a lembrança de como o clube foi importante para as comunidades no que diz respeito ao acesso a obras de melhorias, e recursos que antes não possuíam sejam individuais como cursos, doações de roupas, enxovais, etc. ou coletivos como telefones públicos, obras de abastecimento de água e energia, entre outras. Estas obras de benfeitoria, conquistas individuais e para a comunidade, através dos clubes, são relatadas pela maioria das senhoras com quem se conversou.

3. 1 A formação de lideranças comunitárias:

Era! O povo do Clube de Mães. Fazia curso, eu, Consuelo [...] Um bocado de

*gente, foi bem dez daqui. Eu fiquei como dona da turma.*²³¹

Para além do procedimento de legalização dos clubes ou da crítica aos supostos interesses das mulheres que ingressaram nessas organizações, é necessário entender que é a própria dinâmica dessa organização que era de auxiliar as mulheres e suas famílias através de doações, cursos e uma série de outros benefícios. Interessa também entender, nesse processo, o significado de participar dessa entidade na formação política e cidadã para muitas dessas mulheres.

Mulheres essas que em sua maioria, nasceram e ainda vivem numa vila rural, que a exemplo de tantas outras no município, é composta de casas ordenadas não por ruas alinhadas e sim, pela disposição de terrenos de plantações. Possuem algumas pequenas vendas ou as chamadas “budegas”²³², alguns bares, um campo de futebol, um telefone público, uma capela e anterior à reforma educacional – que migrou os pequenos grupos escolares para a sede do município –, também possuía um grupo escolar, um Clube de Mães ou ainda uma associação dos produtores rurais.

A construção de espaços coletivos e as benfeitorias das localidades onde se constitui um Clube de Mães foram conquistadas ao longo de décadas, mediante seja assistencialismos, reformas governamentais ou reivindicações dos moradores. Nessa perspectiva, os Clubes de Mães e a ação de suas integrantes, teve grande relevância nas conquistas para essas comunidades.

Assim, entendendo que muitas mulheres possam ter ingressado nos clubes pelo interesse exclusivo de participar das ações assistencialistas ou dos projetos que beneficiaram um coletivo, ou ainda com o objetivo de construir sociabilidades fora do espaço da casa na busca por uma exceção às rotinas do lar, algumas delas construíram uma experiência de se tornar referência comunitária. Entende-se aqui que um objetivo não exclui o outro, eles podem coexistir ou constituir uma mesma experiência.

²³¹ Maria Vilian Moura de Sousa. Op. Cit.

²³² Local de vender mantimentos que em geral é aberto na parte da frente da própria casa da família.

Para essa análise, entende-se o conceito de política, conforme indica Maar, como “uma referência permanente em todas as dimensões do nosso cotidiano na medida em que este se desenvolve como vida em sociedade” ²³³. Ou seja, não é sinônimo somente de poder governamental exercido nos espaços públicos. A política, ao que ele prefere chamar “as políticas” compreende o entendimento das organizações coletivas em sociedade. A política é construída nas escolas, no trabalho, nas igrejas, nos sindicatos, nas associações de bairros, nas praças, nas ruas, na vida cotidiana, enfim.

No que se refere à construção política dentro dos Clubes de Mães, a formação de algumas dessas mulheres está vinculada ao exercício de construção social do indivíduo dentro da coletividade. Ou seja, essas mulheres, que nasceram e viveram numa ordem social que as impelia aos espaços privados, também puderam construir sociabilidades e experiências políticas num espaço público.

Algumas dessas mulheres, de certa maneira, rompem com as barreiras impostas historicamente pelo espaço privado e acessam os espaços públicos. O espaço público pode estar no âmbito das reuniões dos clubes, na ida às praças do município para vender os produtos fabricados nos clubes, nas reuniões da paróquia, na participação de cursos e palestras, na ida até a prefeitura para solicitar algum benefício ou mesmo a construção de uma granja coletiva. Mesmo tratando-se aqui da extensão do que se constituiu enquanto universo feminino, o contato com esses espaços de formação transformam o cotidiano dessas mulheres.

Em diálogo com Sra. Vilian Moura sobre suas vivências no clube da sua comunidade, um dos primeiros assuntos que ela rememorou foi a construção da granja coletiva que ela e as outras sócias montaram no final dos anos de 1960, através do Clube de Mães.

O diálogo teve início com uma conversa informal, mas Sra. Vilian se mostrou tão disposta e empolgada a falar de suas experiências no Clube de Mães de sua comunidade, que se iniciou a gravação numa já altura da conversa, em que a mesma falava de uma granja que era administrada pelas sócias do clube.

²³³ MAAR, Wolfgang Leo. O que é política. 16ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 07.

- [...] dona Vilian, quando foi que iniciou o projeto dessa granja, quando foi que vocês começaram a pensar [...]?
- A granja eu não me alembro (sic) bem quando foi pronunciado não, mas ela durou um bucado (sic) de tempo. Cada mãe dava uma galinha para começar, aí tinha aquelas pra colher os ovos, as que varria de manhã, butava (sic) água, comida. Todo dia tinha movimento, né?
- A senhora não lembra o ano em que foi fundada?
- Não! Por que foi fundado em 67, 69, por aí...
- Então foi no começo, né?
- Foi bem no começo.
- Ai tinha um lugar próprio?
- Tinha, tinha um lugar próprio, um chiqueiro bem grande com umas cobertas; lá tinha as vasilhas pra jogar a água, a gente jogava comida lá. De tarde tinha uma turma pra colher os ovos. Uma semana umas, uma semana outras.
- Então, eram [...] comissões?
- Eram.
- E vocês vendiam os ovos?
- Vendiam [...] E quando era dia de reunião elas faziam culinária, bolo pra merendar a tarde.²³⁴

A organização da granja comunitária, através do clube, é emblemática no que se refere à formação social dessas mulheres. Mesmo compreendendo uma extensão do universo feminino mais conservador, o fato delas se organizarem para administrar um bem coletivo, estimula também um sentido político para o trabalho com a criação de galinhas e a venda dos ovos. É a partir de experiências como essa, que muitas mulheres acrescentaram saberes ao seu cotidiano.

Entende-se que essas mulheres gestam a compreensão de coletividade; a importância de seus trabalhos manuais e de que essas atividades são efetivamente um trabalho; não nos esqueçamos da fala de Sra. Ducarmo quando a mesma explicita que foi no clube de sua comunidade que aprendeu, nas palavras dela, “*tudo no mundo*”.

O conhecimento dessa dinâmica possibilitou compreender como o espaço dos Clubes de Mães constituiu mulheres enquanto lideranças comunitárias e como estas, por sua vez, impulsionaram e disseminaram a formação de mais clubes e a conquista de mais benefícios para esse espaço. Essa via de mão dupla apresenta mais um aspecto a ser problematizado no entendimento dessas organizações.

²³⁴ Maria Vilian Moura de Sousa. Op. Cit.

A epígrafe deste tópico é um excerto da narrativa de Sra. Vilian Moura quando a mesma se refere aos cursos ministrados pelo Movimento de Educação de Base – MEB. Conforme já foi explicado aqui, esses cursos promovidos pelo MEB eram um pré-requisito para a obtenção da doação de sanitários. Esse curso servia para os ensinamentos práticos de como fabricar os tijolos para a construção dos banheiros, mas também para conscientizar as famílias das questões de cidadania numa perspectiva cristã, conforme a ideologia do próprio movimento.

Sra. Vilian rememora que foi a líder de seu grupo no curso que participou que ela chama de “*dona da turma*”. Relembra ainda que os capacitadores e educadores do MEB a procuravam em sua casa para pedir ajuda na mobilização das famílias que seriam beneficiadas: “*Eles vinham supervisionar, vinham lá em casa perguntar, eu saia de casa em casa com elas*”²³⁵.

É significativo o fato de essas pessoas escolherem Sra. Vilian para acompanhá-los, como ela diz, de casa em casa. Entenda-se que, na dinâmica desses movimentos de assistência às famílias necessitadas, o andamento se dá em primeira ordem pela identificação dos lugares mais necessitados. Em seguida pela assimilação das lideranças, que podem ser agentes de saúde, professores, presidente de associação, de sindicatos, enfim, alguém que conheça de modo mais geral os moradores locais e que possam servir de figura familiar nos primeiros contatos para o passo seguinte que é da mobilização das famílias. Assim, Sra. Vilian, que foi presidente do Clube de Mães de sua comunidade mais de uma vez, que foi merendeira da escola de sua comunidade por mais de dois anos, torna-se, ao longo do tempo uma referência comunitária.

Diferentemente de movimentos como MEB, que tinha como pressuposto para a escolha das lideranças comunitárias, entre outras coisas, o nível de escolaridade, por tratar-se de um movimento educativo, as mulheres que se tornaram uma referência comunitária através dos clubes, não estavam necessariamente sujeitas a análise de seus níveis, econômico ou de escolaridade; essas escolhas partiam mais de essas mulheres estabelecerem

²³⁵ Idem.

uma comunicação que permita que sejam entendidas e ouvidas. São as experiências coletivas cotidianas, aliadas a subjetividade individual, que as fizeram assim – lideranças.

Ser eleita presidente de um Clube de Mães, por exemplo, é uma resposta à disponibilidade de cada mulher, bem como de sua trajetória na comunidade ou bairro. Ou seja, se a mulher já tiver participação em alguma outra forma de associação ou por algum outro motivo tenha tido contato com a comunidade de modo mais amplo. Ser agente de saúde, ser merendeira da escola, agente pastoral e organizar as festas de santo, os terços, as quermesses, ser associada em sindicato ou mesmo pelo reconhecimento de seus trabalhos manuais – ser uma boa costureira, rendeira, bordadeira –. Qualquer forma de expressão pública pode tornar aptas, mulheres que se interessem em ser presidente de um clube.

Segundo a pesquisadora Souza, no MEB, as mulheres das comunidades que se envolveram no projeto educacional e de transformação social, conforme a ideologia do movimento perceberam suas próprias vidas transformadas. Segundo a autora, essas mulheres também enfrentaram resistência dos pais ou maridos para participar mais ativamente desse processo, mas sempre escreviam para as sedes coordenadoras do movimento, ressaltando a satisfação e todos os benefícios adquiridos em decorrência dessa participação

236

Ser eleita uma presidente de um Clube de Mães, por si só, não garante que as mulheres se tornaram referência para a comunidade. Isso está muito mais vinculado à subjetividade de cada mulher e da predisposição ao envolvimento, que com um conjunto de organizações e movimentos que faziam parte da estrutura dos clubes. Esta disposição envolve também o enfrentamento às barreiras postas entre o espaço privado e público que se verão mais adiante. Sra. Ducarmo, Sra. Júlia, Sra. Vilian, Sra. Aureliza, por exemplo, demonstram em suas narrativas que enfrentaram as tais barreiras para poderem estar mais presentes nas reuniões dos Clubes de Mães e em outros movimentos.

²³⁶ SOUZA, Claudia Moraes. Op. Cit.

As referidas senhoras demonstraram em suas narrativas que vivenciar a experiência dos Clubes de Mães em suas comunidades, mediou algumas transformações em suas vidas e em contrapartida, essas mulheres corroboram para que os clubes se sustentem ao longo das décadas analisadas.

Sra. Aureliza Bessa vive no centro da cidade de Limoeiro do Norte e participa dos Clubes de Mães desde que estes chegaram ao município. Segundo ela, as freiras a convidaram para presidir um clube tendo em vista que as mesmas, não poderiam assumir esse cargo.

Sempre eu trabalhei em clube, desde que me casei que eu trabalho em clube, né? Eu trabalhava no clube Santa Luzia de Marilac. Começamos no Patronato [...] A gente tinha um clube lá, como as irmãs não podiam ser presidente aí me chamou. Eu trabalhava lá. A irmã Luíza era a coordenadora [...] Com o tempo foi doado o prédio, passemos pra diocese. ²³⁷

Para que Sra. Aureliza fosse convidada pelas freiras para presidir um Clube de Mães, conclui-se que ela possuía certa influência dentro dos movimentos da Igreja. Até os dias atuais, Aureliza constitui-se enquanto referência junto aos trabalhos sociais da Igreja. Em sua narrativa ela ressalta suas atividades onde, entre outras coisas, coordena a Casa do Idoso da cidade

²³⁸

Eu sempre fui de muita batalha, era voluntária da associação São Vicente de Paula, né? Também sou do Clube de Mães Antônia Olímpia Castelo Branco, como lhe disse, né? Sou também do conselho da Mulher, defendo essa bandeira até por tudo. Sou do conselho do idoso e hoje sou diretora aqui da casa do idoso. [...] Por isso que as vezes eu tô meio agitada (risos). ²³⁹

Sra. Aureliza, mesmo já participando de movimentos que a tornaram uma referência ao ponto de ser convidada pelas freiras para presidir um clube, é também um exemplo de mulher que se torna uma liderança através dos

²³⁷ Áurea Aureliza Moura Bessa. Op. Cit

²³⁸ A Casa do Idoso é uma organização sem fins lucrativos que acolhe idosos e fornece os cuidados como alimentação e saúde. É mantida em conjunto pela Igreja Católica, pela prefeitura e parte em dinheiro da aposentadoria dos idosos internados.

²³⁹ Áurea Aureliza Moura Bessa. Op. Cit.

clubes e em contrapartida, a mesma ajudou a disseminar as propostas dessa organização. É interessante também observar como ela, através da entrevista, valoriza sua trajetória como liderança em relação aos movimentos onde atuou.

Sra. Júlia dos Santos cresceu em uma comunidade rural de Limoeiro do Norte, onde casou, teve suas filhas e trabalhou, seu marido trabalhou e a pesar da idade, ainda trabalha na agricultura e na construção civil. Ela rememora que na época que participava mais ativamente do Clube de Mães de sua comunidade, o padre queria iniciar uma campanha de construção de uma capela para a comunidade, mas antes de lançar essa proposta, ele chama a atenção de Júlia para que ela iniciasse as articulações necessárias.

E foi quando o padre começou a dizer que era pra gente fazer uma capela. Aí ele vinha meio aperreado e dizia: “ói a culpa de num ter uma capela, ói é de dona Nenzinha”. É que meu nome é Júlia e o apelido é Nenzinha. Ele dizia só pra me aperrear: “Ói, vocês estão vendo uma ruma de terreno”? Aí que a gente se reuniu pra construir a capela. [...] Por que, dizendo assim eu começava a aperrear o povo, eu dizia que a culpa num era só minha, era do povo também.

Assim, Sra. Júlia era entendida pelo padre como uma articuladora dentro de sua comunidade. Ele era uma referência que reunia as pessoas em sua casa para rezarem o terço que se estendia em reuniões políticas em prol de conseguir melhorias para a comunidade. Pela disponibilidade e pela subjetividade, Sra. Júlia tornou-se uma liderança em sua comunidade que se formou dentro dos movimentos da Igreja e do Clube de Mães e em contrapartida ajudou a disseminar os ideais de ambos.

3.2 No público e no privado: A moral dos Clubes de Mães.

Os dois âmbitos do cotidiano dos sujeitos – o público e o privado – começam a desenvolver lógicas próprias, cujos eixos básicos são a afetividade no mundo doméstico e a racionalidade, a inteligência e a eficácia no exercício do poder no mundo público.²⁴⁰

²⁴⁰ ROCHA-COUTINHO. Op. Cit., p. 32.

Não obstante o trabalho realizado nos Clubes de Mães reforçarem o ideal de mulher e estar diretamente vinculados à moral da Igreja; chama atenção o fato da própria ida aos clubes incomodar alguns maridos como se desarranjasse alguma ordem social. Em algumas falas fica evidente a negativa dos companheiros.

Sra. Vilian faz uma longa narrativa de sua experiência no clube de sua comunidade, e quando é questionada a respeito do que o marido pensava de sua participação e se havia enfrentado algum problema dessa natureza, ela cita a fala do próprio companheiro: “- *Ah... você num vai não!*”. Ao que ela replica tentando justificar: “- *Mas lá só tem muié*”. Segundo ela o companheiro, “*dizia que era muita trela*”. Ela questiona: “- *Isso é muita trela? Vocês quando saem bebendo cachaça também é trela!*” (risos). Ela encerra dizendo: “- *Eu enfrentei ora! Onde eu vai, vai minha cabeça, vai tudo! [...] Por que o home que tem ciúme de uma mulher que vai prum Clube de Mães, que é só muié, num dá certo não, é um veneno*”²⁴¹.

Ainda segundo Sra. Vilian, este não era um problema enfrentado só por ela, diz também saber de mulheres que não participavam dos clubes, por que os maridos proibiam, mas quando é questionada se na atualidade ainda existia esse tipo de problema, ela diz: “- *Não, hoje em dia é mais diferente, porque hoje em dia as mulheres são mais liberal. Antigamente elas eram mais abarcadas pros maridos machucar*”²⁴².

Sra. Aureliza também lembra como seu marido não gostava que ela participasse do clube, nem dos trabalhos voluntários que ela realizava. Sra. Aureliza se divorciou e quando relembra os últimos anos de seu casamento ela diz que: “- *Não, ele não interferia muito porque nós já estávamos balançado, né? Quando eu comecei trabalhar, não! Ele não queria que fosse voluntária, num queria que fosse para o clube, mas a coisa já estava mais pra lá do que pra cá, né?*”²⁴³. Ou seja, segundo ela, no começo do casamento existiam as pressões para a não participação nos movimentos em que ela se envolvia e essas pressões só diminuíram quando a relação já se mostrava desgastada.

²⁴¹ Maria Vilian Moura de Sousa. Op. Cit.

²⁴² Idem.

²⁴³ Idem.

Nas narrativas destas mulheres pode-se perceber uma atuação positiva delas ligadas a um horizonte masculino que circunscrevia a presença da mulher em casa, cuidando do marido e dos filhos.

Vê-se, dessa forma, como as mulheres fazem escolhas, intervém num dia a dia, constroem outras possibilidades de viver exercendo uma política que enfrenta adversidades inclusive no casamento.

Não se esqueçam da narrativa, já citada, de Sra. Ducarmo quando questionada da opinião do marido, seu Zé Moreno, onde a mesma cita o diálogo entre os dois:

- Já vai pra onde?
- Ora! Vou pro meu trabaio.
- Vai só andar.
- Vou não, vou trabaia.
- Olha o movimento!
- Eu acho bom é o movimento (risos) ²⁴⁴.

Sra. Ducarmo, assim como Sra. Vilian, fala descontraidamente sobre o assunto e demonstra orgulho ao enfrentar o marido para ir ao clube. Essa descontração pode estar mais presente na narrativa que na realidade, não se pode, contudo, dizer aqui nada além do que a entrevistada considerou relevante contar. Esses conflitos, entretanto, estão carregados da ideologia do controle e da repressão sobre as mulheres, que em geral, não são nada descontraídas.

Sra. Júlia é outra que diz ter encontrado resistência do marido; ressalta-se que Júlia não fazia parte somente do Clube de Mães, mas também organizava os eventos da Igreja Católica sua comunidade o que o que segundo ela, gerava o questionamento do marido: “- Se eu fosse, ele dizia: só vai viver de reunião?” ²⁴⁵ Fica claro que o marido quer chamar a atenção da esposa para suas atribuições no lar e no cuidado com a família de um modo geral.

Em entrevista a jovem senhora Gilvania, representante aqui da nova geração de sócias, encontra-se um relato que reafirma o posicionamento do marido em relação à participação dela no clube, também nos dias atuais:

²⁴⁴ Maria do Carmo de Jesus. Op. Cit.

²⁴⁵ Júlia dos Santos de Lima. Op. Cit.

Ah! Num quer que venha não. Olhe! quase todos os esposos das mulheres que vem pra cá num gostam não. Achrom que aqui o povo gosta de fofoca, gosta de inventar historia sabe? Aí acham que só vem pra fofocar. Acho que nenhum marido gosta que venha não viu. Ainda bem que durante o dia eles tão trabalhando, né? (risos).

[...]

Por que não tem futuro de da nada, que só vem pra inventarem historias, ficarem falando. Realmente a gente vindo pra cá sabe de muitas histórias, mas ninguém vem só pra isso, né? ²⁴⁶

É emblemático para o entendimento da moral envolvida nesta formação de mulheres, pensar as alegações para a proibição e o conflito gerado pela ida aos clubes, ou seja, alegar que lá é um lugar de fofocas e que não tem futuro de nada está carregado dos significados como a não relevância dos trabalhos por elas realizados e o desejo delas permanecerem em casa, cuidando de suas atribuições e longe das influências externas.

Não obstante, as formas de resistência também são latentes. Ao passo que Sra. Vilian diz enfrentar e entra em debates com o companheiro defendendo seu direito de participar. A jovem senhora Gilvania, parece preferir outro aspecto da resistência, aquela silenciosa. Demonstra que mesmo sabendo da negativa do companheiro, como ele não está em casa nos horários das reuniões para pressioná-la mais incisivamente, ela sai pra ir ao clube.

Eder Sader, ao analisar a resistência dos maridos ²⁴⁷ à participação das mulheres nos Clubes de Mães da periferia paulistana, esclarece que essa era em grande medida, amenizada pela presença da Igreja e um cotidiano voltado à leitura do evangelho e aos ensinamentos religiosos. No imaginário destes maridos elas estariam protegidas da ameaça à moral, o que parece não ter o mesmo efeito nos clubes do interior do Ceará.

A moral na qual estão inseridos os sujeitos desta pesquisa e suas famílias é um misto de mudanças e permanências do pensamento medieval, patriarcado colonial e da moral burguesa gestada ao longo de, pelo menos quatro séculos.

²⁴⁶ Gilvania Maria Galvão Nonato. Op. Cit.

²⁴⁷ SADER, Op. Cit., p. 204.

Para compreender a construção cultural da moral que permeia as relações familiares onde estão inseridas estas mulheres, é necessário entender as transformações ocorridas na própria estrutura familiar. Segundo Rocha-Coutinho “até o surgimento da sociedade industrializada moderna, a família extensa constituía o espaço onde conviviam o marido, a mulher e os filhos, juntos a serviçais, parentes e agregados” ²⁴⁸.

Nestes tempos pré-industriais, ainda não se referiam às mulheres como fracas, sensíveis e inadequadas para o trabalho físico pesado. Tampouco o cuidado com as crianças excluía a participação da mulher no processo econômico. Ao contrário, enquanto os dois setores – família e trabalho – não estavam separados, as mulheres trabalhavam ao mesmo tempo na produção e na reprodução, embora na maioria das vezes fossem responsáveis pelos recém-nascidos. ²⁴⁹

Os papéis e atribuições não estavam engessados nem sofriam com as pressões que se veria posteriormente e mesmo responsável pelos recém-nascidos, a responsabilidade pela criação e educação para um ofício, era coletiva. É no bojo dessas transformações que a divisão entre as esferas – público e privado – ganham contornos mais definidos e também mais excludentes:

Aos homens passa a caber o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder, e às mulheres é, então, atribuída a reprodução, em todas as suas formas, no seio da família. Seu trabalho como “reprodutora” é naturalizado e à mulher passa a caber a execução e a supervisão de uma série de tarefas conhecidas como “trabalho doméstico” que se realizam no âmbito da unidade familiar. ²⁵⁰

Na dinâmica das transformações sociais, pensar um ideal remete também a entender um contra ideal, percebendo com isso que ao passo da construção dos discursos e práticas a despeito das atribuições aos gêneros, onde às mulheres são designadas funções no âmbito privado, encontra-se também uma maior coerção àquelas que por um motivo ou por outro, insistem

²⁴⁸ ROCHA-COUTINHO. Op. Cit., p. 31.

²⁴⁹ Idem, p. 31-32.

²⁵⁰ Ibidem, p. 32-33

em ocupar os espaços públicos – a “mulher pública” ²⁵¹. Não obstante, tudo aqui se refere a paradigmas ou mesmo estereótipos; nenhum desses modelos encerra a complexidade das experiências das mulheres dessa pesquisa.

Quando a historiadora Cláudia Fonseca analisa os processos de disputas de guarda – entre pai e mãe, mãe e a avó paterna –, do início da República, no Sul do país, procura desenvolver essa discussão a cerca dos papéis construídos para as mulheres, em especial aquelas com acesso aos espaços públicos ²⁵².

Segundo a historiadora, os relatos presentes nos processos de disputas pela tutela dos filhos são parte de um conjunto de representações sociais das mentalidades de uma época. Ajudam a compreender os valores morais que nesse momento conduziam as sociabilidades e concluir que “a história, por distante que seja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual” ²⁵³.

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereotipo calcado nos valores da elite colonial. ²⁵⁴

No período analisado pela autora, mas também em diversos outros, tinha-se de um lado o inevitável trabalho feminino, imprescindível à manutenção do lar. Por outro lado expunha a ela e a toda família, em especial o marido, denunciando sua suposta incapacidade de prover o lar.

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”. ²⁵⁵

Os meios de coerção social destes sujeitos podiam ser encontrados na vizinhança, no próprio trabalho e claro, em casa. Essa vigilância e controle se

²⁵¹ FONSECA, Cláudia. Op. Cit., p. 516.

²⁵² Idem, p. 511.

²⁵³ Ibidem.

²⁵⁴ Idem, p. 517.

²⁵⁵ Idem, p. 516.

reverberam nos argumentos usados na disputa pela guarda de um filho, onde os discursos moralizadores são balizas para decisão.

Os processos evidenciam as atividades realizadas pelas mulheres, identificando se as mesmas estariam moralmente aptas ou não a permanecer com a guarda dos filhos. Nesta perspectiva, segundo Fonseca mesmo:

[...] as mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionais femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais, mas mesmo nesses casos, sempre as ameaçava a acusação de serem mães relapsas.²⁵⁶

No domínio dessa moral difundida, não se é de estranhar que mesmo sendo, os Clubes de Mães um espaço amparado pela Igreja e disseminador da referida moral, mas também por propiciar uma sociabilidade em âmbito público, estes provocarem um cenário de conflitos.

Na narrativa de Sra. Vilian, outro aspecto chama atenção. Segundo ela, na distribuição dos enxovais às gestantes, não havia nenhuma distinção quanto ao fato destas serem ou não casadas: “... *tando gestante ninguém queria saber se era casada ou se era solteira nem o que é não, sabe que vai... bota lá e recebe.*”²⁵⁷.

Também não se encontrou em nenhum documento oficial qualquer norma que ditasse a necessidade do matrimônio como pré-requisito à participação nos clubes, ou seja, a importância de reunir as mulheres para educá-las, disseminar a fé católica e instruir quanto aos cuidados com as crianças, suplanta ou ressignifica a moralidade católica em torno da mãe solteira e por vezes, como ressaltava D. Aureliano em suas cartas pastorais, são essas mulheres que mais necessitam da atenção da Igreja.

Entender essa dinâmica passa pela compreensão da relação que a Igreja Católica estabeleceu com essas mulheres através dos clubes no período em questão. A moral inscrita pela igreja nos corpos e mentes das mulheres as condicionam ao âmbito privado nos papéis de mães, esposas e donas de casa, mas contraditoriamente, as possibilita construir mediações com os espaços

²⁵⁶ Ibidem.

²⁵⁷ Maria Vilian Moura de Sousa. Op. Cit.

públicos, seja no trabalho de articulação de mais mulheres para os clubes e para atividades da igreja, seja na organização de eventos públicos como festas de santo, Dia das Mães, Natal, quermesses, etc.

No bojo dessas mediações, as mulheres envolvidas na experiência dos Clubes de Mães, constroem possibilidades de expressarem-se e viver momentos coletivos que seriam pouco prováveis não fosse pela participação em uma organização evidentemente ligada a Igreja e sua doutrina.

Assim, a Igreja, ao passo que encontra nos Clubes de Mães um meio de arregimentar mulheres e suas famílias, assegurando a manutenção de seus fiéis na perspectiva de uma moral cristã, também forja e legitima as lideranças femininas nas comunidades rurais e nos bairros de Limoeiro do Norte, estimulando assim, a presença dessas mulheres nos espaços públicos.

A conquista do espaço público pelas mulheres, não se dá, historicamente falando, de modo contínuo e hegemônico para todas as esferas sociais ocupadas por elas, em comum se sabe que foi somente através de lutas, públicas ou privadas, pontuais ou cotidianas, que a emancipação e autonomia feminina se processam.

Os estudos das experiências dos Clubes de Mães nas periferias da capital paulista entre as décadas de 1960 e 1980, por exemplo, já demonstram como se processa a formação política e de liderança das mulheres naquele momento e espaço. É a partir das vivências nos clubes que as mulheres das periferias paulistanas compreendem melhor as contradições e discrepâncias de seu cotidiano e constroem uma possibilidade de transformá-lo através de movimentos e articulações.

Compreende-se que mesmo nascendo em condições herdadas, as mulheres que participaram dos clubes constroem e conquistam espaços de atuação social por contarem também com os contextos que de alguma forma as favorece.

Em meio às controvérsias de uma igreja que buscava rever seus dogmas, o trabalho de clérigos e leigos envolvidos com a proposta de opção pelos pobres exercitam uma releitura dos ensinamentos cristãos e estimulam uma transformação na condição social dessas mulheres.

Os preceitos de ordem e moral cristã não são modificados, mas as necessidades sejam de manutenção dos fieis, seja a mudança na qualidade de vida dessas mulheres e suas famílias, acabam por reforçar e legitimar a necessidade de atuação delas fora de casa, o que foi significado por elas de diversas maneiras.

As experiências das mulheres participantes dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte devem ser apreendidas nessa perspectiva de diversidade, ou seja, elas não seguem a mesma proposta nem têm as mesmas expectativas ao ingressarem num clube. Algumas entendem como uma possibilidade de aprender algo novo ou repassar seus conhecimentos, de adquirir benefícios para elas e suas famílias, ou ainda uma oportunidade de sair um pouco das rotinas do lar e é através das narrativas dessas mulheres, ao rememorem o passado, que se pode tentar compreender os significados dessa vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

*Caminhante, são teus rastos
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há-de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.
(Antônio Machado)*

O esforço até aqui, conforme já sugerido, foi muito mais de suscitar outras perguntas do que encerrar na pretensão das respostas conclusivas. Entendendo, pois que esse trabalho foi delineado em grande medida pelas indicações das depoentes e tendo em vista a dinâmica das vivências dessas mulheres, não se pode tentar construir conclusões exatas.

Metodologicamente, trabalhar com os depoimentos orais não objetivou dar voz, mas sim dar escuta para essas mulheres, talvez ajudá-las a compreender a relevância de suas experiências ou mesmo contribuindo para retirá-las do isolamento dos espaços privados.

[...] nas possibilidades questionadoras da memória social, assumindo o desafio de, solidariamente com grupos e sujeitos que hoje reivindicam seus direitos à memória, produzir e articular outras histórias para além daquela que se valida e se torna visível no mundo acadêmico. Produzir narrativas históricas dessa maneira significa, de alguma forma, assumir uma pretensão de intervenção, buscando abrir outros ambientes e pactos sociais, construindo outras referências para produção, validação e socialização da escrita da história.²⁵⁸

Essas mulheres indicam o desejo dos seus “direitos à memória”, quando se afirmam através da valorização dos seus trabalhos manuais, de sua participação na formação dos clubes e de serem lembradas no âmbito familiares como boas mães e esposas. Elas não parecem ambicionar mais que

²⁵⁸ CRUZ, Heloisa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário. KHOURY, Yara Aun. Introdução. In.: MACIEL, Laura A. Outras histórias: Memórias e Linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 21.

isso, nem necessitar que suas histórias sejam traduzidas em trabalhos acadêmicos. Não obstante, nesse momento foi o exercício acadêmico que possibilitou “produzir e articular outras histórias” acerca das experiências delas no sertão cearense através dos Clubes de Mães, pois não fosse esse espaço agregador, como tornar tangíveis essas vivências?

Por meio dos depoimentos fica evidente a relação de afetividade que as mulheres depoentes em Limoeiro do Norte construíram, ao longo das décadas, com os clubes. Seja os entendendo enquanto ambiente de trabalho, de assistencialismo, lazer, ou todos esses aspectos juntos, são vivos os sentimentos de pertencer a uma organização e dar um significado para sua condição feminina através desse espaço.

Na observação da trajetória dessas organizações em Limoeiro, fica evidente, contudo, que os clubes sofreram com alterações e permanências ao longo de sua história, que em grande medida foram influenciadas por fatores conjunturais externos a eles.

Alguns dos referidos fatores externos já foram apontados ao longo do texto e nas falas das depoentes o misto é de nostalgia e esperança, pois na fala da Sra. Aureliza, ela explicita em meio a outras falas, saber de uma proposta para a revitalização dos clubes na cidade: “*Tem um plano agora de revitalizar os clubes*”. Ela não deixa claro, contudo, quem estaria à frente dessa empreitada se a prefeitura, a Igreja católica ou as duas juntas. O importante aqui é pensar como ela demonstra entusiasmo com a possibilidade desse projeto.

Assim, em meio a todas as análises críticas que a história social possa tecer a uma organização de mulheres que reforça a condição boa mãe, esposa, cuidadora, prendada, higiênica, cívica, obediente e disseminadora da moral e dos bons costumes, não se pode perder de vista a relevância pragmática e subjetiva que a possibilidade de participar de um Clube de Mães, acrescentou as experiências de vida dessas mulheres.

FONTES

Mapa 01: Mapa de Localização Territorial de Limoeiro do Norte-CE.

Fonte: Perfil Básico de Limoeiro do Norte-CE. IPECE (Instituto de Pesquisa e Estatística Econômica do Ceará)

Música: VELOSO, Caetano. O estrangeiro. In: Álbum – O estrangeiro. Rio de Janeiro: Polygram, 1989.

ENTREVISTAS:

- *Maria Vilian Moura de Sousa*. Entrevistada em dezembro de 2005.
- *Gilvania Maria Galvão Nonato*. Entrevistada em janeiro de 2006.
- *Maria do Carmo*. Entrevistada em fevereiro de 2006.
- *Maria do Carmo de Jesus*. Entrevistada em abril de 2006.
- *Claudina de Araújo*. Entrevistada em abril de 2006.
- *Áurea Aureliza Moura Bessa*. Entrevista em abril de 2010.
- *Socorro da Silva Regis*. Entrevistada em abril de 2010.
- *Júlia dos Santos de Lima*. Entrevistada em novembro de 2010.
- *Bernadete de Freitas Silva*. Entrevistada em novembro de 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALAYÓN, Norberto. **Assistência e assistencialismo: controle dos pobres ou erradicação da pobreza?** Editora Cortez, 1992.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940).** Prefácio de Maria Izilda S. de Matos. Maceió: Edições Cata-vento, 2003.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Violar Memórias e gestar a História.** In. CLIO – Revista de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Pernambuco – nº 15. Recife, Universitária, 1994.
- ANDRADE, Maria Lucélia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a terra”: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945).** Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2008.
- ARAÚJO, Erick Assis de. **Conservadorismo e Desordem na cidade de Fortaleza (1940-45).** Dissertação de Mestrado. UFPE, 1995.
- AZZI, Riolando. **Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964).** In. Família, Mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil. MARCILIO, Maria Luiza (Org.). São Paulo: Loyola. 1993.
- BARBOSA, Maria Nazaré Lins. **Convênios e parcerias entre o setor público e o terceiro setor: boas práticas em matéria de regime legal.** 2000.
- BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República.** São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1986.
- BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados.** In DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Mulheres no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder.** Petrópolis, Vozes, 1981. Apud: MIRANDA, Júlia. O Poder da fé: discurso e prática católicos. Fortaleza, Edições UFC, 1987.
- BRITES, Olga. **Infância, higiene e propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50).** In. Revista Brasileira de História. Vol. 20, nº 39, 2000.
- BRITO, Lucelmo Lacerda. **Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina.** In: Revista Espaço Acadêmico. Nº 111. Agosto de 2010.
- CARLINI, Angélica Lucia. **Mulheres de bairro de São Paulo e o Partido dos Trabalhadores: Política no Feminino?** Dissertação de Mestrado em História. PUC-SP, 1995.
- CAVALCANTE, Maurina Holanda. **Saber para viver: Igreja, Radio e Educação Popular. Uma Historia do MEB Limoeiro do Norte, CE (1962 – 1972).** Dissertação de Mestrado. Brasília, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

- CRUZ, Heloisa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário. KHOURY, Yara Aun. **Introdução.** In: MACIEL, Laura A. Outras histórias: Memórias e Linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2006.
- DOMEZI, Maria Cecília. **Elas ergueram painéis – Donas de Casa: Da luta contra o custo de vida à construção da cidadania. Periferia Sul de São Paulo, 1970-1980.** Dissertação de Mestrado em História, PUC-SP, 1997.
- FENELON, Dea Ribeiro. **Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa.** In: Projeto História, vol. X. São Paulo, 1993.
- FONSECA, Claudia. **Ser mulher, mãe e pobre.** In: DEL PRIORE, Mary (Org.) História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREITAS, Francisca Consolação de Sousa. **Imagens de Mulher: Questões de gênero na memória de velhas camponesas.** Monografia de graduação, Russas-CE, 2004.
- GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes.** Tradução de Eric Nepomuceno, ilustrações de J. Borges. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- GONÇALVES, Adelaide. **“Uma fábrica de homens utilizáveis”: sobre escola e instrução pública para os pobres no Ceará.** In: Em tempo: História, Memória, Educação. Kênia Sousa Rios e João Ernani Furtado Filho (Org.) Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org.: Liv Sovik; Trad.: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HEINEN, Jacqueline. **Políticas sociais e familiares.** In: HIRATA, Helena (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: UNESP, 2009.
- HIRATA, Helena Sumiko. **Trabalho doméstico: uma servidão “voluntária”?** In: Políticas públicas e igualdade de gênero / Tatau Godinho (Org.) Maria Lúcia da Silveira (Org.). – São Paulo: Coordenadoria Especial da mulher, 2004.
- _____. ZARIFIAN, Philippe. **Trabalho (Conceito de).** In: Dicionário Crítico do Feminismo/ Helena Hirata... [et. al]. (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOAQUIM, Maria Salete. **“Militantes de Clubes de Mães”: Os efeitos a experiência em organização popular de mulheres.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC-SP, 1990.
- LE GOFFE, Jacques. **Documento/Monumento.** In: História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Historia das mulheres.** Revista USP, Dossiê Nova História, 1998.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças.** Fortaleza-CE: Assis Almeida, 1996.

Sistema Escolar de Limoeiro do Norte: as colônias à escola que revolucionou o município. Fortaleza: Premium Editora, 2002.

- LOWY, Michel. **O Catolicismo Latino-americano radicalizado.** Trad.: Mario Laranjeira. In. Estudos Avançados, s/v. 1987.
- MAAR, Wolfgang Leo. O que é política. 16ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. **“Começou a surgir como uma flor”: o discurso das elites de Limoeiro do Norte – CE e a invenção da “Princesa do Vale”.** Monografia, Limoeiro do Norte – CE, 2007.
- MAIA, Mônica Emanuela Nunes. **“A necessidade do chicote”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 - 1954).** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE. 2005.
- MALVEIRA, Antônio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos.** PENELUC: Fortaleza, 1998.
- MATOS, Dom Aureliano. **Carta Pastoral – 1940: Saudando a seus diocesanos (a família; a criança e a juventude).** In: MALVEIRA, Antônio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos.** PENELUC: Fortaleza, 1998.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **"Reforma Capanema" (verbete).** *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.
- MIRANDA, Júlia. **O Poder da fé: discurso e prática católicos.** Fortaleza, Edições UFC, 1987.
- MONTENEGRO, Antônio torres. **Ligas Camponesas e Sindicatos rurais em tempos de revolução.** In: O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática. (org.) Ferreira e Delgado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural.** In. Revista POLITEIA: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, 2003.
- NIETZCHE, Friedrich. **A genealogia da moral.** São Paulo. Ed. Escala. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 20. 1998.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** Trad.: Yara Aun Khoury. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP. 1981.
- PERROT, Michelle. **História (sexuação da)*.** In. Dicionário Crítico do Feminismo/ Helena Hirata... [et al]. (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- PINHEIRO, Francisco José. **De um espaço livre dos povos indígenas para uma região da pecuária.** In: Propostas Alternativas - Vale do Jaguaribe: Natureza e Diversidade Cultural I (Nº 06), Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC). Fortaleza, 1999.

- _____. **Mundos em Confrontos: povos nativos e europeus na disputa pelo território.** In: Uma nova história do Ceará. (Org.) Simone de Sousa; Adelaide Gonçalves... [Et al] 2. Ed. rev. e atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- PINTO, Edileuza Freitas. **A Diocese de Limoeiro do Norte no processo de sindicalização rural do Vale do Jaguaribe, 1961-1969: Tabuleiro do Norte, Um Estudo de Caso.** Limoeiro do Norte – Ceará. 1998.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 - 1930).** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente.** In: Revista Projeto História. PUC-SP. N.14. São Paulo, 1997.
- _____. **“O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral.** In: FENELON, Dea Ribeiro. Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d’água. 2004.
- RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (Org.). Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- _____. **Trabalho Feminino e Sexualidade.** In: DEL PRIORE, Mary (Org.) História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- REGIS, João Rameres. **“Galinhas Verdes”: Memórias e História da Ação Integralista Brasileira: Limoeiro do Norte – Ceará (1934-1937).** Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Ceará – UFC, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza - CE, 2002. Apud. MACHADO, José Wellington de Oliveira. “Começou a surgir como uma flor”: o discurso das elites de Limoeiro do Norte – CE e a invenção da “Princesa do Vale”. Monografia, Limoeiro do Norte – CE, 2007.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. **Tecendo por traz dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RODRIGUES, Maria da Conceição Silva. **Entre o Público e Privado: Os Clubes de Mães em Limoeiro do Norte-CE (1960 - 1990).** Monografia de Graduação. UECE, Fortaleza-CE, 2007.
- SADER, Eder. **Quando os novos personagens entraram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970/80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAFFIOTI, Heleith. **Movimentos Sociais: Face Feminina.** In: CARVALHO, Nanci Valadares de, (Org.) Condição Feminina. Ed. Vértice, São Paulo, 1988.
- SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará: “instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915 - 1963).** UFC: Fortaleza, 2007.
- SCAVONE, Darci Terezinha de Luca. **Marcas da História da Creche na cidade de São Paulo: As lutas no cotidiano (1976-1984).** Dissertação de Mestrado. Itatiba, SP. 2010.

- SILVA, Claiton Marcio. **Discursos sobre a juventude rural participante de Clubes 4 - S (1959 - 1977)**. In. Revista Esboços. s/v, s/d.
- SOIHET, Rachel. **Enfoques Feministas e a história: Desafios e perspectivas**. In: Maria Izilda S. de Matos e Maria Angélica Soler. (Org.) *Gênero em debate: Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. Ed. EDUC: São Paulo, 1997.
- _____. **História das mulheres**. In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SOUZA, Claudia Moraes. **Pelas ondas do rádio: Cultura Popular, Camponeses e o Movimento de Educação de Bases**. Tese de doutoramento. São Paulo, 2006.
- THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- _____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- THOMSON, Alistair. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais**. In, AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- VIEZZER, Moema. **O Problema não está nas mulheres: Relações sociais de gênero e participação dos Clubes de Mães**. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1988.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres Leigas na Igreja de Cristo**. Bauru: Edusc, 2001.